O SEGREDO DA IMORTALIDADE

Frederick Bligh Bond

Pela mão de John Alleyne
(Capitão John Allan Bartlett)

PREFÁCIO DO AUTOR

Desde Novembro de 1907 até à véspera da Grande Guerra, eu e o meu amigo John Alleyne levámos a cabo experiências em escrita automática que resultaram na descoberta da Capela de Edgar e na adição de outros conhecimentos importantes sobre o plano e disposição da antiga Abadia de Glastonbury. Mais tarde, durante o tempo de guerra, voltámo-nos a encontrar e a história da Capela de Loretto foi revelada.

Em 1918, publiquei ambos os registos em "O Portal da Memória", mas só no final de 1919 tive a oportunidade de verificar o local e as dimensões da Capela de Loretto por meio de escavação. Como é geralmente conhecido, o manuscrito revelou-se verdadeiro em todos os detalhes, e o resultado constituiu um triunfo notável para o método psíquico de investigação no campo da arqueologia.

Continuei as nossas sessões de escrita ao longo do ano crítico de 1918 e também durante 1919 e 1920, mas com um resultado curioso. O texto de carácter arquitetónico cessou e, em seu lugar, começou a surgir uma série de discursos metafísicos que gradualmente se desenvolveram num sistema filosófico de natureza estranhamente interessante. Entre 1909 e 1913, manifestou-se, de tempos a tempos, uma tendência para previsões proféticas que, ocasionalmente, eram inseridas de forma inesperada na sequência.

Estas antecipavam claramente a Guerra e as mudanças e perturbações sociais que se seguiriam. Em 1918, o nosso manuscrito fez referências constantes à guerra e às lições a retirar dela. A grande catástrofe formou a base de uma série de ensaios filosóficos e de um sistema metafísico que procurava explicar a intenção “cósmica” subjacente ao grande conflito, remover dúvidas e reconciliar dificuldades pessoais nessa era de trevas e confusão.

Estes “manuscritos da guerra” reuni e publiquei sob o título “A Colina da Visão” em 1919. O Dr. Ralph Adams Cram (arquiteto da Catedral de São João) escreveu um prefácio e um posfácio. Neste último, discute a filosofia patente nos escritos, reconhecendo-a como um desenvolvimento da filosofia escolástica medieval. Cito o seguinte da sua opinião:

“Para mim, o ponto mais interessante é a correspondência entre os elementos filosóficos que se manifestam no ‘Manuscrito da Guerra de 1918’ e o sistema filosófico que foi finalmente aperfeiçoado na Idade Média, ao longo das três linhas de S. Tomás (dominicana), Duns Escoto (franciscana) e Hugo de São Vítor (agostiniana). Talvez seja mais seguro afirmar que a sugestão remete antes para as fontes de onde a filosofia medieval derivou: Plotino, Filão, Orígenes ou mesmo as primeiras escolas dos Peripatéticos e dos Pitagóricos.

A doutrina do ‘martírio da matéria’ pelo processo de redenção mediante a interpenetração do espírito é particularmente marcante. Doutrina semelhante é

património comum de todos os grandes sistemas filosóficos, seja qual for a sua data ou origem; e as descobertas confirmadas da ciência moderna parecem forçar um regresso a esta ideia primordial... Por mais surpreendentes e até sensacionais que sejam as Previsões da Guerra, tendo em conta as lacunas, as ocasionais aparentes inconsistências e a tendência por vezes para algo próximo do sentimentalismo, penso que o valor principal do 'Manuscrito da Guerra de 1918' reside nas suas possibilidades filosóficas.

Em todo o caso, constitui um bem-vindo antídoto para as muitas filosofias pós-medievais, de Descartes a Hobbes e Kant, até ao Positivismo e Pragmatismo. O mundo nada ganhou ao abandonar a filosofia sacramental da Escolástica (herdeira, como era, de todas as filosofias passadas desde o Neoplatonismo até aos pré-platónicos) para os sistemas intelectualistas-materialistas do modernismo. O mundo antes da guerra, a própria guerra e o caos presente do pós-guerra foram o resultado inevitável. O futuro, para valer a pena, terá de assentar noutros alicerces."

Desde que o Dr. Cram escreveu isto, o avanço da ciência – especialmente no domínio da astrofísica – tem vindo a dar maior peso às suas observações. As coincidências do manuscrito com os achados da Nova Ciência são notáveis.

O "Manuscrito da Guerra de 1919", do qual o Dr. Cram extraiu a sua opinião, representa talvez apenas um décimo de toda a série, cuja produção abrangeu os dois anos seguintes e totaliza 64 ensaios. O sistema filosófico delineado é tão abrangente que dificilmente deixa algum campo da atividade humana por abordar. Arquitetura, arte, música, linguagem, literatura, ciência e religião têm todos o seu lugar no esquema, estando todos organicamente ligados ao motivo central, de natureza profundamente espiritual e, ao mesmo tempo, prático na sua aplicação perfeita à vida e à conduta.

Durante os catorze anos que se seguiram à publicação do "Manuscrito da Guerra de 1918", foi sempre minha intenção dar forma perfeita e sequência a estes magníficos textos e apresentá-los ao mundo com a maior clareza e legibilidade possível. No presente volume consegui abordar cerca de metade deles; os restantes estão reservados para um volume complementar que espero publicar no próximo ano. Os escritos não são "monásticos" no sentido em que os primeiros manuscritos o eram, mas poderá notar-se uma coloração medieval na tendência filosófica.

Alegam ser-nos dados não pela "Companhia de Avalon", mas pela "Companhia dos Vigilantes" – uma irmandade mais antiga e augusta, encarregada de velar pelos destinos dos povos de língua inglesa e, em particular, da Grã-Bretanha, cuja missão de fermentação da nossa civilização parece reconhecer como de especial importância.

Por acordo com o falecido Sir William Barrett F.R.S., adotei um novo método para obter esta série de escritos. John Alleyne, o automatista, era munido de

lápis e papel, e eu pousava suavemente os dedos nas costas da sua mão de escrita, sem qualquer exercício de controlo muscular. Mas – e aqui está a novidade – lia-lhe constantemente enquanto a sua mão se ocupava a escrever, escolhendo sempre alguma literatura ligeira que facilmente prendesse a sua atenção consciente e assim a desviasse do trabalho em mãos. O resultado foi notoriamente bem-sucedido, pois observei sempre que a escrita fluía mais livremente enquanto ele me escutava.

Concluí que os poderes subliminares tinham muito maior liberdade, livres das inibições que qualquer grau de auto-consciência normalmente gera. Sir William Barrett, numa carta datada de 2 de Abril de 1918 (impressa na p. 132 de “A Colina da Visão”) diz: “Relativamente ao novo procedimento que adotou de ler em voz alta ao automatista para que a sua mente se interesse pelo que está a ouvir e assim se distraia do manuscrito, – trata-se de uma excelente ideia e de um ótimo método.”

Na compilação final deste volume, deparei-me com muitas dificuldades. Estas deveram-se, em parte, ao elevado número de linhas argumentativas, o que implicava inúmeras remissões cruzadas e grande cuidado na organização do material; e, também, à natureza apertada de grande parte da escrita: muitos dos textos eram extremamente difíceis de decifrar. Mas, acima de tudo, havia um curioso defeito de vocabulário, indiciando uma constante dificuldade em encontrar a palavra mais adequada para transmitir o sentido. Por vezes, isso conduziu a repetições excessivas e, noutras, a circunlóquios.

Consegui finalmente eliminar esses defeitos, cumprindo a recomendação que mais de uma vez me foi feita para que determinasse eu próprio a forma literária adequada. Esta instrução aplicava-se ainda com mais força a dois ou três textos da série que me foram entregues em forma de esqueleto, com a indicação de que os completasse segundo a luz que me fosse concedida. Essa luz soube-a ser uma compreensão intuitiva do verdadeiro sentido pretendido e nunca me falhou. Sempre, como resultado da meditação e do estudo, o significado profundo de uma passagem obscura acabava por se revelar; e, de um modo geral, senti desde o início uma estranha sensação de familiaridade com muitas das ideias e conceitos dos manuscritos, embora nada recorde na minha experiência ou leitura prévia que mas pudesse ter sugerido.

Pareceram-me como memórias da alma ou – direi, do espírito? Assim, a filosofia que me foi apresentada foi das mais facilmente assimiláveis pela mente, e na prática noto uma tendência habitual para a tornar minha, tanto no pensamento como na vida. Pareceu responder a todas as questões mais profundas da alma, nunca deixando de me dar contentamento e uma visão serena das coisas. Confio sinceramente que possa proporcionar aos leitores deste volume algo da satisfação que me trouxe, e que o meu esforço de interpretação tenha sido corretamente guiado na elucidação das ideias nele contidas.

Para a reação do automatista, John Alleyne, ao ler o manuscrito concluído, veja-se a sua carta impressa no Apêndice (p. 189).

Testemunho do Espírito do Homem: Motivações espirituais básicas: Trindade das forças criadora, conservadora e solvente. As paredes-prisão do tempo: a consciência física como atividade secundária do Espírito. O conceito de personalidade. Dois modos de consciência. A Consciência suprafísica e os seus atributos. Memórias do Espírito. Pressentimentos do Infinito. O Anjo do Terror. O advento de uma Ordem superior de Consciência.

A constituição trina do homem: relação entre Espírito, Alma e Corpo. A Alma como verdadeira Personalidade. Interações progressivas entre Espírito e Matéria. Etapas da evolução, mental e espiritual. A natureza psíquica primária. A memória coletiva como agente evolutivo. A memória da Natureza. Crescimento do princípio intelectual. Memória ancestral. Um quadro do estado primordial do Homem.

A relação do homem com a Natureza: obscurecimento e renovação. Perda das intuições. Regeneração da Matéria e sua redenção pelo Espírito. Transmutação da Matéria. Vestígios de uma antiga consciência espiritual. A arquitetura como testemunho da mente espiritual no Homem. Tipo e antítipo. Mensagem dos Templos. O advento do Logos ou Razão Espiritual. Aproximação da vontade material ao Espírito. Regresso a um simbolismo espiritual. Nova interação das duas forças da mente.

A vontade como agente evolutivo. A inércia ou preguiça como maior inimigo. O enredamento do Espírito na carne. A vontade da matéria. O embrião adormecido do Espírito: a sua estimulação pela oração. A oração do entendimento. Regeneração da vontade material. A busca do Caminho do Meio. O “Y” de Pitágoras. O caminho da realização. Uma nova dimensão do pensamento. Crescimento de uma música intelectual. Nascimento da personalidade imortal. O mistério do EEN. A gloriosa herança da Alma.

Princípios harmónicos na evolução. A necessidade da matéria. União da consciência exterior e interior. As janelas da alma. A casa escurecida e a porta de entrada. Parábola do escultor. O poder da mente para controlar a matéria. O homem como microcosmo. O tempo como função da matéria. A relatividade do tempo, espaço e energia. Libertação das memórias do espírito. Natureza relativa do Bem e do Mal. Advento do terceiro princípio. Os ideais infinitos do espírito. Ensinamentos da hierarquia druídica. As inovações celestes. Doutrina da progressão eterna.

O resgate das memórias do espírito: a sua qualidade típica e sintética. O ato de memória definido. Coloração reflexa da alma pelas suas experiências físicas. O REINO DO MEIO. O martírio da matéria. A poda da árvore da humanidade.

O conceito de infinito: as duas infinitudes como contrapartes. O encontro dos extremos. Parábola do claustro circular. Parábola das ondas de ar do Krakatoa e das duas eternidades. Analogias cósmicas. O sentido do tempo como hábito físico.

A verdadeira personalidade: os seus meios de expressão. O “alter ego”. O problema da linguagem. Dualidade da mediunidade. O manuscrito de Glastonbury. Transmissão da ideia e sua expressão. Profeta e filósofo. Princípio matemático na mente. A lei das afinidades na química como exemplo da vida emocional. Simbolismo das guildas maçónicas. Radiação da influência pessoal. O Sol, símbolo-mestre. Mensagem dos Vigilantes. A aura da personalidade. Natureza recíproca da memória. A sua ação telepática.

A vida do outro lado. A personalidade como resultado da experiência. Elementos mundanos. Realização na alma coletiva. Personalidade coletiva. Qualidade do instinto. Responsabilidade individual e coletiva. Força acrescida da personalidade na esfera etérica. Elementos temporais nessa esfera. Persistência de certos aspetos da experiência terrena.

O poder dos nomes e das palavras. A “geometria”. Palavras de significado espiritual. Palavras de poder. Elemento intuitivo da linguagem. Significado dos nomes próprios. Estrutura simétrica em certas línguas. Imaginário e forma arquitetónica na literatura sagrada. Uso de grandes nomes na comunicação espiritual.

O eclipse da intuição. Utilização do simbolismo solar. Recordação de um simbolismo mais espiritual. O caminho ascendente para a humanidade. O homem levará toda a Criação consigo. O grande sacrifício e redenção da matéria. A matéria e as suas energias. A única substância. A única forma de energia positiva. Os três fatores de modificação. Fatores enarmónicos na energia criadora. Os seus recíprocos na alma. Teoria da telepatia e da metagnomia. Outros campos de energia vibratória. Consciência subliminar do homem sobre estes. Influências planetárias. Mistério da conceção e do nascimento. O livre arbítrio divino na criação variada.

Na compilação final do presente volume, deparei-me com muitas dificuldades. Estas deveram-se, em parte, ao grande número de linhas de argumentação, implicando inúmeras remissões cruzadas e grande cuidado na organização do material; também à natureza apertada de grande parte da escrita, pois muitos dos textos eram extremamente difíceis de decifrar. Mas, acima de tudo, existia um curioso defeito de vocabulário, que sugeria uma dificuldade constante em encontrar a palavra mais adequada para transmitir o sentido. Em alguns casos isso levou a repetições excessivas e, noutros, a circunlóquios. Consegui

finalmente eliminar estes defeitos, cumprindo a recomendação que mais de uma vez me foi dada de que deveria determinar eu próprio a forma literária correta. Esta injunção aplicava-se ainda com mais força a dois ou três textos da série que me foram dados em forma de esqueleto, com a indicação de que os completasse segundo a luz que me fosse concedida.

Essa luz sabia ser uma compreensão intuitiva do verdadeiro sentido pretendido e nunca me faltou. Sempre, como resultado de meditação e estudo, o sentido profundo de uma passagem obscura acabava por se revelar; e, de um modo geral, desde o início tive a estranha sensação de familiaridade com muitas das ideias e noções do manuscrito, embora nada recorde na minha experiência ou leitura passadas que as pudessem ter sugerido.

Pareceram-me como memórias da alma ou — direi, do espírito? Assim, a filosofia que me foi apresentada revelou-se das mais facilmente assimiláveis pela mente e, na prática, verifico uma tendência habitual para a tornar minha, tanto em pensamento como em vida. Parece responder a todas as questões mais profundas da alma e nunca deixou de me trazer contentamento e uma visão serena das coisas. Confio sinceramente que possa trazer aos leitores deste volume algo da satisfação que me trouxe a mim, e que o meu esforço de interpretação tenha sido devidamente guiado na elucidação das ideias nele contidas.

FREDERICK BLIGH BOND.

Para a reação do automatista, John Alleyne, após a leitura do manuscrito completo, veja a sua carta impressa no Apêndice (p. 189).

Testemunho do Espírito do Homem: Motivações espirituais fundamentais: Trindade das forças criadora, conservadora e solvente. As paredes-prisão do Tempo: A consciência física como atividade secundária do Espírito. O conceito de Personalidade. Dois modos de consciência. A Consciência suprafísica e os seus atributos. Memórias do Espírito. Pressentimentos do Infinito. O Anjo do Terror. O advento de uma Ordem superior de Consciência.

A constituição trina do Homem: Relação entre Espírito, Alma e Corpo. A Alma como verdadeira Personalidade. Interações progressivas do Espírito e da Matéria. Etapas da evolução mental e espiritual. A natureza psíquica primária. A Memória de Grupo como agente evolutivo. A Memória da Natureza. Crescimento do Princípio Intelectual. Memória Ancestral. Um quadro do estado primordial do Homem.

A relação do Homem com a Natureza: o seu obscurecimento e renovação. Perda das suas intuições. A regeneração da Matéria e a sua redenção pelo Espírito. A transmutação da Matéria. Vestígios de uma anterior consciência espiritual. A arquitetura como testemunho da Mente Espiritual no Homem. Tipo

e antítipo. Mensagem dos Templos. Advento do Logos ou Razão Espiritual. Aproximação da vontade material ao Espírito. O regresso ao simbolismo espiritual. Nova interação das forças gémeas da mente.

A Vontade como agente evolutivo. A inércia ou preguiça como o maior inimigo. O enredamento do Espírito na carne. A Vontade da Matéria. O embrião adormecido do Espírito: a sua estimulação pela Oração. A Oração do Entendimento. Regeneração da Vontade Material. A Busca do Caminho do Meio. O "Y" de Pitágoras. O Caminho da Realização. Uma nova dimensão do pensamento. Crescimento de uma música intelectual. Nascimento da Personalidade Imortal. O mistério do EEN. A gloriosa herança da Alma.

Princípios harmónicos na Evolução. A necessidade da Matéria. União da Consciência exterior e interior. As janelas da Alma. A casa escurecida e a porta de entrada. Parábola do Escultor. O poder da mente para controlar a matéria. O Homem como microcosmo. O tempo como função da matéria. Relatividade do tempo, espaço e energia. Libertação das memórias do Espírito. Natureza relativa do Bem e do Mal. Advento do Terceiro Princípio. Os ideais infinitos do Espírito. Ensinamentos da hierarquia druídica. As inovações celestes. Doutrina da progressão eterna.

O resgate das memórias do Espírito: a sua qualidade típica e sintética. O ato da Memória definido. Coloração reflexa da Alma pelas experiências físicas. O REINO DO MEIO. O martírio da Matéria. A poda da Árvore da Humanidade.

O conceito do Infinito: as duas infinitudes como contrapartes. O encontro dos extremos. Parábola do claustro circular. Parábola das ondas de ar do Krakatoa e das duas eternidades. Analogias cósmicas. O sentido do tempo como hábito físico.

A verdadeira Personalidade: os seus meios de expressão. O “Alter Ego”. O problema da linguagem. Dualidade da mediunidade. O manuscrito de Glastonbury. Transmissão da ideia e sua expressão. Profeta e filósofo. Princípio matemático na mente. Lei das afinidades na química como exemplo da vida emocional. Simbolismo das guildas maçónicas. Radiação da influência pessoal. O Sol, símbolo supremo. Mensagem dos Vigilantes. A aura da Personalidade. Natureza recíproca da memória. A sua ação telepática.

A vida do outro lado. A Personalidade como resultado da experiência. Elementos mundanos. Realização na alma coletiva. Personalidade coletiva. Qualidade do instinto. Responsabilidade individual e coletiva. Maior força da personalidade na esfera etérica. Elementos temporais nessa esfera. Persistência de certos aspetos da experiência terrena.

O poder dos nomes e das palavras. A “geometria”. Palavras de significado espiritual. Palavras de poder. Elemento intuitivo na linguagem. Significado dos nomes próprios. Estrutura simétrica em certas línguas. Imagens e formas

arquitetónicas na literatura sagrada. Uso de grandes nomes na comunicação espiritual.

O eclipse da intuição. Utilização do simbolismo solar. Recuperação de um simbolismo mais espiritual. O caminho ascendente para a humanidade. O homem arrastará toda a criação consigo. O grande sacrifício e redenção da matéria. A matéria e as suas energias. A única substância. A única forma de energia positiva. Os três fatores de modificação. Fatores enarmónicos na energia criativa. Os seus recíprocos na alma. Teoria da telepatia e metagnomia. Outros espectros de energia vibratória. Consciência subliminar do Homem sobre estes. Influências planetárias. Mistério da conceção e do nascimento. O livre arbítrio divino na criação variada.

A Comunhão entre os Dois Mundos: O Elo Intuitivo. A Segunda Morte, uma transmutação para o Grande Silêncio. Necessidade de orientação do Livre-Arbítrio do Homem: a sua enorme responsabilidade. Assimilação das Forças Espirituais pelo Homem: estas devem ser estabilizadas pela Ação. O Espírito definido: a Personalidade como sua mais elevada expressão conhecida. Nota sobre o “Grande Silêncio”.

As Cascas da Personalidade. Fatores de Decadência. Períodos de Renovação Cósmica. A Espiral Ascendente e o Caminho de Elevação para toda a Criação. A Lei Periódica e a Relação do Tempo nas Duas Esferas. Crises Periódicas no Éter. Involução das Forças Etéricas. Lei Harmónica na História. Dever de educar a natureza intuitiva. A Tarefa da Educação Espiritual – um aviso e um apelo.

Era de servidão espiritual aos Poderes Temporais. A consciência de um Eu Maior. Pioneiros Espirituais da Humanidade. Submissão do Poder Intuitivo à força intelectual. O advento da Filosofia. O cativeiro do Espírito ao Poder Temporal. O Papado e o Império Romano. O regresso de uma Filosofia Espiritual. Os frutos da nova liberdade. Busca da Realidade.

Desenvolvimento da intercomunhão. Chave da resposta simpática. Renúncia dos desencarnados. O poder da oração coletiva. Elementos psicofísicos na intercomunicação. Eterna lembrança no Espírito. As companhias na Igreja Invisível. O conhecimento dos Vigilantes acerca dos acontecimentos da Terra. Fenómenos cósmicos discutidos.

As energias involutivas do Espírito manifestam-se na gravitação. O éter como plenum. A matéria como vácuo relativo. A energia absorvida pela matéria e reaparecendo como radiação. Manifestação de uma Lei Superior. Como o Homem pode vencer a gravidade.

O apelo das sete emoções: as sete tipificadas em cor e som. Os dois tipos de música e a sua união para uma expressão musical perfeita. Analogias retiradas da arte pictórica e literária. Natureza das sete emoções espirituais. Tipos

variantes de génio nacional. O seu controlo. A Inteligência Suprema que tudo dirige.

A encarnação da mónada espiritual. O processo da conceção. Intenção do desenvolvimento intelectual. A bem-aventurança final. A veste nupcial da alma e o seu ideal. A vontade criativa em manifestação. O carácter negativo do mal. O objetivo da liberdade material. Equilíbrio das forças espirituais. Como o Espírito modifica o ciclo material. A espiral evolutiva.

Elementos psíquicos na hereditariedade. Simplicidade da psique nos clãs. Explicação do poder da “segunda vista”. Sintonização da natureza instintiva. A consciência total e inteligente do Criador. A alma de um povo. Resultados da violação das fronteiras nacionais. Emergência de elementos raciais submersos. A intenção e os usos da guerra. A razão do fracasso da Alemanha. Inferioridade dos métodos brutos.

O fim da guerra e o início da Era do Controlo Espiritual. A poda e enxertia das nações. Nascimento de uma nova consciência racial. Núcleo do Israel espiritual. Nascimento da consciência individual a partir da tribal. Caminho aberto para o advento da Compreensão Superior. Escravização temporária da psique pelo intelecto. Os hebreus como dispersores da semente espiritual. A fermentação da civilização ocidental pelos elementos psíquicos absorvidos das raças obscuras. Promessa de maior progresso a partir da fusão destes.

Conclusão.

O Segredo da Imortalidade: O dom da Gnose e o despertar da Alma. Ressurgimento da Memória e Experiência passadas: a sua tradução em Realidade Presente. Transcendência da Personalidade e União do Ego e do Exego. A liberdade na Dimensão do Tempo. O Portal da Memória. O Passaporte do Viajante. A base de todos os fenómenos de sobrevivência é de natureza telepática. Campos de nova experiência que divergem do recordar. Uma gloriosa possibilidade.

A Lei Telepática em todos os contatos mentais ou emocionais: o património de múltiplas inspirações. Relatividade da Mente Individual. Personalidade como distinção relativa. O nexo do Espírito que une o Eu e o Outro. A Faísca sobre o Abismo. Contraparte subliminar do reconhecimento e perceção externa. A marca mútua da personalidade. A verdadeira intercomunicação espiritual é subjetiva. Sentido da presença psíquica do outro. Persistência da Personalidade em todos os símbolos. Presença perpétua do Terceiro ou Espírito Unificador.

Apêndice.
Atestações ao Manuscrito, etc.

Sobre a Memória da Natureza (O Quadragésimo Segundo Manuscrito)

"Toda a Memória é um fermento da Matéria e modifica a constituição da Matéria, seja ela considerada animada ou inanimada – seja mineral, vegetal, animal ou homem. As próprias formas das coisas materiais reproduzidas pela Natureza ao longo de todas as eras, até a evolução destas formas, enquadram-se no âmbito da Memória. A planta cresce; as suas folhas, os seus ramos, seguem os padrões bem recordados que, atuando sobre impressões ancestrais de Memória, procriam Vida renovada numa base semelhante de Forma, sob o impulso acrescido do ímpeto do Crescimento, que é o Impulso Criativo.

As formas reproduzidas pela Memória da Natureza estão sujeitas a influências exteriores que tendem a modificá-las. Estas influências do ambiente são, por sua vez, impressas na Memória de Grupo e, com o tempo, causam uma modificação dessa Memória. Após certo tempo, esta nova influência pode ser suficientemente forte no seu impato para determinar de novo o tipo que a Memória irá reproduzir. Assim, em determinado estádio, uma nova espécie manifesta-se.

Existem, então, dois fatores que determinam o crescimento de um organismo. São eles: a Memória da Natureza e o Impulso Criativo. Este último deve distinguir-se do mero ato de reprodução que emana das forças parentais nas plantas, nos animais e no homem. Assim, a memória das formas ancestrais tende a repetir-se sob o controlo do grande Pai da Memória, com o impulso adicional da Força Criativa.

A memória da experiência de inúmeros antepassados é assim reproduzida e reconstituída no Indivíduo da geração presente que representa a Espécie. E nesse indivíduo estão os germes de toda a Memória da Experiência Ancestral, juntamente com as influências formativas a ela ligadas. Esta Memória manifesta-se como Intuição: e, como já dissemos, é a Intuição, e não o Conhecimento adquirido, que é reproduzida pela emoção sexual parental."

O DESPERTAR DA FACULDADE RACIONAL

O crescimento da consciência intelectual.

Pouco a pouco, ensina-se-nos, estes hábitos mentais ancestrais, aumentando em número e poder com a acumulação da experiência racial entre condições de perpétuo conflito com a Natureza e as necessidades de constante adaptação às dificuldades do ambiente, induziram uma vigilância individual da qual gradualmente se desenvolveram as faculdades racionais e intelectuais da mente. Por lentos graus, o homem desceu cada vez mais para relações plenas

com o seu meio material e o instinto de autopreservação individual passou a dominar. Na longínqua infância da raça, muito para lá dos tempos que a história ou a tradição possam referir, o homem primitivo era capaz de comunicar as suas ideias aos seus semelhantes, não por linguagem tal como a conhecemos (pois a linguagem é um desenvolvimento intelectual), mas pela transferência intuitiva do pensamento, expressa por simbolismo que a sua consciência psíquica pudesse proporcionar.

Memória Ancestral
(O Primeiro Manuscrito)

“A Memória Ancestral é habitualmente a fonte de toda a imagem e simbolismo em que os homens da época moderna costumam revestir e expressar as suas ideias. Numa fase muito anterior, a marca de uma compreensão espiritual original era ainda forte na mente dos homens. Isto era antes de as suas recordações herdadas das obras e experiências dos seus antepassados se terem acumulado nas suas memórias oníricas, obscurecendo a Intuição do Espiritual neles.

Nesse tempo remoto, dizem os Mestres, o Homem escolhia, para expressão das suas ideias, símbolos de ordem espiritual mais do que natural: pois é evidente que a sua imagem mental deveria…”

Pouco a pouco, somos ensinados, esses hábitos ancestrais da mente, aumentando em número e força com a acumulação da experiência racial em condições de conflito perpétuo com a Natureza e com as necessidades de constante adaptação às dificuldades do ambiente, induziram uma vigilância individual da qual, gradualmente, se desenvolveram as faculdades racionais e intelectuais da mente.

Por lentos graus, os homens desceram cada vez mais completamente para relações plenas com o seu meio material, e o instinto de autopreservação individual foi ganhando ascendência. Na infância remota da raça, muito, muito antes dos tempos de que a história ou a tradição nos possam dar sinal, o homem primitivo era capaz de comunicar as suas ideias aos seus semelhantes, não por linguagem tal como a conhecemos (pois a linguagem é um desenvolvimento intelectual), mas pela transferência intuitiva do seu pensamento, expressa por simbolismo que a sua consciência psíquica pudesse proporcionar.

“A Memória Ancestral é geralmente a fonte de toda a imagética e simbolismo em que os homens da época moderna costumam revestir e exprimir as suas ideias. Num estado muito mais antigo, a marca de uma compreensão espiritual original era ainda forte nas mentes dos homens. Isto foi antes de as recordações herdadas das obras e experiências dos seus antepassados se

terem acumulado nas suas recordações oníricas, obscurecendo a Intuição do Espiritual neles.

Nesse tempo longínquo, dizem os Mestres, o Homem escolhia, para expressão das suas ideias, símbolos de ordem espiritual e não natural: pois é evidente que a sua imaginação mental então deveria estar isenta da complexidade colorida derivada da experiência ancestral que se acumulou através de longas gerações.

Mas ao longo de toda a longa era de um materialismo crescente, o Homem tem estado sempre, no seu pensamento subliminar, vagamente consciente de uma perda de luz espiritual. Em momentos de exaltação ou de forte emoção, sentiu, em lampejos quebrados, a harmonia de um estado original do qual se sente exilado, tristemente. Está vagamente consciente de uma opacidade crescente a essa influência direta do Espírito que sabe, por instinto, ser o seu verdadeiro guia—como foi para aqueles que o precederam.

O Homem tem-se esforçado por preservar, o melhor que pode, essas Memórias do Espírito que rapidamente se desvanecem, e por realizar as suas belezas, ainda que de forma ténue ou ligeira. E para esse fim, agarrou-se a todo e qualquer conhecimento material que pudesse parecer útil para corporizar na sua consciência desperta e nas suas memórias uma realização dos valores espirituais.

Essa impressão espiritual original, cuja ténue recordação ainda é prezada pelo homem, era em si pura e não adulterada por qualquer mistura material grosseira: pois era a realização direta do Impulso divino que a criou. Esse Impulso podia falar ao sentido intuitivo do Homem através de todo o mundo da Natureza harmoniosa.

Por isso, cada criatura viva podia, pela sua forma, qualidade e atributos, transmitir à inteligência espiritual do Homem o seu verdadeiro carácter e os sinais superiores da sua alma, dos quais as características exteriores eram o fiel símbolo. Assim, nesses tempos recuados em que o Homem podia comungar com o Espírito Universal—tempos que nos são figurados, alegoricamente mas com verdade, na história do Éden—quando, em símbolo bíblico, o Homem caminhava com Deus no jardim e Deus lhe falava—o Homem podia, pelo seu poder de compreensão espiritual, nomear cada ser vivo.

Pois conseguia captar infalivelmente todas aquelas variadas formas e aspetos que davam expressão à Mente do Criador, não só no plano humano, mas também noutros planos—planos de simbolismo elevado que não eram senão uma cristalização superior, em esferas menos materiais, das mesmas Ideias Divinas que se expressam nas perfeições terrenas.”

Quão sublimemente espiritual é o quadro assim transmitido do primeiro estado do Homem, no usufruto de uma natureza psíquica original, com sensibilidade

não obscurecida pelos cuidados e lutas do interesse e ambição pessoais; antes de a febre da busca de prazeres ter perturbado o seu sereno gozo da beleza que o rodeava na Natureza, à qual as suas intuições respondiam sem necessidade dos artifícios da fala ou da escrita.

O seu ambiente na Natureza, também, parecia responder ao seu espírito de formas e graus que só podemos agora imaginar tenuemente, com as nossas condições de existência endurecidas, em que vagueamos, cada qual um mistério solitário, num mundo ao qual não conseguimos penetrar com o pensamento para compreender o seu verdadeiro interior, devendo contentar-nos com as noções superficiais da sua essência que colhemos através dos sentidos físicos, com apenas o frio alcance da razão e a inferência a partir de sinais exteriores para nos dar a sombra dessas realidades, na medida que tais meios o permitem apreender.

Felizes podemos considerar aqueles cujos sentidos psíquicos permanecem suficientemente desanuviados para lhes proporcionarem, ao longo da vida, um sentido permanente da sua união com a Vida que está em todas as coisas, e que podem sentir-se, com verdade, parte da Natureza. Para tais, a dissolução do corpo não trará receios, pois reconhecerão intuitivamente a morte como uma mudança na forma de perceção, o desvio do foco da atenção consciente do plano exterior para o plano interior da vida.

CAPÍTULO III
A RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA: O SEU OBSCURECIMENTO E RENOVAÇÃO

Foi mostrado como, através do longo arco do declínio do Homem desde um estado espiritual original, no qual as suas intuições tinham plena liberdade e ele era o filho voluntário e obediente dos Mestres e governadores espirituais que lhe foram designados, desceu, com o desenvolvimento do seu intelecto físico, a um nível mais material de perceção, o que lhe obscureceu as sensibilidades mais finas. Esta descida era inevitável: pois, até que se tornasse, no sentido pleno, um agente individual com poder de escolha moral, não poderia haver progresso evolutivo para ele.

Tinha de comer do fruto da Árvore do Bem e do Mal: tinha de aprender, por tentativa e erro, o que escolher e o que rejeitar. Tinha de conhecer o pecado, para que pudesse, de livre vontade, regressar das suas vaidades a uma posse definitiva das realidades do Espírito e receber a receção que é negada aos "justos que não precisam de arrependimento."

Houve um corte entre o Homem e a Natureza devido ao seu progressivo isolamento, e esse corte terá de continuar até que ele se torne uma Personalidade completa e perfeita. Houve também para ele uma mudança

recíproca no próprio rosto da Natureza. Pois, na Natureza, também, esta tendência para a materialização tem vindo a atuar. Entre o Exterior e o Interior existe sempre uma verdadeira e equilibrada resposta e correspondência. Assim, à medida que o Homem se torna mais material no seu pensamento, o seu ambiente na Natureza assume um aspeto cada vez mais material. Tal como o Homem sofre a perda daqueles poderes de espírito e alma que tornam a matéria plástica ao seu pensamento e vontade, também as leis e condições que regem a Matéria tendem a tornar-se mais rígida e mecanicamente, e as forças mais subtis que permitem essa plasticidade aos poderes da Mente tornam-se mais impotentes para se revelar.

À medida que o poder do Espírito deixa de ser dominante no Homem, também o poder afim desse núcleo espiritual, que reside no coração de todas as coisas criadas, se torna mais enclausurado, oculto e escondido à sua vista. A Alma da Natureza adormece. Mas a Matéria e as suas leis não são mais do que o reflexo – nas suas qualidades objetivas – da consciência espiritual do Homem: e com cada mudança progressiva no estado percetivo do Homem, o arco do seu destino reflete-se, de forma precisa e inevitável, no aspeto das coisas que o rodeiam.

Assim, à medida que o Homem degenera da sua pureza primitiva de Intuição, também a própria Matéria degenera e morre, em sentido espiritual, tornando-se Mecanismo: exibindo apenas os aspetos mecânicos da lei e sujeitando-se apenas ao processo mecânico.

A Regeneração da Matéria e a sua Redenção pelo Espírito

Mas o Homem encontra-se agora num período de transição. Estão agora em funcionamento nele dois processos: por um lado, a Velha Lei da Degeneração, que vai cumprindo o seu desfecho final; por outro, a Lei Regeneradora, que reage continuamente sobre a sua condição material e recupera os elos perdidos com um estado há muito esquecido de experiência e intuição espiritual. E com que ganho extraordinário!

Pois agora vislumbra a possibilidade de recuperar não só tudo o que perdeu, mas também o inestimável tesouro de um ambiente regenerado e purificado, um Universo de Alma, em que todos os poderes e relações infinitamente variados da Matéria – todos os produtos imperecíveis do Espírito no seu trabalho sobre e na Matéria – serão trazidos à manifestação imortal e preservados numa beleza sem fim.

E nestes, como numa veste radiante, encontrará o Espírito a sua expressão perfeita. Tal é a herança prometida à alma; o prémio que espera cada um que corre fielmente a corrida e suporta as provações da longa disciplina de aprendizagem.

Os nossos físicos discutem hoje a operação, no grande universo, de dois processos contrastantes: um, que tende à dissolução e desintegração de toda a Matéria, até uma “morte” final por transmutação em calor e radiação; outro, agora pela primeira vez suspeitado como um processo paralelo, de reintegração da matéria pela ação de obscuras forças cósmicas, para a edificação de um novo Cosmos, renovado com novas energias e poderes de ordem criativa.

Em 1918, tudo isto foi claramente antevisto no manuscrito dado por aqueles que se designavam “Os Vigilantes”, nas seguintes palavras:

Sobre a Transmutação da Matéria
(O Segundo Manuscrito)

“A Matéria, tal como a conheceis, continuará a degenerar, pois a Velha Lei opera até ao seu desfecho designado, e o Primeiro Impulso desvanece-se nesse declínio do seu estado original. Contudo, a par disso, a Nova Lei entra em atividade com todas as suas reações espirituais sobre a Matéria. Tendes assim o paradoxo de que, enquanto o Princípio espiritual e sustentador acabará por abandonar totalmente a Matéria – e, portanto, a Matéria, no seu estado final (de desintegração amorfa), morrerá e desaparecerá; contudo, durante a dissolução do estado mais grosseiro do ser, crescerá de novo e desenvolver-se-á noutro domínio, o Mundo da Inteligência, recristalizando em formas novas e mais subtis – em formas mais estáveis e mais recetivas à ação da Mente, que já começa a afirmar o seu domínio sobre as leis mecânicas naqueles cujo intelecto está voltado para o reconhecimento e serviço do Espírito.

A substância mais fina do corpo humano começa a revelar a sua submissão às forças da alma e do espírito; atravessando as fronteiras da carne e atuando ao longe sobre as coisas externas sob a direção da Mente que nela habita. Pois o mundo do Pensamento é uma forma mais elevada de Matéria produzida pelas reações do espírito humano sobre as formas mais grosseiras: e neste Reino do Intelecto, o Espírito voltará a atuar com crescente poder e influência; de modo que, no fim, um Reino espiritual se envolverá nos interstícios desta Matéria Superior.

Então chegará o tempo em que as formas inferiores de Matéria desaparecerão completamente: a Velha Terra e os Céus enrolando-se e desaparecendo como um pergaminho queimado. Pois o Núcleo espiritual que as sustém será retirado; e, privado desse núcleo, não poderá mais existir. Mas a sua essência, os seus poderes, serão sublimados e levados para uma esfera mais elevada; para um novo mundo criado como uma Terra Média entre a Matéria e o Espírito: e esse será o Novo Reino dos Céus. Assim, a Regeneração da Matéria será realizada, em primeiro lugar, pelo poder do Intelecto

espiritualmente dirigido e em pleno controlo da Matéria. E depois, deste Reino Intermédio da Mente, um Reino superior do Espírito nascerá por sua vez."

Tem sido a nossa tarefa até agora apresentar a ideia geral de como a consciência intelectual do homem se sobrepôs à sua natureza espiritual original, ao ponto de criar um estado de submersão nessa forma primordial de consciência, o que resultou na atrofia dos seus poderes: pois o Intelecto tornou-se dominante e suprimiu e substituiu, de forma implacável, o Sentido Intuitivo, que já não pode funcionar com clareza ou certeza na grande maioria dos indivíduos. Permanece como uma ténue Memória da Alma e é mantida viva principalmente pelo exercício da natureza emocional que chamamos Religião.

Assim, acontece que todas as nossas intimações da Imortalidade se confinam ao campo da intuição psíquica e espiritual; e o lado intelectual da mente humana, sempre empenhado nas suas associações materiais, não pode conceber nem sugerir qualquer noção de realidades para além da experiência dos sentidos e do que o cérebro pode construir a partir deles. Natural e inevitavelmente, assim, surgiu entre os homens uma filosofia de natureza puramente materialista; e com ela está associada um tipo de credo religioso que, através dos seus profetas, pregou uma doutrina de trevas e desespero. Mesmo entre aqueles que acreditavam num Deus ou Deuses, este evangelho de escuridão dominava.

As palavras dos profetas do Antigo Testamento refletem-no. Na era do Novo Testamento, o mesmo se encontra no culto do Templo dos saduceus, que negavam a ressurreição e a existência de seres desencarnados de ordem angélica. Mesmo nos Salmos parecem encontrar-se traços disso; por exemplo: "Quando o sopro do homem se vai, ele volta à sua terra, e nesse instante perecem todos os seus pensamentos."

Se não for auxiliada pela Intuição, portanto, a consciência intelectual do homem nunca ultrapassará as suas limitações: pois está circunscrita pelas condições físicas, sujeita às leis da matéria, ao domínio do Tempo e do Espaço e, por último mas não menos importante, ao isolamento do indivíduo na sua habitação carnal, como um prisioneiro incapaz de escapar e só conseguindo comunicar com o mundo fora dos limites do seu ser pessoal através de símbolos de fala, gestos e expressões faciais: pela visão, pela audição e pelo tato.

Será de admirar que aqueles em quem o modo intuitivo de consciência tenha sido negado, por hereditariedade ou falta de treino educativo, afirmem naturalmente que a visão materialista é a única pensável e racional, e rejeitem com ridículo e desprezo todas as sugestões de um universo espiritual e de uma vida transcendente da alma?

Alguns Vestígios de uma Consciência Espiritual Anterior

Os Vigilantes falaram do poder da mente humana, no seu estado não caído, de captar infalivelmente as ideias da Mente Criadora não só em relação aos objetos do plano físico, mas também em planos para além do humano. Isso implicaria uma plasticidade de pensamento à qual hoje somos estranhos; pois, apesar de os homens terem poder de pensamento abstrato, não conseguem facilmente objetivar esse tipo de pensamento.

Mas ao homem primordial, dizem-nos, era possível conceber formas que só poderiam existir em planos superiores ao físico: “planos de simbolismo elevado que não eram senão uma cristalização superior, em esferas menos materiais, das mesmas Ideias Divinas que se expressam em perfeições terrenas.”

Existem, no entanto, certos símbolos usados em ligação com ideias abstratas que não podem ser referidos a qualquer ordem física. São os símbolos matemáticos e geométricos e é a estes, dizem os Vigilantes, que pertencem os sinais dessa consciência espiritual original que ainda reside em nós, seja ela reconhecida ou não. E quanto a estes, dizem-nos:

“Desses símbolos elevados, o Homem era capaz de fazer uso no seu trabalho sobre a Terra: pois tinham os seus verdadeiros contrapartes terrenos nessas formas puras e perfeitas que são os tipos matemáticos das Relações Ideais e tipificam os princípios eternos da Verdade.”

Escrito I: 2ª parte

E destas relações ideais, ele pôde entretecer nos seus trabalhos um registo permanente, na própria matéria que empregava. Fê-lo ao construir os seus edifícios sagrados, convertendo assim conceções espirituais em pedra imutável. Toda a matéria é temporal; no entanto, desta forma, um poder do Eterno pode ser impresso pelo Homem nas coisas temporais e também aí retido. O impulso espiritual – a ideia original – podia assim encontrar expressão em forma física como proporção rítmica ou matemática.

Portanto, nas harmonias de Forma em matéria concreta, algo da Ideia espiritual podia encontrar expressão permanente. Assim, a Arquitetura e as artes suas irmãs podem ser usadas para a incorporação dessas Verdades eternas do Espírito, cuja interpretação, se tivesse sido deixada ao entendimento não auxiliado e à imaginação opaca da humanidade em geral, há muito teria sido degradada e alterada para além de qualquer reconhecimento.

Os princípios da Arquitetura, tal como ligados à construção sagrada, são assim muito mais do que mera beleza estética ou satisfação do olhar, embora estas sejam típicas das funções superiores. A Arquitetura perfeita tem uma função muito maior e mais nobre do que esta: pois se o princípio espiritual foi

verdadeiramente interpretado na pedra, então o Espírito permaneceu, por assim dizer, no corpo da própria obra; e aqueles que estavam em sintonia de alma para receber impressões espirituais podiam apreciar esse poder e evocá-lo de novo, vezes sem conta, a partir do símbolo, pela contemplação, obtendo um renovado influxo do Poder que lhe deu origem. Assim, o Templo tornou-se um Corpo perfeito e veículo para a manifestação do Poder do Espírito.

A Arquitetura como Testemunho da Mente Espiritual no Homem

Assim é que, pela contemplação da Beleza Abstrata nas perfeições matemáticas da linha e da forma, os homens podem aproximar-se da fonte Imortal da Mente e perceber algo da sua divindade inerente. Desde que não se contentem em considerar apenas o símbolo exterior, mas procurem a alma do símbolo e a essência espiritual que primeiro decretou a Forma, poderão recuperar uma consciência da Ideia Criativa divina.

“Assim,” dizem os Vigilantes, dirigindo-se aos seus servos, os escribas do manuscrito, “podeis recuperar do esquecimento do Passado: assim, e só assim, pelo reconhecimento Daquilo que está por detrás do símbolo na Matéria, podeis obter e manter inalterada a Memória daquelas coisas transcendentes que foram originalmente dadas a esta esfera temporal quando o primeiro germe da Ideia Divina foi implantado na mente do Homem por uma fonte espiritual e eterna.

Resumindo: O Homem, possuindo um conhecimento original das coisas espirituais e eternas, foi levado a escolher, para a sua expressão e recordação no mundo material, aquelas substâncias que, pela sua consistência natural, manteriam uma forma e aspeto duradouros. Assim pôde preservar um registo do funcionamento e dos efeitos daquelas Leis que, mesmo na sua memória rapidamente esvaecida, ele reconhecia como espirituais; conservando assim a Verdade, que a sua memória vacilante e a linguagem em constante mutação não conseguiriam salvaguardar e manter.

Vemos então o corpo de um grande Ensino espiritual perpetuado em pedra: no simbolismo do Construtor, pelo qual os Ideais de Verdade que o homem prezava puderam ser salvos do esquecimento e da destruição. Pois esses construtores foram inspirados pela Verdade Original. E esse poder de Recordação que possuíam, herdado, como era, de uma ascendência mais espiritual, permitiu-lhes apreciar esses fatos e leis imutáveis que tinham origem na mesma Primeira Causa de onde as suas próprias imaginações evoluíram.

Assim, uma Verdade espiritual, primeiro cristalizada como Forma pura, Simetria ideal, pode ser traduzida em Substância; e da contemplação do registo na sua manifestação material, o estudante pode de novo recordar e apreender a verdade espiritual de que ela é o verdadeiro símbolo.”

No entanto, esta Verdade é recordada pelo uso das faculdades espirituais: isto é, pela Intuição; e não é revelada ao mero observador e crítico intelectual da perfeição física da linha e da forma. Para esses, o edifício de nobre proporção pode de fato possuir um forte apelo; mas será apenas sensorial, e será a beleza do corpo, e não a beleza da alma, que prenderá a sua atenção.

Mas, para a mente de quem está sintonizado com uma resposta aos poderes superiores envolvidos no símbolo, será feita a Revelação da Ideia espiritual: não em palavras de linguagem humana, mas em valores emocionais puros que o elevarão, ainda que por breves instantes, acima da consciência mais opaca das coisas materiais, aproximando-o do Éden perdido do seu conhecimento original e imaculado da Mente Criadora.

Devemos compreender que toda a Potência espiritual tem o seu Contratipo ou Tipo em substância material regida pelas suas leis; e que é possível ao homem manipular assim a Matéria, em obediência ao princípio espiritual, de modo a descobrir essa correlação de Tipo e Antítipo, interpretando um pelo outro para seu grande proveito e contentamento duradouro. Os nossos Mestres continuam o fio do seu argumento falando da Intuição, a faculdade pela qual esta correlação é discernida:

“A Intuição, importa lembrar, é a única Memória restante do Espírito, ou da Ordem puramente espiritual: e é, portanto, por virtude da Intuição que os homens podem interpretar o funcionamento e a expressão, na Matéria, das forças reveladas do mundo espiritual. Isto é verdade para os espiritualmente-inclinados entre os homens. Aqueles de mente mais grosseira, cegos à ação do Espírito, só poderiam apreciar os aspetos materiais das suas realizações; – o fato, por exemplo, de a pedra ser por natureza quadrada e conveniente para o uso.

Por esta razão, o homem realizou até agora as suas maiores obras em pedra. Mas aqueles que possuíam o dom da Intuição espiritual, aliado a um maior conhecimento, procuravam na mesma pedra a encarnação das Leis Imutáveis, e eram assim capazes de envolver, na Arte da Maçonaria, uma série de ideias de ordem física superior e, para além dessas, dos princípios das grandes Filosofias ideais que visavam ensinar a verdade aos homens menores pela influência dos maiores entre eles.

Assim, as pedras dos grandes Templos têm para os homens um valor espiritual e uma mensagem de força perene. Esses valores não podem ser definidos em linguagem; nem encontrarão facilmente expressão intelectual. Pois apelam às sensibilidades espirituais e àquelas emoções mais subtis que elevam e sustentam, dando alimento à alma do homem e força para a sua peregrinação no deserto da Matéria.”

Assim foi, dizem os Vigilantes, com o grande poder místico de Avalon. O Ideal espiritual original aí implantado pôs em movimento essas correntes etéricas

que, influenciando sucessivas gerações de homens devotos, foram gradualmente centradas numa expressão ideal e esta, à medida que amadurecia, tornou-se capaz de se traduzir em forma concreta. Assim foi materializada em pedra.

“E aqui, concentrado, esse Ideal foi perpetuado e mantido nas intuições da Ordem monástica, que teve o grande privilégio de guardar a sagrada Custódia, o Santo Graal, cuja história superior e cujos Mistérios foram interpretados e tornados permanentes em cada pedra e medida desse vasto complexo de edifícios: até que, finalmente, tendo-se tornado orgulhosos, e sendo em grande parte ignorantes, esqueceram: e, tendo traído a sua missão, foram rejeitados.”

O Advento do Logos:
A Terceira Etapa da Evolução Espiritual do Homem

O desenvolvimento do Intelecto no Homem deu-lhe um novo reino, a mente pessoal; mas à custa de uma consciência de isolamento e de um sentido de solidão individual: pois ficou progressivamente privado do pleno gozo de participação na vida geral da sua raça. Reagindo sobre o seu antigo eu psíquico, esta nova faculdade ativa de atenção alerta ao ambiente físico, às suas necessidades e contatos perpétuos, induziu inicialmente uma condição de abusos.

A sua natureza instintiva tornou-se pervertida e degradada sob a influência de um princípio orientador de natureza inteiramente material e destituída de simpatias e associações espirituais. Contudo, sem este novo desenvolvimento, a conquista da natureza e a subjugação das suas forças indomáveis à vontade do homem teria sido impossível. E no grande Plano do Arquiteto do Universo, foi decretado que, através do homem, o Espírito acabaria por subjugar todas as coisas a Si mesmo. O Intelecto, portanto, por mais material que fosse, nunca foi destinado a sufocar e matar o germe espiritual na alma do homem.

Desde o início, encontrou-se em conflito com a natureza intuitiva, mas houve uma interação que tendeu gradualmente para o equilíbrio das duas forças. E deve recordar-se sempre que o Intelecto do homem depende, em última análise, da presença de um núcleo espiritual, sem o qual ficaria às escuras e desprovido de iniciativa. Assim, encontramos o paradoxo de que, mesmo desprezando a ajuda das intuições, cada uma das ações racionais ou argumentos lógicos do homem assenta numa base intuitiva, em premissas que ele aceita como evidentes por si mesmas.

E no conflito entre Intelecto e Intuição, o Intelecto é muito gradualmente modificado e fermentado pela constante influência do lado espiritual. No longo processo do Tempo, desenvolveu-se na vontade material do homem uma tendência para a melhoria e uma reação para a reunião do seu ser consciente

com a vida do Espírito Exterior, com essa vida na natureza e nos seus semelhantes, de que sente cada vez mais não conseguir participar plenamente. O reino da mente pessoal é sentido, cada vez mais, pelo homem sensível como uma prisão, e os seus sentidos como canais inadequados para essa liberdade de comunicação por que anseia e suspira.

Mesmo o amor e a afeição humanos, que o aproximam da satisfação que procura, são frustrados por barreiras fastidiosas de falta de compreensão completa ou simpatia com a mente do amado. Mas a vontade material está a aprender gradualmente a “vibrar” para a região do espírito e, quando atinge, mesmo que em pequena medida, essa nova capacidade, reage de novo sobre a natureza intuitiva e reanima-a do seu estado dormente. Começa então uma interação entre o fraco embrião do Bem espiritual original, enredado na Vontade material, e o seu espírito afim exterior. Numa comunicação posterior, isto é bem descrito pelos nossos mestres, os Vigilantes.

Nas escrituras gregas, é usada uma palavra para designar a viragem da vontade material e do intelecto para dentro ou para trás, na direção do espírito. A palavra é “Metanoia” e pode ser fielmente transliterada como uma mudança de direção do princípio do Pensamento no homem. Os nossos tradutores bíblicos deram-lhe o nome de “Arrependimento”. A necessidade de dar esta nova direção à mente e à vontade deve ser claramente compreendida, pois todo o nosso futuro progresso espiritual depende disso. A nova direção procurada deve ser tal que assegure a reanimação do motivo espiritual.

O intelecto deve adquirir Visão e um objetivo consciente em direção a ideais espirituais. Para este fim, a Filosofia é um agente. Mas todas as atividades mundanas podem e serão subordinadas a esta mudança regeneradora, pois em toda a atividade intelectual, por mais aparentemente não espiritual que seja, jaz adormecido um gérmen de possibilidade espiritual que é capaz de se expressar sob a forma de beleza ou de serviço a Deus e ao Homem.

O Regresso a um Simbolismo Espiritual

À medida que o Intelecto perde a sua extrema materialidade, dá-se uma mudança no modo de simbolismo que a mente exige. A Era dos símbolos materiais está praticamente ultrapassada, salvo para os membros mais retrógrados da raça. Pois, por mais tenuemente que seja, o Homem começa a perceber, por virtude da razão iluminada e com o auxílio das suas intuições reavivadas, algo da Causa original subjacente às múltiplas formas e tipos que durante tanto tempo serviram para a representar. Contudo, permanece ainda a enorme dificuldade de que, enquanto o Intelecto pode apreender um símbolo objetivo, as Causas a que a inteligência procura aceder situam-se num plano que não é o da consciência desperta. As ideias têm de ser transpostas de um

plano para o outro, e isto nunca é tarefa fácil. Ouve o que dizem os Vigilantes:
O Oitavo Texto Sagrado

“Este outro plano é o da Interpenetração. Aqui, o Intelecto deve atuar em união com a Intuição para criar Compreensão espiritual. Esta região da consciência é alcançada quando consegues unir, em completa colaboração funcional, os dois poderes. Uma vez conseguido esse fim, o Poder Intuitivo, influenciado e controlado pelo Poder do Intelecto, poderá definir em termos físicos as verdades das Causas espirituais originais que, até agora, não encontraram veículo para a sua expressão em forma material.

Até aqui, o homem tem dependido da fala e da escrita para a comunicação da verdade abstrata, e sempre as achou insuficientes. Mas quando o Intelecto estiver aliado à Intuição espiritual, surgirá uma nova Linguagem que não só conseguirá definir ideias espirituais em palavras*, mas permitirá aos homens manter conversação sem necessidade de fala ou escrita física. Todas as idades passadas apreciaram a Verdade espiritual apenas na linguagem de símbolos sensoriais.

A verdadeira apreciação, que seguramente virá entre os homens, não será transmitida por linguagem tal como agora a entendeis, mas sim por uma Intuição racional e inteligente.

Não conseguimos exprimir senão uma mera imagem deste desenvolvimento. Por ser de natureza espiritual, não está na categoria das coisas intelectuais. Considera-o como uma Ponte que está a ser lançada sobre o abismo que separa as duas esferas da consciência: Intelecto e Intuição a encontrar-se para construir a ponte;—a pedra angular do arco sendo o Logos ou Razão Espiritual. A vontade e o intento do Divino encontram-se com a vontade e o intento do humano para edificar a ponte, e a vontade humana, exercida na direção do Desconhecido, é sintoma do triunfo do espiritual sobre o material. E agora, como dissemos, o Espiritual está em ascensão e conquista vitórias a partir do martírio da Matéria: pois a desorganização que se seguiu à grande Guerra deu oportunidade ao Espírito.

Toda esta desorganização, todo este abalo do equilíbrio da Natureza, é resultado direto da ação do intelecto humano. Assim, podeis ver como este Intelecto, precisamente por meio dessa desorganização, está a ajudar a uma maior manifestação daquele Intento que, como dissemos, nunca conseguiu exprimir-se devido ao seu afastamento das condições materiais e dos poderes materiais de expressão. Vede e compreendei: a Linguagem tal como a conheceis é expressão de condições físicas. E a Intuição não tem linguagem senão na compreensão mútua de mentes e almas sintonizadas em perfeita simpatia.

A criação animal é menos diferenciada e possui muito menos individualidade. Daí que o poder natural e instintivo de compreensão seja mais perfeito no

animal. Mas, à medida que a evolução avança e produz tipos superiores, assim a individualidade desenvolver-se-á no mundo animal: e, consequentemente, o mundo animal perderá o seu poder de compreensão mútua. Assim, à medida que os tipos animais desenvolvem a Razão, tendem para a solidão.

O mundo animal avança para um poder de expressão que roça a Linguagem e, para os próprios animais, é linguagem. E, à medida que a Razão cresce neles, a Intuição tenderá a degenerar, ou melhor, a reverter a mero instinto: e haverá uma perda aparente. Assim foi com o Homem. Intelecto e Intuição, pela sua interação, provocam inicialmente uma condição de abusos. Mas, finalmente, após longas eras, a Razão reage, reaviva a Intuição adormecida e faz vibrar através dela até que se torne novamente manifesta e ativa.

CAPÍTULO IV
DA VONTADE ESPIRITUAL NO HOMEM
E DO SEU PROPÓSITO EVOLUTIVO

O décimo primeiro Texto Sagrado dos Vigilantes proclama a responsabilidade individual do Homem pelo bem-estar do seu próprio espírito no tabernáculo carnal. Esta responsabilidade é inteiramente sua, devido ao dom do Livre-arbítrio, Autodeterminação e escolha de que está dotado.

Os homens tendem a questionar a justiça e bondade do Divino ao considerar as suas desventuras. São propensos a atribuir ao acaso ou ao destino os males que lhes acontecem, não se apercebendo da extensão da sua própria responsabilidade pelos males tanto herdados como adquiridos: pois nisto somos de fato membros uns dos outros, sendo partes daquela grande Entidade, a Raça: e, como nos é dito, devemos suportar as cargas uns dos outros. Por isto, nenhum homem deve queixar-se: pois é também participante de todas as vantagens e privilégios comuns à Raça, adquiridos pelos nossos antepassados através de esforços de séculos.

O Décimo Primeiro Texto Sagrado

“Quantas vezes” (dizem os Vigilantes) “proclamais o mundo da Matéria complexo, e censurais os resultados do vosso próprio livre-arbítrio. Não conseguis perceber que é a vossa própria vontade responsável pelo cuidado do vosso espírito no tabernáculo carnal? Ireis culpar Deus por aquilo que vos ofende? Pois de que, na verdade, é o Autor de Todo o Bem responsável? Apenas por duas coisas;—Nascimento e Morte;—e só parcialmente por estas.”

Um rei, digamos, envia um exército para subjugar uma província rebelde. É responsável pela nomeação dos oficiais e pela sua chamada de regresso. Mas, uma vez iniciada a expedição, ela é levada a cabo por iniciativa livre dos

comandantes, e estes por sua vez dependem do moral dos seus homens. Será necessário esforço repetido e perseverança de todos antes que as forças da desordem sejam contidas e convertidas em apoio das políticas do Rei. Assim, o fracasso devido a uma falta de empenho é considerado pecado, e traz as suas penalidades a todos.

A palavra grega que é traduzida como “pecado” no nosso Novo Testamento é Hamartia, que significa “ficar aquém”. Todas as dores humanas resultam de uma conquista parcial ou imperfeita da Matéria e das forças materiais. A vida encarnada deve, assim, ser vista como uma luta constante em que todas as energias do espírito devem ser cada vez mais reunidas para resistir aos avanços da “vontade da matéria” que, acima de tudo, deseja uma condição de “stasis” ou repouso material e mental;—um falso equilíbrio de ajustamento às condições materiais. A preguiça que cederia a isto foi considerada o mais mortal dos inimigos espirituais do homem, pois é mãe de inúmeros males. Assim dizem os Vigilantes:

“Pois os movimentos e energias do Espírito, uma vez presos na Matéria, quase tudo o que sucede depois resulta das atividades opostas das energias materiais. Assim, tudo o que o homem sofre na sua vida encarnada deve-se ao seu conflito com estas reações materiais indomadas, que se opõem cegamente aos seus esforços, ou então às hostilidades mais ativas de uma Vontade da Matéria, que é uma energia espiritual pervertida atuando em e através destas atividades secundárias da Matéria.

Assim, enquanto empregardes as vossas forças e exercerdes a vossa vontade apenas na direção de atividades materiais, enfatizando-as e dando-lhes nova força e propósito, continuareis a sofrer as dores e penalidades geradas por essas influências opostas. Todas as coisas físicas devem, no fim, ser submetidas ao Espírito; mas, na esfera do Tempo, estas reações materiais procuram sempre dominar. O Espírito está sempre empenhado na tarefa da sua conquista e reconciliação. Mas o Ímpeto espiritual primordial no homem está adormecido*, pois está sobrecarregado e atolado pelas incrustações de uma natureza material que se agregou em seu redor.

Por isso, não pode controlar as discórdias do seu ambiente e transmutá-las em harmonias, a não ser que seja ajudado por um reforço espiritual vindo de fora. De que direção, então, deverá esse reforço ser esperado?”

Ao considerar o problema desta grande luta no seu aspeto mais fundamental, o maior inimigo do homem é sem dúvida a Inércia ou Preguiça Espiritual.

Aquele que cede à tentação de abandonar o esforço perde imediatamente terreno na luta. Bem-aventurado aquele que persevera até ao fim. Pois chega um certo ponto em que a luta termina numa vitória, a partir da qual já não há perigo de recaída ou perda, uma vez que as forças reacionárias estão, de uma vez por todas, conquistadas e um ganho permanente é alcançado. Mas como

poderá o homem vencer a tendência para a Preguiça? As suas energias espirituais primordiais estão aprisionadas e impotentes sem alguma ajuda exterior. E as energias espirituais que animam o mundo visível exterior estão igualmente restringidas e encerradas profundamente no coração da Matéria. Encontram-se enredadas e degradadas a um estado meramente mecânico.

À sua volta, irrompe o tumulto das forças complexas com que temos de lutar no dia-a-dia da nossa vida terrena. Estas são os movimentos reflexos da Matéria aos impulsos originais do Espírito. São cegas. Não podem dar ao homem qualquer auxílio na conquista espiritual. Mas há outro poder que ele pode invocar; e esse reside na Vontade Material. Está relacionado com o Princípio Intelectual do Homem. Os nossos mestres dizem:

"O Impulso Original estando assim submerso, a Matéria que ele animou torna-se, por sua vez, veículo de uma Vontade. Esta Vontade é material. Está ligada ao Intelecto físico e em comunhão com essa inteligência. Move-se e atua num ambiente físico, através de um instrumento físico, o cérebro, e em conjunto com a inteligência material.

No entanto, apesar disto, é possível evocar nesta vontade uma reação em direção à pureza do seu Original—despertar nela a essência dessa energia vibrante que é capaz de se unir ao princípio espiritual adormecido no homem e de reavivar as suas energias adormecidas, fazendo com que este sacuda a sua preguiça e se erga novamente fortalecido para o conflito.

Profundamente escondido naquela entidade sensorial material a que chamais Personalidade do Homem, reside ainda no seu relicário espiritual um Embrião do Impulso Divino original, uma centelha de Divindade que, antes de a Matéria adquirir o seu domínio, era outrora todo-poderosa. Aqui se encerra uma verdade profunda e subtil, não facilmente compreendida: pois devemos afirmar de novo que a Vontade espiritual Criadora não é responsável de forma direta por esta instrumentalidade.

É uma responsabilidade inteiramente delegada ao homem no exercício do seu livre-arbítrio. E é através deste agente que a parte espiritual adormecida do homem deve finalmente ser restaurada ao poder e à soberania sobre a matéria. Como poderá então exercer-se esta influência? É uma influência que vem de Fora, e está no exercício consciente da Vontade do homem individual. A Personalidade é governada por miríades de influências que afetam a conduta.

As que são habituais são as mais potentes para dominar ou restringir as atividades da sua vida. Estas influências formam os muros da prisão do Embrião adormecido no interior. O Embrião dorme porque os seus movimentos são de natureza estranha às atividades exteriores do homem. Assim, está confinado ao seu próprio núcleo. Contudo, na verdade, os seus movimentos

espirituais são a verdadeira fonte e origem de todo o Pensamento, Ser, Poder e Impulso no homem.

Infinitamente subtil e espiritualmente estimulante, está, no entanto, tornado impotente, pois encontra-se isolado de todas as vibrações simpáticas e afins vindas de fora, pelo véu imposto pelas forças de oposição na Matéria.
Como poderá então o Espírito Interior chamar pelo Espírito Exterior ou ouvir o seu apelo e responder-lhe?

Quando o Espírito se cansa do conflito da vida no plano emocional, ouve o clamor da Razão—o apelo do Intelecto frustrado, também cansado da luta com teorias e opiniões, com palavras, palavras, palavras—e começa, enfim, a procurar a Verdade e aquela Realidade de que tão conscientemente sente falta. E o Intelecto, voltando-se por fim para o espírito fraco e impotente no interior, clama por ele com toda a força que resta do seu próprio princípio sustentador, há tanto tempo submerso e esquecido. Do choque do pensamento material discordante emerge finalmente um acorde ressonante—o acorde da Verdade divina—cujo eco alcança o espírito interior.

“Resumindo,” dizem os Vigilantes, “podemos dizer-vos que, sendo a Matéria produto do Bem Original, reside ainda, mesmo nas suas vibrações mais grosseiras e terrenas, um elemento desse Bem original. Assim, um impulso para o Bem pode surgir na vontade material do Homem (como uma nota musical que resolve uma dissonância).

Pois aquilo a que chamais mal nestas condições é mal apenas na medida em que representa conformidade com estados materiais; e de entre estes pode manifestar-se um impulso espiritual com poder para reagir sobre o Embrião adormecido do Espírito, escondido no coração do Homem. Pode estimular esse Espírito a lançar um apelo à Fonte do Bem Primordial; e, de imediato, o Bem Primordial responde. Inevitavelmente, e infalivelmente, Ele responderá: e, quando o fizer, o Embrião volta a ser dominante e o seu longo cativeiro termina.”

A Oração do Entendimento

“A oração é o agente pelo qual, e só por ele, o vínculo subtil entre o Embrião e o seu Original pode ser restaurado:—a Vontade de Orar exercida através da alma material do Homem, pelo poder da alma latente de bondade na Matéria. Compreende, pois, o valor da Oração como a escada que eleva da Terra ao Céu: o caminho pelo qual o espírito desperto ascende à Vida superior. Sem a Vontade de Orar, não há vida:—apenas a morte viva da Matéria.

Mas de modo misterioso, a Vontade, que tem origem no espírito, desenvolve-se no seu invólucro material e pode ser despertada novamente através do Desejo da Matéria de Reverter à sua Perfeição Original. Assim, a Matéria

procura finalmente o caminho do regresso ao Espírito: a alma do bem nas coisas más acaba por se voltar para a sua perfeição primordial.*

Esse desejo da Matéria de voltar à sua simplicidade primordial é o construtor da ponte de reconciliação com a sua essência espiritual e para a sua transmutação em formas superiores de beleza intelectual na morada de toda a Luz e Beatitude. Como poderemos tornar clara para vós a verdadeira natureza do mistério subjacente ao paradoxo aparente do Vaguear e Retorno da Matéria? Só no Espírito podeis perceber a maravilha e a necessidade desta Lei e Desígnio. Só através de eras de desenvolvimento podeis aprender a apreciar aquilo que nem os próprios Vigilantes compreendem totalmente.

Limitámo-nos a esboçar-vos o plano: mas meditai, e compreendei a necessidade da Oração se quiserdes estabelecer comunhão. A Vontade de orar é a Vontade de fazer o bem: e até no mais completo mal, as vibrações materiais que enredam o espírito interior cedem ao impulso de um impato espiritual vindo de fora, e a alma é restaurada à vida e à liberdade. O Embrião, uma criança perdida a chorar na noite, é encontrado e trazido de volta pela mão forte daquele que, por um tempo, retido por barreiras terrenas, as rompeu e lançou o apelo de auxílio que trouxe de volta o perdido ao seu lar, à luz e ao Amor."

O Texto acabado de citar indicou-nos, de forma bela, a reação benéfica da Vontade Intelectual sobre a entidade psíquica que é o antigo fundamento da nossa natureza e que se tornou agora demasiado fraca para afirmar os seus antigos poderes. Mas confesso o espanto que senti ao perceber o que está implícito no ensinamento, se o seguirmos até ao fim: pois equivale a isto, que a nossa salvação—ou seja, a reconciliação da alma do Homem com Deus—exige a cooperação da mente, da inteligência, e é realizada pelo esforço prático da mente e da vontade intelectual para estimular a natureza emocional que, deixada a si própria, nada pode senão sentir, recaindo num estado de sonolência perante a absoluta incapacidade de romper as barreiras da inércia física.

É estranho pensar que o Intelecto material, tão cheio de egoísmo, ambição e fases discordantes de opinião, deva, por si próprio, buscar o regresso à vida pura e pacífica do Espírito e, ao fazê-lo, estimular o seu parceiro Intuitivo adormecido para uma nova e ativa vida espiritual. No entanto, parece, à reflexão, evidente a verdade da parábola, pois a experiência do dia-a-dia mostra-nos como as emoções mais finas e espirituais esmorecem e morrem se não resistirem à dura prova da prática; e como, por outro lado, é o Intelecto iluminado que, em todos os domínios da vida, é capaz de alcançar os seus fins quando fortalecido pela vontade. A oração eficaz, pois, deve ser oração da Mente tanto como do Coração, e deve ser inteligentemente orientada. E assim chegamos a outro texto notável, em que são evidenciadas ao estudante as

virtudes de uma interação equilibrada entre a consciência intelectual e a consciência psíquica.

A Regeneração da Vontade Material

A poderosa ação de uma vontade física no reavivar do embrião espiritual adormecido no homem foi enunciada em termos de Matéria, e a Matéria, dizem os vigilantes, tende, em última instância, a reverter à sua antiga perfeição. Mas estamos a lidar com o princípio intelectual, e devemos tentar alguma compreensão do que este processo implica em termos de Mente. O Intelecto, quando sofisticado, perde-se nas suas próprias complexidades. Uma lógica falaciosa termina em contradições e derrota-se a si própria. O cansaço e o desgosto são o resultado final. Sente-se o vazio e a mente volta-se para a verdade como para uma rocha no meio das areias móveis.

É o anseio pela verdade que constitui a primeira base para o regresso do Intelecto errante e, desde o primeiro movimento em direção à verdade, começa a manifestar-se uma reação espiritual numa perceção recém-nascida de ordem e beleza. Daí que a mente do cientista material, quando dedicada à busca de realidades, seja uma porta aberta através da qual poderá mais tarde encontrar entrada nos reinos perdidos da imaginação espiritual: e por essa porta regressarão a ele os gloriosos ideais que por tanto tempo permaneceram adormecidos na sua alma, remotos e inacessíveis à sua consciência enquanto mergulhada na Matéria, e demasiado fracos e impotentes para fazerem sentir, ainda que tenuemente, a sua influência.

O poeta Tennyson disse:

«Existe mais fé na dúvida honesta, acredita em mim, do que em metade dos credos.»
O homem de ciência pode ser um completo agnóstico, não dando atenção àquelas intuições que nele são tão ténues que parecem meros devaneios da mente. Mas se ele venera e segue a Verdade, aproxima-se mais do Reino dos Céus do que o religioso assumido que, sob uma máscara de hipocrisia, compromete-se secretamente com os impulsos materiais de uma natureza decaída e racionaliza-os para servir as suas necessidades e desejos.

A Busca do Caminho do Meio
O CAMPO DO REINO INTERMÉDIO
PLANO DA MATÉRIA (OBJETIVO)
PLANO DO ESPÍRITO (SUBJECTIVO)

No início do Décimo Quarto Escrito dos Vigilantes encontra-se a figura do "Y". Este antigo símbolo, atribuído à escola de Pitágoras, representa os dois caminhos da atividade consciente do Homem. O Caminho da Mão Direita é o caminho da Intuição espiritual. É seguido pelo poeta, pelo vidente e pelo

profeta. O Caminho da Mão Esquerda é o puramente intelectual, e é percorrido pelo lógico e pelo estudante da filosofia natural. Este conduz a condições temporais. Um terceiro caminho é indicado pela linha pontilhada como estando igualmente entre a Direita e a Esquerda. Este é o Caminho da Realização.

Torna-se óbvio para o leitor que aqui temos um símbolo da reação equilibrada, ou interação, entre as duas ordens de consciência com que o Homem foi sucessivamente dotado pelo seu Espírito original na sua tarefa evolutiva de expressão própria. O mesmo significado encontra-se no ritual e ensinamento de certas Fraternidades existentes hoje, que adotaram elementos doutrinários provenientes de fontes antiquíssimas e que nos chegaram através de canais hebraicos ou herméticos até às irmandades ocultas da era medieval.

O candidato é ensinado a orientar o seu percurso a meio caminho entre os dois Extremos, ambos os quais o afastarão da sua verdadeira linha de desenvolvimento; um para o Inferno, o outro para o Céu. Sob a orientação do Anjo do Caminho do Meio, deve persegui-lo firmemente, sem voltar o olhar para as seduções da Esquerda ou para os êxtases do Extremo Direito. Existe uma velha lenda do Reino das Fadas em que este símbolo é utilizado. Imagino que Thomas the Rhymer tenha compreendido bem o seu significado.

Encontrará uma alusão interessante a isto na curiosa crónica da bruxa escocesa Isabel Goudie, escrita em forma de romance (embora baseada em investigação documental na biblioteca de Edimburgo) pelo falecido J. M. Brodie-Innes, com o título "The Devil's Mistress". Muito semelhante foi uma ideia que, noutras palavras, me foi apresentada por um antigo teólogo de Oxford. Falando do ensino religioso popular dos caminhos largo e estreito escolhidos pelo pecador e pelo santo; um, o caminho de primaveras levando à "eterna fogueira", e o outro, o trilho pedregoso e cheio de espinhos que conduz o peregrino às alturas celestiais, ele disse:

«Mas entre estes dois encontra-se, meio oculto, um pequeno caminho entre os fetos que não leva nem ao Inferno nem ao Céu. Leva o peregrino à Terra das Fadas e ele nunca quererá regressar.» Nesta altura, não será necessário ampliar mais os nossos comentários introdutórios. O Escrito que se segue falará suficientemente claro do seu propósito.

Y. “Este símbolo tem um duplo significado, tanto temporal como espiritual. No plano puramente material, foi preservado durante muitas eras nas associações do Templo dos filósofos orientais e muito semelhantemente nas Igrejas da Grécia e de Roma.*

O tronco perpendicular do 'Y' representa o Homem, o Ego ou o Indivíduo, e os ramos, que surgem e se elevam do perpendicular, simbolizam a sua tendência dual. O primeiro, o da Mão Esquerda, representa a filosofia no sentido geral do estudo intelectual e lógico das coisas espirituais (abstratas) por meio de

símbolos: — não como argumento da Matéria para o Espírito, mas quase sempre através da experiência terrena.

O outro, ou Caminho da Mão Direita, implica o modo puramente intuitivo da atividade mental e o exercício das faculdades subconscientes. Mas isto pode estar tão completamente desligado do desenvolvimento lógico do Primeiro Caminho que seja, na prática, totalmente inútil.* Assim, Profecia, Música e as Artes, quando cultivadas com a ajuda da inspiração obtida por meio de jejum e de uma natureza exaurida, tinham a virtude inerente de uma elevada qualidade espiritual, aliada ao defeito inerente de falharem em manter e traduzir em forma intelectual e prática a Essência dessas altas experiências. A matéria, pela sua própria natureza, não conseguiu fornecer alimento suficiente para o sustento de desenvolvimentos puramente espirituais.

Mas este fracasso marca apenas uma etapa na evolução progressiva do objetivo espiritual. Um Terceiro Princípio está envolvido. Este Terceiro Princípio é o grande Mistério que é o Fim designado para a matéria e para todas as coisas materiais. Indica, para melhor saúde e crescimento do Espiritual, a necessidade de uma Nova Criação que aperfeiçoe a obra do espírito."

É altamente inspirador contemplar este Terceiro Princípio da Mente e as suas gloriosas possibilidades. A Ciência Moderna reconhece que nos processos evolutivos assistimos à manifestação de uma Nova Entidade resultante da interação de duas forças parentais em associação. Esta nova entidade é designada como um 'Emergente'. Possui características e qualidades que não se encontram associadas a nenhuma das forças parentais. É nova e é superior.

No ensinamento dos Vigilantes, temos este princípio demonstrado em termos humanos, em termos de Mente. E o que implica? Que, na interação equilibrada do Consciente e do Subconsciente, o homem possui a verdadeira chave de todo o progresso e pode abrir a porta a novos reinos de pensamento e ação até então inacessíveis e além do poder do seu coração para realizar ou da sua imaginação para conceber. O advento deste princípio de União

*Ou seja, o seguimento exclusivo do modo intuitivo de experiência mental não produzirá resultados de valor prático, a menos que possam ser traduzidos em expressão intelectual e assim terem efeito em ação.

UMA NOVA DIMENSÃO DO PENSAMENTO

Entre as perceções e poderes da mente intuitiva (ou espiritual) e intelectual (ou física) antevê-se uma Nova Ordem de Consciência, na qual o Espírito alcançará plena expressão própria no seu domínio sobre a Matéria e o mundo material. Isto nada mais é do que a conquista de uma nova Dimensão do Pensamento; e, como símbolo disto, para ajudar o leitor a conceber esta ideia

extraordinária, apresenta-se um símbolo geométrico de interpretação, baseado no "Y" e nos seus dois ramos. Aqui, os dois caminhos são apenas linhas de pensamento a seguir, e as suas extremidades não são senão pontos a alcançar. Mas o terceiro princípio, embora seja uma Linha, percorre agora um Campo, e todo esse Campo encontra-se dentro dos limites dos princípios em interação do ser consciente do homem. Assim, ele entra na posse de um Novo Reino do Pensamento, abrangendo uma nova dimensão e, portanto, infinitamente maior no seu alcance do que tudo o que conhecia antes.

Os nossos instrutores fazem questão de nos dar aqui um exemplo concreto da aplicação da lição transmitida no Escrito. Referem-se à arte da Música no seu desenvolvimento, desde a fase instintiva até à fase plenamente intelectualizada do seu crescimento. Dizem:

A música das primeiras eras era quase inteiramente de ordem intuicional. Para as mentes sintonizadas com o seu ministério, a música antiga expressava estados e condições espirituais, bem como verdades e ideais de ordem intuitiva.

Essa música era, na sua natureza, tão pura e refinada como a melhor música de hoje: pois continha o mesmo Impulso original, que é real, permanente e imutável. No entanto, o seu veículo não era organizado como agora.

Mas, nestes últimos tempos, devido à longa associação do Homem com estados materiais e à sua consequente experiência (cuja memória está profundamente enraizada na sua consciência racial), as suas emoções espirituais podem agora revestir-se de um manto muito mais belo, porque muito mais expressivo daquele Impulso Original no seu ambiente físico, do que seria possível nesses primeiros tempos.»

Obviamente, a música do homem primitivo não poderia ter uma expressão intelectual. Retratava apenas estados ou humores espirituais ou emocionais vagos. Não tinha Forma. Para expressar a Beleza na manifestação exterior, é necessário um veículo intelectual de interpretação: pois o Espírito busca sempre uma expressão mais plena e cristalina das suas sublimes possibilidades na esfera temporal. O Escrito segue agora apresentando, de forma mais geral, os valores encontrados no crescimento da expressão espiritual na personalidade humana.

«Mas o Espírito é, pela sua natureza, eterno. Pensas então que a sua manifestação no mundo material é apenas temporal? Há aqui alguma explicação. Uma Mente bela; — Intelecto expressivo de uma Alma bela; — esforça-se por se expressar em pensamento e ato exteriores. Mas o elemento invisível; o poder que move a mente, e de que essa Mente é apenas símbolo, é o Espírito; — Espírito aprisionado e impotente; pois encontra-se mudo e incapaz de produzir som no mundo material onde habita, até chegar o tempo

em que, através da experiência na Matéria e pela sua própria força inata, consiga dominar as suas condições materiais.

Mas à medida que o seu veículo cresce e aumenta em elasticidade, com poder e variedade de expressão consequentes, assim também essa Força Espiritual que o anima e está encerrada dentro dele, tornar-se-á cada vez mais poderosa na terra, enquanto ao mesmo tempo o seu próprio destino individual no Mundo do Espírito se amplifica e acentua ainda mais.» Em outras palavras, o aperfeiçoamento da mente individual como intérprete da Ideia espiritual não é apenas uma realização temporal: pois anuncia o Nascimento de uma Nova Entidade com iguais poderes de expressão própria em ambas as esferas e Personalidade Imortal em qualquer delas.

O mesmo se aplica à Alma da Música que, aperfeiçoada tanto na sua forma exterior como na essência interior, recebe estabilidade imortal na Terceira ou Média esfera das criações divinas.

O Mistério do "Een"
«Há um mundo de Espírito Puro, intocado, não colorido por qualquer contato com a Matéria. Nunca esse mundo puro viu o mundo material envolvido.
O que pensas, então, que constitui a Matéria? Surgiu ela do Nada? Foi criada como Matéria? Dizemos-te, não.

A Matéria é simplesmente a expressão de uma Energia do Espírito atuando sobre Aquilo Que Sempre Foi, induzindo-o a manifestar-se como Matéria. Pois o Espírito, como Espírito, não possui meio de se exprimir, salvo em Emoção não proferida, inefável; e em Intuição, a sua linguagem sem forma; — salvo numa concentração e reflexão dos seus próprios impulsos vibrantes, que não são senão símbolos de Si Mesmo, para serem novamente a semente do Seu renascimento como Espírito.*

Assim, o Espírito, no seu estado original, era Emoção Pura — Emoção Infinita — expressável apenas como Eco Sem Forma de Si Próprio.
O que conseguiu, então, o desenvolvimento da Matéria sob o impulso do Espírito? O que alcançou a Evolução do Homem na Matéria?
Proporcionou ao Espírito a possibilidade de uma verdadeira expressão de Si Mesmo, dos Seus pensamentos, dos Seus sentimentos e emoções incipientes em formas de Beleza e Encanto fixos. Pois a Natureza é a manifestação da Vontade e Personalidade desse poder a que chamais Deus, — o Espírito Essencial.»

Poderia o mistério dos anseios mudos do Espírito, pairando sobre as águas do caos de uma criação sem forma e vazia, ter sido mais expressivamente dito? E certas frases prendem a nossa atenção: por exemplo, «Aquilo Que Sempre Foi.» Aqui recordamos o mistério da Substância Original, o reflexo da Verdade Eterna. Um dos seus símbolos era o Éter. No Mistério Cristão é o "Een" (literalmente o "Era") e é um dos Três Poderes ou Estados do Espírito: — o "É"

(Próprio): o "Era" (Een): e o "Há-de-Vir" (Erchomenos). Continuando, no entanto, com o Escrito:

«As frações, infinitamente infinitesimais, da Sua Entidade Pessoal* procurando manifestar-se na carne, fizeram-no; e, tendo-o feito, estão continuamente empenhadas em desenvolver essa manifestação para além da esfera da Matéria e nos planos superiores que se situam entre a Matéria e o Espírito: tal como, neste mundo, o Intelecto e as Paixões situam-se entre as naturezas material e espiritual do Homem. E, assim como a Vida subsiste entre o domínio do Espírito e aquilo que é apenas material: assim, daqui em diante, essa Nova Entidade de natureza intelectual e intuicional aperfeiçoada, fruto de eras de experiência e interação entre os Extremos, evoluirá para um novo estado, tornando-se cidadã desse Reino Intermédio que Há-de-Vir.

Assim, podeis imaginar a Alma no seu estado original, vibrando com emoções indizíveis que não consegue exprimir. E então, em contraste, imaginai de novo essa Alma, a mesma, mas desenvolvida em todos os seus poderes e possibilidades ao longo de longas eras de experiência: rodeada e amplificada por todas as condições pelas quais passou e detendo o fruto de todas. Pensai nessa Alma, agora cheia do poder realizado e da expressão de Todas as Suas Intuições, através da permanência de toda a Memória e Associação vital: cada impressão vibrante a que essa Alma respondeu na sua jornada aqui abaixo: — Música, Beleza, Amor: — tudo o que ajudou no desenvolvimento das suas emoções sem forma e as tornou permanentes e eternas na expressão. *As Mónadas Espirituais.

Pois, embora a Matéria passe, os impulsos e energias vibrantes que a trouxeram à manifestação cristalizar-se-ão novamente em formas novas e mais refinadas, que serão desenvolvidas pelas suas interações superiores com o Espírito: belezas a manifestar-se e emoções imortais nessa Zona Intermédia, que é o refinamento de tudo o que era mais grosseiro no mundo material: persistindo sempre, sendo sempre o veículo do Espírito, e com todas as harmonias, todas as cores da Matéria transferidas para uma esfera mais pura: tornada de Inteligência bela e subtil por essa transformação, e criadora dessa Esfera Média em que a interação da Matéria e do Espírito dará origem a um império manifesto; uma revelação de tudo quanto há no Céu acima ou na Terra abaixo; incluindo a Manifestação da Personalidade Divina até então invisível e não realizada.»

Estes Escritos sempre me pareceram como os temas e movimentos de uma grande e majestosa sinfonia. Um motivo é introduzido e apresentado sob vários aspetos e associações, conduzindo a um clímax frequentemente impressionante para as emoções. Depois, no seguinte, há uma mudança de ânimo, ou é introduzido um tema completamente diferente, causando à primeira vista uma sensação de inconsequência devido ao seu afastamento da sequência esperada. Mas mais tarde começa-se a notar uma convergência de

motivos e uma bela simetria de relação entre Escrito e Escrito torna-se cada vez mais aparente. E como veremos, no final, a Somatória é tal que todas as pistas são reunidas e cada tom está representado no tecido multicolorido que os nossos nobres e benevolentes mestres teceram para nossa instrução e deleite.

Assim, o Décimo Quinto Escrito, com a sua abrupta transição de tema, deve ser lido à luz do conjunto mais vasto das comunicações. Mas mantém firmemente presente a impotência do Espírito enredado em controlar as dissonâncias que surgem em número e complexidade infinitos das reações do meio material que escolheu para as suas obras.

CAPÍTULO V.
PRINCÍPIOS HARMÓNICOS NA EVOLUÇÃO

O Décimo Quinto Escrito

O Décimo Quinto Escrito dos Vigilantes tem como base o tema da Evolução Natural. Proclama que todos os tipos originais são produtos de uma lei simples que inclui certas variantes. A Natureza produz todos os tipos de formas, boas, más e indiferentes; mas só concede permanência às dignas. Todos os tipos com tendência degenerativa são resultado de uma falta de equilíbrio, sobretudo do lado material. Estes irão ou desaparecer, ou ser conscientemente eliminados pelo Logos ou Razão Espiritual no homem, quando ele tiver adquirido a sua regência destinada sobre a Natureza: tal como o jardineiro elimina as ervas daninhas para melhor cultivar as suas flores e frutos.

Os Vigilantes enfatizam a dificuldade de se traçarem as formas fundamentais da Natureza entre as muitas variações de carácter observáveis nas espécies, que podem facilmente iludir o observador superficial. Dizem:
«Os Tipos Originais das coisas estão tão profundamente ocultos por detrás do denso véu da Matéria que nem sempre é possível indicar os seus verdadeiros contornos, embora estes sejam, na realidade, infinitamente simples. As complexas interações secundárias das energias envolvidas quase destruíram essa simplicidade.

Os tipos mais antigos de Forma natural são poucos em número e simples em carácter. As variantes destes Tipos Primários devem-se, em primeira instância, apenas às interações das mesmas forças criativas que os evoluíram, e, nesse sentido, são apresentações harmoniosas da Ideia criativa espiritual. Mas surgem mais tarde mudanças e desenvolvimentos de natureza secundária, com subdivisões de tipo para as quais as causas e condições físicas são as únicas responsáveis.

Agora estão no domínio do controlo da Matéria, e a força material passou a manifestar um espírito próprio, nem sempre mau, embora nem sempre bom. Porém, no desbaste final que, no Desígnio do Grande Criador Original, terá inevitavelmente lugar, haverá eliminação do defeituoso e preservação do bom.

Mais uma vez existe uma analogia na Música. O Tom fundamental contém certos harmónicos naturais que são constantes e que se relacionam de forma concordante. Mas a atmosfera, assim como a palheta ou corda vibrante, geram numerosos sobretons e subtóns complexos, produzindo todo o tipo de dissonâncias. As vibrações que estão em harmonia com o Impulso original persistirão; mais ainda, serão reforçadas e amplificadas pelo poder simpático do seu Original. Mas as outras, sendo discordantes, acabarão por ser restringidas e abafadas pelo poder superior do Tom Dominante.

Ora, a Alma do Homem, ao encarnar pela primeira vez, era sensível à Palavra ou Tom Criativo original e aos seus verdadeiros harmónicos. Assim, o Corpo do Homem, construído como veículo apto para a expressão do seu espírito, estava fisicamente sintonizado para receber e dar efeito às inspirações da sua parte imaterial. A sua forma, tal como foi criada e revestida de carne, pode dizer-se que estava impregnada pelo Tom Original. Mas também era sensível a certas variantes e harmónicos menores induzidos pelo seu ambiente terrestre e pela sua relação com a Natureza.

O Músico, depois de formar o seu instrumento, toca-o e obtém a nota necessária para evocar uma sublime sequência melódica. A nota é Uma: mas, na corda que fez soar e vibrar, residem não só os verdadeiros harmónicos aos quais o seu ouvido se habituou e que ele intuitivamente reconhece como inevitáveis na sua relação verdadeira e eterna com a primeira; mas também uma infinidade de sobretons e subtóns que não estavam na Intenção original. E para estes ele não tem utilidade.

Isto é um símbolo simples; — uma mera indicação da verdade: mas só a Intuição poderá dar a compreensão correta e explicar a necessidade da criação da Matéria. Pois o Intelecto humano, sendo fisicamente condicionado e constituído, não pode compreender plenamente um esquema de que ele próprio é apenas um produto secundário. Porque foi evoluído como resultado de uma reação anterior da Matéria sobre um Impulso espiritual original e formativo. Mais tarde, virá a ter uma iluminação adicional como resultado da reunião do princípio Intelectual com o poder Intuitivo do Espírito para a génese desse Terceiro e Superior Modo de Mente que é o Logos.

A Razão-Espiritual, o Logos, apreende a verdade do lado intuitivo e transmite-a ao intelecto apenas na medida em que o Intelecto possa ser associado à Intuição. Mas essa faculdade espiritual, pura e simples, pode ser pensada como um navio à deriva, sem leme, nas águas ainda não cartografadas de um ambiente material; com as velas cheias dos ventos do Espírito que sopram por

onde querem: ao passo que o Intelecto é o Navegador destinado do percurso do navio neste oceano da Matéria, na etapa da Individualidade. Que o Intelecto mantenha então o navio no rumo certo, ajustando as velas aos ventos do Espírito, e o resultado, nesta parábola, é a Razão. E com a orientação da Razão, a embarcação chegará a porto seguro.»

SOBRE A NECESSIDADE DA MATÉRIA
(O DÉCIMO SEXTO ESCRITO)

«Foi mostrado como os dois Extremos têm de ser proporcionados e encontrar-se, para que um Terceiro ou Reino Intermédio possa ser criado, participando da natureza de ambos, para que todas as Perfeições possam ser manifestadas. Este Mistério tem o seu símbolo apropriado na necessária antítese entre Luz e Escuridão, Energia e Resistência. Sem oposição ou resistência não pode haver força, nem ação, no mundo material: e o material não é senão um tipo, uma expressão, do espiritual.

Como pode então o Espiritual agir ou manifestar-se na ausência do seu oposto? Tal como a ação de um é necessária para o desenvolvimento do outro, também a reação do outro é necessária para a plena expressão do primeiro. Assim, a Redenção do Intelecto depende do plano de uma Intuição recuperada e purificada. E essa Intuição será libertada das limitações da Matéria.

A Luz é Luz, e a Escuridão é Escuridão. Nenhuma delas é má; e nenhuma pode existir sem a outra, exceto como ideias. Mas até a Ideia tem de assumir contraste com algo, para poder existir. Assim, foi-vos dado aquilo pelo qual podeis apreender a verdade: símbolo para vós da necessidade da manifestação da Palavra na Carne. Esta é a base da doutrina da Encarnação de Deus no Homem. A Ideia de que a Matéria é símbolo torna-se assim evidente.»

O contraste entre Luz e Escuridão foi o primeiro meio de apreensão espiritual do homem. A contemplação das maravilhas do céu acima de si tornou-se proeminente na mente do Homem primitivo quando este se ergueu pela primeira vez e lançou o olhar para cima, na infância da sua era. Esta tendência ainda persiste entre os homens como um exemplo notável da lei do espírito. Naqueles dias ainda mais antigos, quando o homem material ainda rastejava como uma serpente sobre o ventre, e não era Homem mas animal, em cuja alma primitiva a Intuição (como Instinto) fora implantada, mas em quem o Intelecto ainda não havia despontado, ele via o céu acima de si graças ao poder psíquico de perceção residente no seu agora desaparecido órgão de visão, o olho pineal, um órgão cuja única função era proteger o seu possuidor dos perigos vindos do ar acima. Este órgão actuava apenas por intuição e atrofiou-se com o desenvolvimento do intelecto crescente. No seu

desaparecimento, deixou apenas um medo instintivo dos perigos oriundos das forças residentes na esfera celeste acima dele: uma intuição de memória que coloriu vivamente a sua inteligência em crescimento.

Esses vestígios de memória racial dominaram a inteligência nascente e encheram o homem de um medo instintivo da escuridão, levando-o a procurar a segurança e a glória da luz. Sabe, então, que a Intuição foi primeiramente ministrada por outro órgão que não possuía Intelecto senão o instinto de auto-preservação. Não havia nada dessa forma combinada de Instinto e Inteligência sobre a qual se fundaram as primeiras impressões conscientes de culto e adoração. Contudo, o Amor nas suas formas superiores assenta nesse instinto puramente natural, implantado para o ulterior desenvolvimento da Raça.

SOBRE A UNIÃO DA CONSCIÊNCIA EXTERIOR E INTERIOR (O DÉCIMO SÉTIMO ESCRITO)

O argumento deste escrito notável aborda a aproximação do homem à compreensão da verdadeira natureza dos objetos. Antes de poder apreender isto e assim entrar em associação consciente com a vida da Natureza, deve estabelecer uma harmonia de "rapport" entre os modos de consciência exterior e interior e as gamas de sensibilidade. A história de Pigmalião é recontada como ilustração do poder da ação mental simpática para alcançar este fim. Existe uma porta na alma humana pela qual pode entrar o conhecimento intuitivo do Interior.

A simpatia com a Natureza criará esta associação vital. As energias do Espírito estão sujeitas a uma lei matemática que é universal no seu alcance. Atualmente estas energias manifestam discórdia. Mas, quando se estabelecer a harmonia interatómica, todas as dissonâncias da Matéria serão reconciliadas em obediência ao Espírito. Antes de prosseguirmos para o registo do Décimo Sétimo Escrito, pausemos para reunir a pista para a compreensão dos fatores imortais na consciência humana, em contraste com os de natureza meramente temporal.

É importante que isto não seja negligenciado. Há uma verdade fundamental na analogia traçada pelos nossos instrutores entre as harmonias intrínsecas do tom que residem sempre dentro do poder vibrante da Nota Dominante, e aquelas verdadeiras emoções da alma do homem que são para sempre inerentes à sua consciência espiritual e são imortais porque renascem perpetuamente, reproduzidas infinitamente na sua plena força e beleza, sustentando-se e amplificando-se umas às outras pelo poder da simpatia mútua.

MEMÓRIA TEMPORAL E ESPIRITUAL

Podemos contrastar estas com os pensamentos diários dos homens e as múltiplas atividades do cérebro, o seu registo sensorial, as suas memórias de circunstâncias e da rotina da vida física. Estas são, na sua maioria, apenas matéria: representam os sobretons e subtóns gerados pelo choque de inúmeros elementos complexos na vida intelectual e, para elas, o espírito liberto já não terá utilidade quando o corpo e o cérebro forem postos de lado.

O que possa ter valor permanente neste registo da experiência terrena será harmonizado e tecido no tecido da experiência imortal da alma, e muitos e maravilhosos serão os matizes individuais que possam ser acrescentados desta fonte. Mas o entulho inútil do pensamento e da memória material será descartado, os movimentos errantes e sem lei anulados e todas as dissonâncias contidas. Assim, podemos, sem arrependimento, concordar com as palavras do Salmista quando diz:

"Quando o espírito do homem parte, ele volta de novo à terra, e então todos os seus pensamentos perecem." Isto não é a expressão de um saduceu ou de um pessimista. Para compreender o seu significado, voltamos ao original grego e verificamos que a palavra traduzida por "pensamentos" não é mais do que "logismoi", o que implica apenas as maquinações cerebrais do homem.

O Escrito

«Dizíamos-vos que sois um reino dentro de um reino: o um dividido contra o outro apenas num aspeto, mas um aspeto fundamental. Se estes reinos, interior e exterior, estivessem em perfeito equilíbrio e relação simpática, chegaria ao homem esse grande desiderato, uma perfeita Concórdia em que as Realidades espirituais transmitidas pela Intuição se traduziriam sem esforço em conceções intelectuais.

Temos frequentemente usado a palavra ‘vibração’, que, para a vossa mente, apenas sugeriria a ideia de um som, uma onda ou movimento periódico; — uma sequência rítmica na manifestação de energias físicas. Mas a realidade do seu significado, tal como usamos o termo, não podeis conceber intelectualmente. Nós, que estamos no Reino Interior, operamos com dificuldade sobre o outro, há muito esforçando-nos por afinar aquilo que há de espiritual em vós às vossas próprias ‘vibrações’.

Queríamos dizer-vos, em melodia quebrada, o que poderia contribuir para esse grande propósito: mas as semelhanças que poderíamos usar são tantas, e tão difíceis de vos transmitir no seu significado interior. Assim também era no ensino religioso de outros tempos. O Sol, o maior dos símbolos, estava sempre ali; — sempre o mesmo no seu significado espiritual, no seu poder e aparência materiais: mas aqueles sobre quem brilhava viam-no através dos véus das nuvens — as nuvens e barreiras da sua mentalidade individual e racial. E esforçavam-se por interpretar o Símbolo de cem maneiras diferentes. Mas todos falharam em perceber o significado interior da parábola, que, no entanto,

pode ser vagamente apreendido na fotosfera. E é isto que queremos ler-vos do mesmo modo:

Estais numa Casa com janelas à frente, pelas quais podeis contemplar o campo aberto da Natureza. Mas nunca saístes para o campo da Natureza. Estais conscientes do Espaço, mas apenas como Posição expandida: e do Tempo, apenas como Dias prolongados. E vedes a Natureza como se fosse uma pintura no vidro da vossa mente e apenas em duas dimensões: — bela, é verdade, mas apenas um quadro; e não estais nele.

A parte de trás desta vossa Casa não tem janelas, mas uma Porta: e por essa porta não podeis passar. Mas, por vezes, podeis permanecer no seu limiar. Nós, porém, podemos aproximar-nos dessa porta; e, entrando, vindos de um conhecimento pleno das relações exteriores, falar-vos-íamos através dessa porta, tentando explicar-vos as verdades que nos são conhecidas.

Mas, para comunicar connosco, deveis ter as vossas janelas limpas, os olhos fixos no campo da Natureza que vedes como uma projeção de fora: e, sem nunca fechar ou desviar o olhar da imagem que vos chega pelas janelas, deveis voltar o vosso ouvido para nós, que vos falamos da sombra escura da parte de trás não iluminada da vossa casa, que é iluminada por um raio de sol que entra pela porta. Então deveis ouvir as nossas vozes, e esta é a história que vos contaríamos:

Houve um Escultor, uma vez, que sentiu e compreendeu a perfeição da Harmonia: pois percebia a Perfeição como o aspeto exterior da Verdade Imortal. Assim, possuía em grande medida a intuição de Deus.

Por isso lutou com a Matéria, para tornar essa Matéria perfeita no seu próprio domínio. Mas a Matéria, na sua dissonância, recusava a Perfeição. Durante muito tempo esforçou-se em vão: pois, até que a desarmonia do Átomo último fosse vencida, nenhum esforço seu poderia valer.

Por fim, o seu poder de simpatia prevaleceu e o Átomo de Tudo foi conquistado. E eis que surgiu uma harmonia perfeita. Ele reproduziu na Matéria uma cópia fiel da Ideia que era de Deus: e, à medida que a última discórdia se dissipava e a Matéria que moldava reagia em cada vibração à força da Ideia perfeita, respondendo plenamente às suas harmonias, a Ideia dominava. E a Imagem ergueu-se em vida plena e perfeita. Ele, o escultor, elevou o mármore frio e morto às vibrações superiores da Carne viva: e havia Vida.

Assim, no plano superior do Eterno, a carne, que é a vibração mais alta da Matéria, pode ser elevada pela influência das energias do Reino Interior a esse modo ainda mais alto de manifestação, que significará Imortalidade no Plano da Vida. Pois a causa da morte é a resistência da Matéria às vibrações do Espírito; — o crescimento de uma dissonância nunca conquistada.

A Vida não é da Carne, mas do Espírito dentro da carne. É um empréstimo do Reino Superior ao Inferior; e o Inferior não a compreende e combate-a. No entanto, a Vida, como vemos, tem poder, por algum tempo, para resistir às hostilidades do reino inferior e ganha, na luta, uma certa medida de força material.

Gradualmente transmutada, esta retorna ao Espírito. Compreende, então, que a Vida está destinada a governar a Terra. Pois é um atributo do Espírito e parte da Inspiração original que, a princípio, domina a Natureza e desenvolve o infante até ao homem, e depois, cedendo às oposições da Matéria, vai gradualmente recuando ao mais elevado céu.

Mas se elevarmos o Índice de Elasticidade — a disposição da Matéria para ceder ao controlo do Espírito —, a Vida tornar-se-á mais longa até que, por fim, a vitória final seja conquistada e, nesse Reino Intermédio, toda a resistência cesse e a Vida tenha domínio eterno. Ela triunfa, ainda vestida de carne — sim, de verdadeira carne humana —, mas carne repolarizada e cheia de glória e poder.»

Assim termina a Parábola de Pigmaleão e o texto volta ao desenvolvimento de um tema aliado, mas algo diferente: a correlação de Tempo, Espaço e Energia. Estes são proclamados como interdependentes e, a este respeito, o texto, dado em 1918 e 1919, antecipa as teorias e conclusões posteriores dos nossos astrofísicos e da escola de Einstein e dos seus seguidores.

Parte II do Escrito XVII.

«Há ainda isto a dizer. Dissemos-vos que o Tempo, o Espaço e a Força são a medida de todas as coisas, e que têm uma relação verdadeira e direta com as grandes Forças Originais que os determinam. Ora, a Intuição tem consciência dessas forças, porque é a Razão do Espírito e, portanto, está consciente da Causa original da Manifestação — a Raiz das coisas. Pois, como parte do Santo Espírito do Criador, o espírito individual, com as suas intuições, está em perfeita harmonia com Esse Espírito. Por isso, a lei que governa a forma do controlo envolve também o seu Original, abrangente e tudo-incluindo; e manifestar-se-á assim em perfeita relação e sintonia completa em cada detalhe, grande ou pequeno, da Sua criação.»

Daqui podemos inferir que a Intuição deve ser entendida como consciente daqueles poderes que estão por trás de todos os fenómenos objetivos e pode, portanto, cooperar inteligentemente com a Vontade do Criador dos Éons. «Assim, deve existir uma Razão direta e imutável entre o Tempo, a Distância, o Espaço e a Força: uma razão que rege em cada dimensão do Universo e se exemplifica em cada uma delas.

O homem, na sua Forma física perfeita, é um Macrocosmo do embrião divino. Mas é também um Microcosmo da Forma Maior exemplificada no cosmos mais vasto. As razões de medida são as mesmas. No espírito, como na matéria, subsistem de modo semelhante. E, de novo, semelhantes a estas Razões Ideais e em perfeita relação com elas — bem como com as condições e formas materiais que lhes são símbolo — estão as Forças Causais do Espírito. Mas este mistério não poderíamos explicar mesmo em muitos livros. Só podeis apreendê-lo pela intuição, aquilo que o Intelecto não pode abarcar nem sondar.»

Matéria simbolizada em termos aritméticos

«Pensa no Universo em termos de Número, modo no qual encontras as mesmas harmonias a expressarem-se. Pensa nos corpos no Espaço como grãos de areia que formam, ou tentam formar, estruturas de simetria perfeita sob a influência de vastas vibrações, cósmicas no seu alcance. Os elementos essenciais dessas vibrações, para que possam controlar o todo, devem ser transferidos e apropriados por cada Unidade individual, até ao infinitesimal: e o Número é típico desta apropriação da Força Divina que os anima.

A Matéria tem também as suas relações com forças que atuam noutros meios. As partículas de areia coesem pela virtude das suas próprias interações; e nisto tens uma demonstração da Vontade Livre da Matéria a agir em oposição e em conflito com a Intenção Original, porque esta tendência à coesão torna as partículas menos plásticas à operação das leis da Grande Simetria que o Espírito procura exprimir em Tudo e em Cada.»

O Tempo como função da Matéria

«Estas oposições da Matéria produzem o Tempo, que, fora da Matéria, não tem existência.* O Tempo, portanto, é um produto da Matéria: e por essa razão, à medida que a Matéria gradualmente cede as suas oposições ao controlo divino, o Tempo desvanece-se. Assim podeis ver como, nesse Reino Intermédio de que falámos, a perfeita manifestação dos Ideais Infinitos do Espírito, que criou e moldou toda a substância física, irá engendrar uma harmonia final e completa de todos os movimentos e poderes da Matéria enquanto expressões das concordâncias perfeitas da Mente Divina.

*Noutra passagem, os Vigilantes dizem que ‘O Tempo é a razão da resistência da Matéria às forças do Espírito’.

Convém estudar o Propósito espiritual no seu trabalho evolutivo, observando os seus símbolos nos processos criativos da Natureza, como estão presentes na Conceção, Germinação e Crescimento do Embrião; bem como no desenvolvimento do homem e nos períodos de crescimento de todos os seres vivos. Pois em todos estes perceberás, se estudardes corretamente, uma

Razão perfeita presente; — uma Razão perfeita mesmo ao vosso entendimento, se aprenderdes que as aparentes variações se devem às influências materiais secundárias de que já falámos; estas dependem das densidades relativas da Matéria que rodeia e constrói o organismo, e de outras causas semelhantes.

A evocação das Memórias do Espírito

Parece oportuno, neste ponto, chamar a atenção do leitor para um Escrito que foi até aqui omitido, a fim de melhorar a sequência geral dos ensinamentos. Este é o Terceiro Escrito, e o seu tema é a Memória como Função do Espírito. O objetivo da comunicação é, evidentemente, mostrar que todos os fatos, circunstâncias e valores emocionais da experiência humana deixam uma marca indelével na alma, uma marca tanto mais viva quanto maior a intensidade da reação espiritual à própria experiência. Por estas impressões, o carácter adquirido da alma (que é Personalidade) é constantemente modificado. Forma-se um corpo de Memórias espirituais destinado a construir a verdadeira Personalidade do indivíduo; isto é, a Personalidade espiritual de que a entidade visível é apenas expressão e símbolo temporários.

Na morte, todas estas Memórias aprisionadas do espírito do homem entram em atividade livre. Isto significa que Toda a Experiência da Vida no corpo deve estar presente à alma liberta. E o espírito do Homem, embora em si mesmo inalterado e inalterável, está ligado em união estreita com a alma e, por isso, pode, através da sua experiência e carácter adquiridos, manifestar algo das suas infinitas possibilidades de expressão própria.

Algumas dessas Memórias e Experiências podem ser assimiladas à condição de existência espiritual e outras não. As últimas, que foram impressas por reações dominantes da Matéria sobre um espírito fraco aprisionado na malha de um corpo e cérebro físicos, constituem esse Mal que não cessa com a morte do corpo mas manchou e empanou as vestes da alma e deve ser consumido.

O que é claro, porém, é que o crescimento da alma só pode ter lugar na presença destas «oposições da Matéria» e que o Fim espiritual a atingir não é tanto a destruição dos poderes materiais (como certas religiões ensinaram), mas sim a sua transmutação e a sua total harmonização às puras Energias do Espírito. O Homem foi primeiro aperfeiçoado no seu Ser espiritual; depois, nos seus poderes materiais, especialmente do lado da inteligência física. Isto foi feito para que os dois extremos pudessem eventualmente ser unidos em perfeita harmonia. Cabe ao Homem, pelo seu próprio ato, fazer reviver e ativar esses poderes espirituais adormecidos que existem dentro de si, estando eles destinados a assumir a regência sobre a sua parte material e, assim, sobre Toda a Criação.

Somos assim libertados da velha heresia do Dualismo do Bem e do Mal, — o conflito eterno entre Ormuzd e Ahriman, — uma batalha perpetuamente empatada. Este problema obscuro confundiu o pensamento de todas as gerações de homens religiosos e filosóficos, e trouxe, como o credo fatalista, uma tristeza instalada e desespero à vida e ao pensamento de inúmeros dos seus seguidores. Foi o pai de muitas heresias e sistemas de pensamento erróneos. Como maniqueísmo, foi um formidável adversário dos bispos da Igreja Cristã primitiva.

É disto que os sublimes e inspiradores ensinamentos dos Vigilantes nos libertam, pois revelam-nos um Terceiro Princípio que está para além dos 'pares de opostos' que conhecemos como Bem e Mal. Este Terceiro Poder é supremamente bom, pois tem o poder de preservar e perpetuar tudo o que aqui, como humanos, conhecemos como Bom, ao mesmo tempo que restringe, reconcilia e transmuta em beleza todos esses movimentos discordantes que experimentámos como Mal. Este Bem Superior é redentor no mais pleno sentido. Converte oposições em Poderes de Serviço; e as forças de destruição em Energias Divinas de Criação e Obra.

Os "Ideais Infinitos do Espírito"

Na transmutação das forças errantes e rebeldes podem residir os germes de novos e gloriosos desenvolvimentos em que se revelem uma necessidade ordenada pelo Céu. Podem fornecer as sombras que marcam os contornos e moldam as superfícies dessas perfeições de forma que, se fossem exibidas sob uma iluminação uniforme, nunca exibiriam a sua plena definição e subtileza de carácter.

Assim, no prometido Reino Intermédio, os Extremos unem-se e as reações e oposições são harmonizadas sob o Supremo Propósito do Espírito. O equilíbrio pende de uma vez por todas para o lado do Bem, e de um Bem ainda inconcebível para nós porque já não tem o Mal a acompanhá-lo nem a contrariar as suas atividades. O bem inferior é Relativo: o bem superior é Absoluto. E, na contemplação disto, a alma do homem, tendo subjugado os poderes da Matéria, é iniciada numa vida de beleza construtiva e atividade ditosa que não conhece fim nem deixa qualquer possibilidade por satisfazer.

Assim seja! Na doutrina da progressiva absorção e transmutação do mal — a resolução de todos os elementos de discórdia nas harmonias dominantes do Esquema criativo — encontra-se matéria para interminável meditação. As reações da energia material, as oposições do intelecto e da vontade materiais, são controladas e convertidas em meios de estímulo perpétuo para um novo esforço espiritual — em substância para nova expressão da Ideia e para a evolução de possibilidades mais sublimes de beleza, verdade e bem. Com estas energias recuperadas o Espírito se alimentará, assimilando-as à sua vida

e encontrando no seu serviço obediente aquele Motivo Eterno que para sempre afastará a inércia espiritual.

O tédio de um céu estático e imutável deixará de ser um espectro da mente, quando isto for compreendido. O ensinamento atribuído à Hierarquia Druídica é aqui claramente recordado, na sua doutrina das “Inovações Celestiais”, eternamente recorrentes mas — tal como as razões do círculo e da diagonal — nunca repetidas duas vezes. De “Saint Paul in Britain”, de Morgan, que contém um útil resumo das doutrinas do druidismo, podem ser oferecidos os seguintes excertos:

«Este ramo do teísmo druídico... parece ter fornecido a Demócrito a sua teoria dos poderes atómicos da Natureza e a Platão os seus arquétipos na Mente da Divindade. A Matéria foi criada e sistematizada simultaneamente pela proclamação do próprio Nome do Criador (cf. as 'palavras de Poder' de que falam os Vigilantes). Não pode existir sem Deus. A Natureza é a ação de Deus através do meio da Matéria... O universo é, na substância, eterno e imperecível; mas, na forma, está sujeito a ciclos sucessivos de dissolução e regeneração. Não existe tal coisa como aniquilação da Matéria... Em torno de cada existência separada, onde quer que esteja, estende-se o Infinito: — isto é Ceugnant, que só Deus pode preencher.

Originalmente havia apenas dois estados de existência sensível: — Deus em Ceugnant; e os 'Gwynfydollion' (os 'brancos' ou felizes) em Gwynfyd. A única aberração a que os Gwynfydollion estavam sujeitos era o 'Balchder', — que consistia em tentar fazer o que só Deus pode fazer; isto é, entrar e sustentar Ceugnant; — manter e governar o universo Infinito. Certos Gwynfydollion, cujo número só Deus conhece, tentaram fazê-lo e assim originaram em si o estado de 'Annwn'. Annwn é o ponto mais baixo da existência consciente, em que o mal é totalmente desprovido de qualquer partícula de bem. Este resultado foi a consequência inevitável do próprio ato — não uma penalidade externa imposta por Deus. Para os restaurar ao estado de Gwynfyd, Deus, na Sua bondade, criou o terceiro estado, 'Abred'.

Abred inclui todas as condições de vida sensível abaixo de (Gwynfyd). O seu ponto mais baixo é Annwn; o mais alto, imediatamente a seguir ao dos Gwynfydollion: isto é, o estado do Homem — a Humanidade. A Humanidade era denominada 'Byd Bychan' (o 'Pequeno Mundo'), porque, assim como todo o Infinito estava contido em Deus, assim todos os ciclos de existência abaixo do Homem estavam contidos e representados no Homem. 'Abred' é um estado de provação e sofrimento para os Abredollion — ou seja, para os Gwynfydollion em Abred... A Humanidade são os Gwynfydollion caídos. Todo o ser humano esteve no estado angélico no céu; caiu daí para Annwn; subiu daí pelos vários ciclos de Abred — a existência de provação — até ao seu estado actual, no qual é de novo agente livre, senhor do seu próprio destino espiritual...

No 'byd mawr', abaixo do Homem, o mal e o sofrimento predominam. No 'byd bychan', ou estado humano, o bem e o mal estão em equilíbrio. Com 'byd bychan', termina a provação. Em 'gwynfyd', começam o bem puro e a felicidade pura. Uma alma pode recair inúmeras vezes de 'byd bychan' para Abred e de novo ascender. No fim, toda a alma passará por 'byd bychan'; e, quando o último dos Gwynfydollion tiver recuperado 'gwynfyd', então acabará Abred — cumprindo-se o propósito para o qual foi criado.

Dissolvido o Abred, restariam apenas os dois estados que existiam desde o início. Segundo o sistema druídico, o 'Inferno' do homem era passado antes do seu nascimento, e o próprio inferno era um estado temporário. Três coisas, portanto, eles ensinavam, diminuem continuamente: Escuridão, Mal e Morte*; três coisas aumentam continuamente: Luz, Verdade e Vida. Estas finalmente prevalecerão sobre todas: então Abred acabará.»

A ideia da progressão eterna do Homem e do universo, que permeia as Tríades, é muito bela. No “Coelbren Rhodd”, num diálogo entre mestre e discípulo, o discípulo afirma:

«Gwynfyd não pode ser recuperado sem conhecer tudo. Não pode haver ‘conhecer tudo’ sem ‘sentir em si tudo’; não pode haver ‘sentir em si tudo’ sem ‘sofrer em si’ toda a forma (rhith) de mal e bem, para que um se possa conhecer do outro. E tudo isto deve acontecer antes que se recupere o ‘gwynfyd’: pois ‘gwynfyd’ é liberdade perfeita.» De novo, o discípulo responde ao mestre sobre a questão ‘Quantos rhiths existem?’ e diz:

«Tantos quantos Deus viu como necessários para conhecer todo o bem e todo o mal, em todo o género e qualidade, de modo que nada do que Deus pudesse conceber ficasse por não ser experimentado.»

- Cf. os Vigilantes: «o bem sempre vivo; o mal sempre a morrer» e as nossas próprias escrituras: «o último inimigo a ser destruído é a morte.»
- O mesmo ensinamento é dado num Escrito posterior, como interpretação das palavras de Cristo por Filipe, o Diácono (ver “Evangelho de Filipe”). «Assim, cada um sofre e aprende, para que se cumpra o conhecimento que cada homem deve ter de si mesmo. Pois, como já foi dito, sois verdadeiramente membros uns dos outros; e, com o decorrer do tempo, tudo o que passou pelo mundo encontrará em si tudo o que cada um contém. Pois até que chegue à plena realização de si, a alma do homem não será completa.» Filipe afirma ter dialogado muito com o sacerdócio druida na Gália e na Bretanha.

A felicidade de Gwynfyd (diz Morgan) consistia em “nevoedd”. Este termo implicaria uma sucessão eterna de estados de ser moral; de novos cenários e novas faculdades de felicidade. Nisto, tal como na noção da duração e do objetivo do “inferno”, o druidismo diferia do cristianismo, cujos mestres

representaram o céu como um eterno sábado de descanso, e o inferno como um lugar de tormento sem fim.

As analogias entre o sistema druídico e o sugerido nas comunicações dos Vigilantes tornar-se-ão cada vez mais evidentes ao leitor à medida que prossegue no estudo deste registo. O “Alfa” e o “Ómega” destas comunicações parecem implicar a impregnação progressiva da Matéria e do Universo material pela Mente e a sua iluminação final pelo mesmo princípio divino. Será pertinente citar aqui mais um excerto do Escrito de Filipe, o Vigilante:*

«O Espírito está por detrás de todo o Ser: é a Grande Força que cria Tudo o que É; e do seu mistério ninguém sabe. Eu, Filipe, que vos escrevo, sou ignorante daquilo que é Deus: pois sou ignorante do que é a Vida. Mas sou ensinado que a poderosa Força que faz surgir toda a Vida pode lançar no mundo tanto vasos maus como bons, que podem ser usados, e também vasos que sejam danificados e de nenhum préstimo; e por vezes, quando esta grande Força se esgota no Seu esforço criativo, vem uma pausa; e após a pausa, um Fogo purificador...

Pois há grandes revoluções na roda da Criação. Quando tais purificações ocorrem, então toda uma revolução da roda deve ser destruída, para que, recuperando-se a matéria, o oleiro possa moldar formas mais belas na Sua roda. Desde o princípio do mundo assim tem sido.»

A felicidade de Gwynfyd (diz Morgan) consistia em “nevoedd”. Este termo implicaria uma sucessão eterna de estados de ser moral, de novos cenários e novas faculdades de felicidade. Nisto, tal como na noção da duração e do objetivo do “inferno”, o druidismo diferia do cristianismo, cujos mestres representaram o céu como um eterno sábado de descanso, e o inferno como um lugar de tormento sem fim.

As analogias entre o sistema druídico e o sugerido nas comunicações dos Vigilantes tornar-se-ão cada vez mais evidentes ao leitor à medida que prossegue no estudo deste registo. O “Alfa” e o “Ómega” destas comunicações parecem implicar a impregnação progressiva da Matéria e do Universo material pela Mente e a sua iluminação final pelo mesmo princípio divino.

*P. 13, “Gospel of Philip”, Macey Piading Co., New York, 1932

A felicidade de Gwynfyd (diz Morgan) consistia em “nevoedd”. Este termo implicaria uma sucessão eterna de estados de ser moral — de novos cenários e novas faculdades de felicidade. Nisto, como na sua noção da duração e do objetivo do “inferno”, o druidismo divergia do cristianismo, cujos mestres representaram o céu como um eterno Sábado de descanso e o inferno como um lugar de tormento sem fim.

As analogias entre o sistema druídico e o sugerido nas comunicações dos Vigilantes tornar-se-ão cada vez mais evidentes ao leitor à medida que

prossegue com o estudo deste registo. O “Alfa” e o “Ómega” destas comunicações parecem implicar a impregnação progressiva da Matéria e do Universo material pela Mente e a sua iluminação final pelo mesmo princípio divino.

Aqui será oportuno citar mais um excerto do Escrito de Filipe, o Vigilante:

«O Espírito está por detrás de todo o Ser: é a Grande Força que cria Tudo o que Existe; e do seu mistério ninguém sabe. Eu, Filipe, que vos escrevo, sou ignorante daquilo que é Deus: pois sou ignorante daquilo que é a Vida. Mas fui ensinado que a poderosa Força que faz surgir toda a Vida pode lançar no mundo vasos maus e bons que podem ser usados, e também vasos que sejam danificados e sem préstimo; e por vezes, quando essa grande Força se esgota no seu esforço criativo, vem uma pausa; e depois da pausa, um Fogo purificador... Pois há grandes revoluções na roda da Criação. Quando tais purificações ocorrem, toda uma revolução da roda deve ser destruída, para que, recuperando-se a matéria, o oleiro possa nela moldar formas mais belas na Sua roda. Assim tem sido desde o princípio do mundo.»

CAPÍTULO VI
SOBRE A RECORDAÇÃO DAS MEMÓRIAS DO ESPÍRITO HUMANO
O Terceiro Escrito

O tema do Terceiro Escrito é a evocação das Memórias do Espírito. A memória do tipo transcendental é considerada de importância primordial na obra de reunir e entrelaçar as faculdades espirituais perdidas do homem. Por isso, os Vigilantes dão especial relevo à psicologia do processo envolvido. Já nos mostraram o poder da Oração. Agora procuram explicar o Ato de Memória como um esforço da mente. É importante para todos que compreendamos melhor o Ato de Memória — um ato, convém recordar, em que a vontade física é um agente primário.

As impressões recebidas pelo cérebro, através dos sentidos, são absorvidas e registadas por um sensorium interior da Mente, onde são permanentemente retidas; embora possam, e efetivamente o fazem, desvanecer-se rapidamente na perceção objetiva e serem ‘esquecidas’. Mas a parte espiritual da consciência do homem é constantemente modificada pelas impressões assim recebidas de fora.

Existe uma faculdade da Mente que classifica todas as impressões e as agrupa instintivamente por um poder de síntese. Esta síntese é recuada até que todas as impressões, todas as experiências, encontrem o seu lugar no reconhecimento da sua relação típica e sejam finalmente unidas num grande organismo simétrico de Conhecimento espiritual, bem no fundo da alma

individual, naquele ponto interior remoto onde esta encontra e se liga à Memória e Experiência Racial.

Devemos ter em conta que existe um processo seletivo diferente a operar em cada mente individual, o que conduz a uma diferenciação e variação progressivas do carácter de cada um. Registamos aquilo que mais fortemente nos interessa ou apela. Um observará e memorizará muito que outro rejeitará instintivamente, e vice-versa. O Escrito apresenta o problema de um ângulo incomum e estimula novas linhas de pensamento.

«A memória é a Vibração Externa dos elementos espirituais sob o impulso primário do Físico. As vibrações externas ou físicas cessam, mas as espirituais persistem na sua totalidade, embora o concurso da sua atividade seja ocultado — cerceado — pela inércia das já referidas vibrações do material. Assim, a Memória é vívida em razão inversa da densidade do veículo físico. As suas vibrações persistem, mas podem ser subjugadas e abafadas pelos movimentos mais grosseiros que as rodeiam.»

Podemos notar aqui que a tentativa de evocar uma Memória para expressão física é, em primeiro lugar, um esforço cerebral para coordenar algum ténue estímulo originado na mente interior. Uma interação é iniciada por um impulso do lado físico, e a impressão perdida é trazida para mais perto do limiar da consciência. A memória subsiste por inteiro no subliminar, mas pode ser demasiado fraca para reagir com sucesso sobre os elementos físicos. No seu estado livre, seria totalmente restaurada.

«Com a decadência do corpo físico, as vibrações espirituais retomam a sua atividade. Mas agora são modificadas pelas impressões reflexas derivadas da forma corporal já partida.»

A consciência espiritual liberta retém, assim, a coloração da experiência terrena e, nalguns casos, essa acreção pode ser tão pesada que prende a alma à terra devido a essas memórias.

«As vibrações espirituais originais ativas no homem foram gradualmente ocultadas pelas acreções herdadas do seu materialismo crescente. Daí ter-se seguido uma perda da consciência dessas inspirações espirituais que, nos primórdios da humanidade, eram tão perfeitas.

As ações e reações da Matéria constituem o Mal: mas a experiência destas reações materiais foi necessária para o aperfeiçoamento do lado espiritual do homem; assim como a escuridão é um contraste necessário à luz, ou como Resistência e Reação são necessárias à Ação.

O semelhante atrai o semelhante: e é claro que o lado espiritual ou intuicional do homem deve primeiro alcançar os poderes da ordem puramente espiritual na sua forma inalterada, para que as suas plenas potencialidades possam mais tarde ser apreciadas pelo Homem através das suas faculdades racionais e

intelectuais. Estas faculdades desenvolvem-se pelas reações da Matéria sobre o impulso espiritual que criou as suas primeiras funções.

Explicámos, a propósito da necessidade da criação dos Extremos e da sua manifestação em ambos os modos, que um Reino Intermédio abrangendo as qualidades de ambos poderia assim ser evoluído e desenvolvido. Mas as limitações do vosso estado físico tornam apenas possível oferecer-vos os contornos mais simples da verdade, que só pode ser entendida pelas faculdades libertas daqueles que estão desencarnados. Só podem evocar este conhecimento pelo exercício das vossas faculdades de Razão, que são o fruto daquela interação de que falámos.

Mas uma coisa podemos e fazemos. Estimulamos a inspiração das faculdades espirituais com vista também à estimulação dessas faculdades de raciocínio que estão destinadas a desempenhar um papel tão importante na edificação do Novo Reino que há de vir. Já vos dissemos isto; e assim vos orientamos, estando-nos isso permitido. Não quebramos nenhuma lei. Antes seguimos e estimulamos Leis da Natureza e do Espírito. Mas não podemos cruzar as fronteiras nem derrubar as barreiras.»

O Martírio da Matéria

Esta estranha expressão é um tema constante nas comunicações. A Vontade da Matéria, nas suas reações cegas e discordantes ao impulso espiritual, tende, como vimos, a ceder por fim ao Desejo da própria Matéria de regressar às suas perfeições originais. Em última análise, toda a criação está destinada a ser conduzida cativa pelo Espírito. Mas este fim só pode ser alcançado por um processo de crucificação da carne pelo espírito, e a Matéria sofre martírio para alcançar reconciliação e união. O tema torna-se proeminente em duas comunicações — a IV e a V da série — recebidas durante a grande ofensiva alemã de Março de 1918, e podem ser lidas à luz desse evento histórico. Segue-se o Quarto Escrito:

«As condições provocadas por influências externas são tais que tornam quase impossível qualquer impressão. As vibrações físicas, por si só, seriam suficientes para sobrepujar a delicada vibração no outro plano: e quando, além disso, o mundo espiritual é invadido por questões de natureza intensamente concentrada, torna-se uma impossibilidade total realizar algo.

Os espíritos dos mortos, presos à terra e ainda profundamente interessados nas condições do campo de batalha, causam uma perda de equilíbrio proporcional à sua influência relativa, o que interrompe todas as condições normais a centenas de quilómetros para além da zona de guerra. Uma influência que foi observada é aquela que outrora foi conhecida como ‘Demeter’ (A Mãe-Terra). Mas passou, por agora. O equilíbrio eleva-se e em breve

mostrará uma plena preponderância do lado do direito intrínseco. O último grande esforço esvai-se. Haverá flutuações, mas vemos claramente o que o mundo tumultuoso vê vagamente — o desfecho da vitória do Bem sobre o Mal. Isto é inevitável, e é uma lei da natureza e de Deus. Não temais: irá passar, e depressa. O clímax que se aproxima, fundamentado em leis naturais, testemunhará o fim da grande ofensiva. Já a esperança trabalha no peito dos líderes, e a Natureza expectante observa, sem fôlego, o progresso da sua realização.

Depois, a barreira que nos separa de vós tornar-se-á ténue; e algures ela partir-se-á e abrirá uma nova visão de vida. Do Mal nasce o Bem; e do lodo da Matéria onde a terra agora está sepultada, crescerão os lírios do Espírito, belos, doces e consoladores.

DIZEMOS-VOS MUITAS VEZES: este é o fim das coisas antigas e do mundo sofredor da guerra, numa nova era e uma nova dispensação. O Espírito da Terra (a Demeter) passa para o controlo de um Poder Superior, e subitamente — tão subitamente como o piscar de um olho — Ele estará convosco. Está próximo. Nas vossas almas podeis senti-lo: e aqueles que se revolvem no lodo e no conflito sentem-no ainda mais do que vós.

Por todo o lado, através dos séculos, as forças do Bem prevalecem e cumprem o seu destino, mesmo que a economia exterior e material possa parecer um fracasso. Olhai para dentro e aprendei com a história. Nunca o Bem último falhou no seu propósito, mesmo que a destruição da manifestação material tenha sido necessária para a sua consumação. Portanto, tende ânimo e não temais...»

Assim como o botão tem de romper para se desenvolver plenamente e lançar novos rebentos, para que o seu núcleo possa cumprir o seu destino, assim também a Matéria tem de ser fraturada e destruída para o progresso da Força espiritual nela contida. A alma das nações, para ser totalmente purificada, teve de sofrer até ao limite: mas não até à sua destruição completa — não para perecer. Nunca assim foi ordenado na história das nações. Jamais este mundo viu as forças do Bem serem aniquiladas: pois fica sempre um resíduo escolhido, mesmo que porventura plantado nas almas materiais dos inimigos do Bem.

Assim será agora. Pois as nações que combateram do lado do Justo não foram consideradas em falta. A poda foi grande; e a foice colheu; mas a colheita é grande e boa. A colheita espiritual está a ser feita, e fica suficiente do bom para os campos de colheita do mundo. Espírito e Matéria devem fundir-se, interpenetrar-se e equilibrar-se... uma sem a outra é apenas perfeita no seu próprio domínio. Assim, tudo se submete à lei que nenhum mortal pode compreender: — a Necessidade da Matéria para o aperfeiçoamento do Espírito.»

O Quinto Escrito*, também escrito durante a grande ofensiva alemã, encontra-se impresso na íntegra nas págs. 57-61 de “The Hill of Vision” (publicado em 1919). É apropriado aqui citar algumas passagens curtas desses Escritos publicados, pois estão diretamente relacionados com o tema em consideração.

*«Não te desvies da Luz: (pois na) Luz da Palavra está a consumação de todas as coisas humanas, (através) do martírio da Matéria, que é a dissolução das suas formas mais grosseiras e o crescimento recíproco daquela ordem mais subtil que é a manifestação física superior do Espírito.

†Convosco... ver-se-á que, à medida que o poder material enfraquece, o Espírito se fortalece. Este declínio do poder material não é aquela decadência que foi o destino dos impérios do passado, mas sim a poda da árvore jovem para que dê melhores frutos no futuro. Por isso, não temais quanto ao resultado. O solo está preparado. É enriquecido pelo sangue dos mortos. As forças espirituais combinam-se na seiva que flui e que em breve produzirá as flores e os bons frutos da árvore: e sobre a espata, mesmo cortada até às raízes no solo, será enxertado um novo espírito. Olhai, pois, (para além do imediato), para os resultados finais; pois eles são inevitáveis para a perfeição.

Que importa o sofrimento do corpo, pessoal ou nacional, se os sinais da Regeneração se tornam um a um manifestos e nasce aquilo que nunca podereis conceber — o Novo Espírito nas nações que precisam de regeneração? Quem pode ver a Conversão ou captar a sua absoluta maravilha senão pelas suas obras? Por elas, um espírito se manifesta: e não pode haver mudança súbita. Mas na Alemanha, e mais visivelmente na Áustria, está a surgir uma mudança de coração cada vez mais evidente.

§Estas coisas dizemos. Sabemos isto, e as tendências que acompanham as ações físicas são-nos aparentes nos nossos lugares. Por isso, aqueles que podam a árvore não choram pelas folhas que caem e pelos ramos que secam. Só vós, que sois a Árvore, saudável e regenerada, regozijai-vos agora e não vos entristeçais para sempre.»
**Hill of Vision, p. 61.
+Idem, p. 67. (Esta versão é ligeiramente parafraseada.)
+Idem, p. 67.

CAPÍTULO VII
SOBRE O CONCEITO DE INFINITO
(O Sétimo Escrito*)

Já abordámos a Apreensão Intuitiva do Infinito pela mente humana como argumento para a presença, no seu interior, de um tipo de consciência que transcende o físico e não reconhece as limitações de Tempo, Espaço e Circunstância pelas quais a mente intelectual está sujeita. Esta consciência, o

intelecto não admite porque não é capaz de a abarcar. A sua realização mais plena seria avassaladora para toda a estrutura da consciência intelectual. Por isso, é mantida a uma distância segura, da qual os seus raios podem suavemente estimular o funcionamento da mentalidade física.

Será conveniente aqui, antes de avançarmos, retomar a pista, a fim de estudarmos o que os Vigilantes dizem no sétimo dos Escritos desta série. É uma comunicação estranhamente difícil, pois convida-nos a considerar um assunto quase inacessível ao pensamento humano. O texto foi dado, como quase todos, de forma totalmente espontânea e não em resposta a qualquer pensamento ou sugestão consciente das duas pessoas envolvidas na transmissão.

Como já referi, fazia sempre questão de ler em voz alta ao meu amigo que segurava a caneta, e mantive esse hábito enquanto escrevia; pois notei que quanto mais concentrada estava a sua atenção normal no que eu lia — sendo sempre literatura leve e divertida — tanto mais fluente e coerente se tornava a expressão do tema dos Vigilantes. O sétimo Escrito foi obtido no ano de 1918, altura em que ambos desconhecíamos as teorias recentes associadas ao nome de Einstein. A tese é a seguinte:

Devemos considerar o Infinito como Duplo e, ainda assim, Uno: o Infinitamente Grande e o Infinitamente Pequeno sendo meros aspetos recíprocos da mesma relação para a consciência humana;* — uma relação inconcebível para o Intelecto do Homem, mas por ele intuitivamente reconhecida como existente. A estas duas noções estão associadas as ideias contrastantes de Distância Extra-espacial e Remoção Infinitesimal; também as ideias de Involução das energias no Infinitesimal em oposição à Evolução da Vida e da Forma a partir do Infinitesimal para fora, até às Magnitudes físicas, como por exemplo, da semente à árvore, ou do germe microscópico de uma praga à epidemia que dizima tribos inteiras. Ideias de Expansão versus Contração também são sugeridas, como podemos perceber em Escritos posteriores da série.

Corpo Causal — Regressão à Causa

A doutrina oriental do Corpo Causal implica um locus de Existência subliminar permanente em constante interação rítmica com o mundo dos objectos e da vida. Este ritmo seria dual: uma expiração da Vontade-de-Experiência (levando à manifestação como Personalidade) e uma inspiração ou retorno ao estado subjetivo. A primeira implica nascimento; a segunda, morte no sentido físico — na verdade, uma retirada da atenção da alma dos externos e o seu recuo através da Memória (como observado nos idosos).

Pois a Memória é o reverso da Experiência. Assim, a chamada “vida após a morte” não é senão a pré-natal, acrescida do fruto da experiência adquirida. A vida terrena é apenas o plano dessa experiência em formação, mas nunca do seu cumprimento, que pertence à vida subjetiva. Contudo, podemos

compreender o fator básico no cumprimento subjetivo: é a recriação da experiência a partir e através da Memória e a continuação da construção da vida da alma sobre esse fundamento.

Parábola do Claustro Circular

Como ilustração simples retirada da ciência da perspetiva, vejamos o seguinte como símbolo do que esta relação entre as Duas Infinitudes pode significar. Eu encontro-me na parte sul de uma praça circular que circunda o átrio de uma grande igreja renascentista. Os meus passos dirigem-se para oeste, com o sol, e o meu rosto está sempre voltado nessa direção, de modo que vejo à minha frente uma perspetiva sempre recuando de colunas ou arcos que vão diminuindo de tamanho aparente até que, na distância extrema, se tornam de magnitude infinitesimal ou desaparecem devido à curvatura.

Mas se o círculo fosse suficientemente grande, nunca desapareceriam até se tornarem infinitamente pequenos ao longe. No entanto, estou mentalmente ciente de que a mudança no tamanho aparente é apenas uma ilusão e que todas as colunas ou arcos têm realmente o mesmo tamanho; e também sei que, se o meu olho fosse capaz de abarcar a série que continua atrás de mim, a leste, atingiriam um limite de máxima magnitude e, a partir daí, diminuiriam novamente. Mas isto é proibido pelas limitações físicas da lei ótica. Só a mente pode conceber a continuação da perspetiva atrás de mim em direção ao Infinitamente Grande. E a razão diz-me ainda que, do outro lado do grande círculo, os dois extremos se encontram.

Parábola da Erupção do Krakatoa

Há não muitos anos, o vulcão da ilha de Krakatoa desapareceu numa erupção violenta que não só lançou para o céu vários quilómetros cúbicos de terra e rocha, mas também gerou uma hemisfera expansiva de correntes atmosféricas que circundou toda a Terra e se encontrou num ponto de reconden-sação exatamente oposto à posição do vulcão, mas do outro lado do globo. Assim, as ondas de expansão e contração eram as mesmas, mas atuando em direções opostas. Três vezes e meia o seu ritmo gigantesco deu a volta ao planeta antes que a resistência atmosférica neutralizasse os seus movimentos.

Parábola das Duas Eternidades

As nossas imagens foram tiradas de exemplos espaciais; da direção dos movimentos, ou do olhar, em torno do círculo ou da esfera. Pensemos então, por um momento, em termos de Tempo. Estamos de novo, mentalmente, na nossa praça circular e o lugar onde chegámos na nossa peregrinação é o

símbolo do Momento Presente. Mas agora temos o poder da Memória, que é o lançar do olhar para trás, através do espaço já percorrido, para ali vermos os acontecimentos da nossa vida em perspetiva recuando, como uma série de colunas ou arcos que se desvanecem na distância. E diante de nós, pelo poder da Antecipação, é tenuemente percebida outra série recuando de colunas e arcos, acontecimentos por que trabalhámos ou que esperámos possa…

Contraparte subjetiva dos exteriores

Pode-se esperar, em direção à qual os nossos passos nos levam. Mas algures à frente encontra-se a Porta que nos levará para a luz do sol do pátio central, e é a mesma porta por onde entrámos: A Porta do Passado, que será a Porta que se abrirá para nós no Futuro quando o nosso percurso pelo claustro sombrio estiver terminado.

Algumas analogias cósmicas

Os nossos físicos suspeitam agora que existem no cosmos do Espaço e da Matéria dois modos de energia em funcionamento, sendo um deles tendente a reduzir todos os elementos químicos a um estado de radiação informe, dissolvendo-os em calor pelo processo conhecido por Entropia; o outro modo sendo o seu oposto; um processo construtivo pelo qual os elementos são novamente edificados. Há uma Involução do Espírito na Matéria, e uma Evolução da Matéria para o Espírito. E estes processos sobrepõem-se e, em certa medida, sincronizam-se. E mais uma vez, são um só no Infinito, embora opostos na direção ou tendência; tal como as nossas ideias de “grande” e “pequeno”, que são nomes errados, pois as nossas ideias de magnitude não se aplicam onde não existem relações de grandeza.

O Cosmos exterior é o reflexo do interior, e os objetos da apreensão exterior medem-se precisamente pelas suas Contrapartes Interiores, nas dimensões ideais do universo microcósmico na Mente. O fator unificador é o Espírito, com as suas intuições; e, no Espírito, sujeito e objeto são Um no Infinito. O propósito da comunicação dos Vigilantes parece ser dar-nos uma apreciação do valor do Infinitamente Pequeno; e assim permitir-nos reequilibrar todo o nosso esquema de valores, que assenta atualmente quase exclusivamente no respeito pelas Magnitudes Aparente.

Assim, fornecem-nos muitos indícios em escritos posteriores sobre a germinação do Reino dos Céus no coração e na mente do Homem, como a partir de um ponto infinitesimalmente pequeno, além de qualquer conceção, e como que infinitamente remoto na sua consciência — um ponto para além da medição do Tempo e do Espaço. Isto é figurado nos ensinamentos de Cristo como um “grão de mostarda”. Ora, a operação da Lei Criativa é dupla: de

dentro para fora e de fora para dentro. Estes dois movimentos do espírito são iguais e em absoluto equilíbrio. O Cosmos espiritual pode ser concebido como um Círculo de extensão infinitamente pequena, mas também infinitamente grande; o seu centro em todo o lado... e a sua circunferência em lado nenhum. De, ou melhor, através de, cada ponto do Cosmos físico parte o impulso Evolutivo, criativo e produtor de diferenciação: e para cada ponto, o impulso espiritual reativo flui e envolve-se no reservatório Infinito-infinitesimal interior.

Assim, a Absorção de Energia é interpretada como sinalizando a Mudança de Direção das Forças do visível para as Direções invisíveis — uma transferência das dimensões objetivas para as subjetivas de uma dada energia, que assim passa da manifestação para a latência e, sob certas condições, retornará a estados objetivos.

Os Dois Impulsos encontram-se no Infinito. O verdadeiro crescimento espiritual pode assim ser considerado como estando igualmente preocupado com a realização das coisas infinitamente pequenas da vida e com o aperfeiçoamento da relação da alma com estas, bem como com as coisas sublimemente grandes do mundo exterior. O Universo manifestado é a contraparte do Cosmos Ideal do Espírito. O mais distante orbe do Espaço tem a sua Ideia na estrutura infinitesimal da Alma do Homem. São os focos positivo e negativo de elipses que se tornam Um num Círculo onde sujeito e objeto se unem e que não tem Dimensões.

UNIÃO DAS DUAS INFINITUDES
O SÉTIMO ESCRITO

Involução e Evolução são iguais e opostas: progressões para o Infinitamente Grande e para o Infinitamente Pequeno: pois ambas conduzem ao Infinito Absoluto e Completo. Assim, nestas duas linhas ou esferas de progressão, os Extremos encontram-se, culminando no círculo perfeito do Infinito. Aqui reside uma grande verdade até agora oculta e nunca conhecida pelos cálculos dos filósofos. Pois aceitaram o princípio dos Extremos sem perceberem a ligação entre estes e a sua identidade final.

No entanto, o elo entre eles foi, até certo ponto, evoluído no pensamento humano pelos métodos e simbolismo nos quais os esquemas filosóficos procuraram expressão: e agora o Intelecto do Homem está a penetrar para além dos símbolos e começa, embora vagamente, a contemplar a Infinitude do Espiritual para lá do símbolo.

Existe uma imagem muito mais elevada e abrangente do que qualquer meio material de exprimir a verdade; e a busca por essa imagem pode ser comparada ao rasgar de um Véu multicolorido e cuidadosamente desenhado, e à perceção das Realidades que se encontram por trás desse Véu.

Ou é como se um vidro opaco, no qual está escrito o palimpsesto do intelecto material, tivesse sido interposto entre as realidades e vós. As sombras e as cores dessas Realidades são projetadas sobre o vidro pela luz do Divino que brilha por detrás dele: mas as suas imagens são turvas e obscurecidas pela opacidade do vidro interposto, de modo que obtendes apenas uma apresentação indistinta e ténue.

Assim acontece com o símbolo material. No entanto, tais símbolos são, no seu grau, verossimilhanças das verdades que primeiro ditaram as suas formas. Toda a Matéria está sujeita à interação de certas forças que atuarão quer em combinação, quer em oposição: e um conhecimento da natureza e das funções dessas forças permite ao intelecto do Homem apreendê-las como manifestações de leis espirituais atuando na e sobre a Matéria. Daí a Geometria.*

- A estrutura simétrica encontrada no grego e noutras línguas baseada no Número.

Os movimentos do Espírito podem assim ser concebidos como um Círculo, pois um Círculo não tem princípio, meio ou fim. Torna-se assim evidente, se meditarmos sobre o fato, que a Eternidade não necessita de Espaço: pois toda a Eternidade, todo o Infinito, pode caber num anel de infinitesimal pequenez; não havendo Distância onde não há Tempo.»

O SENTIDO DO TEMPO — UM HÁBITO FÍSICO
(O DÉCIMO OITAVO ESCRITO)

Nestas comunicações manifestais a influência da vossa herança bem como as influências e memórias combinadas de todas as vossas experiências mentais no plano material. E, tal como nesse plano, uma Memória perfeita e incondicionada produziria Simpatia com toda a criação; contudo, neste aspeto, as condições desenvolvidas pela vossa involução na Matéria impediram tal resultado: pois há pouco poder de síntese. E toda a retrospetiva, ténue e incerta, está sujeita ao Fator-Tempo em que a memória física se perdeu.

A energia vibratória tende a seguir as leis da Matéria e a tornar-se, com o tempo, habituada a essas leis e sujeita ao seu domínio. Aquilo que era, no seu próprio plano, uma faculdade espiritual independente do elemento Tempo e das suas limitações, ficou aprisionado na malha do Tempo e as suas atividades restringidas e silenciadas.

Para a Intuição livre não existe Limite de Tempo nem mudança, porque o poder intuitivo, tal como o seu Original, é simples e não complexo nas modificações da sua influência e conhecimento. E como só se manifesta no plano das emoções, que, noutro plano, é o mais elevado, não necessita de linguagem a

não ser uma linguagem de Variações de Cor e Tom, ou daquelas vibrações mais subtis de que ainda não estais conscientes.»

CAPÍTULO VIII
SOBRE A VERDADEIRA PERSONALIDADE E O SEU MEIO DE EXPRESSÃO
(O Décimo Oitavo Escrito)

Os Vigilantes sugerem, neste texto, algo sobre a natureza do “Alter Ego” ou Espírito Afim que todo o homem e mulher completos possuem. Para uma exposição mais completa deste tema, o leitor é remetido para a notável obra de Laurence Oliphant, intitulada “Sympneumata”.

Os que estão na carne só ocasionalmente estão plenamente conscientes da presença, com eles e neles, de um espírito afim. Só em tempos de tensão e crise espiritual a sua voz pode ser ouvida. Mas a faculdade de Intuição provém dessa fonte. Oliphant talvez tenha sido quem mais belamente descreveu a verdadeira natureza do Sympneuma entre os escritores modernos.

O Homem vive sempre, porém, em dois mundos, sendo o exterior aquele que constantemente prende a sua atenção. Cada pulsação da sua consciência cerebral tende a estimular a sensibilidade exterior e, em tal medida, que o torna alheio aos movimentos subtis do ser interior. O exterior é figurado pelos Vigilantes como o plano “masculino”; é ativo e puramente experiencial. O “feminino” é o etéreo, o recetivo; o plano que é plástico à Ideia. E o Homem pode desenvolver qualquer um dos modos de consciência.

A sua linguagem é um assunto importante de estudo, pois envolve toda a sua escolha de símbolos para a expressão das suas ideias e intuições no plano físico. Por isso, grande atenção é dada pelos nossos instrutores ao tema da Linguagem; e esse estudo ocupa o lugar que lhe é devido no esquema geral do seu ensino.

«A Linguagem da Terra, sendo um produto de interações mais materiais do que as do nosso plano, obriga-nos a ajustar as nossas atividades por esforço cuidadoso e meticuloso aos ritmos que mais facilmente podeis interpretar. Já vos dissemos que já viveis em duas esferas, e que a Personalidade se move e energiza em ambas.

Ora, o lado espiritual deve ser encarado como o Feminino, recptivo, criativo e plástico como é, ao impulso e ação da Ideia Original. Mas a esfera material é Masculina em todas as suas atividades. É puramente experiencial, sendo o campo de todas as reações de Experiência na Matéria do seu particular grau de densidade.

A expressão mais elevada da vossa Personalidade está numa condição de verdadeira e justa adaptação ao seu puro ambiente anímico: — do qual é

simultaneamente causa e, num certo sentido, resultado pela adaptação. Está em reação constante e poderosa com influências que lhe chegam do plano inferior.

Ora, esta natureza superior ou Intuitiva não é essencialmente modificada pelas impressões vibrantes das quais é causa e também sujeito: mas é revestida e colorida pelo seu envoltório material. As forças materiais são impotentes, normalmente, para adquirir, por quaisquer meios, influência direta sobre a esfera superior. Manifestam o seu poder antes pelo meio de sub-vibrações que surgem das reações da Matéria.»

Estas sub-vibrações actuam em sub-centros da Personalidade; e podes, se quiseres, descer a esses sub-centros e obter uma compreensão parcial das várias influências que normalmente lhes estão associadas. (É pelo uso dos poderes intuitivos que estes funcionamentos subconscientes da psique humana podem ser observados e analisados.) Pois, embora estejas, por um lado, envolvido nas limitações materiais, por outro tens o conhecimento e o poder ilimitados das intuições. E, quando a Intuição assume o controlo, é virtualmente omnisciente.

Mas não o é quanto aos seus meios de expressão, que são defeituosos: pois estão limitados pelos poderes do Intelecto, sendo este que regula a amplitude da expressão no sentido material. E podes, como desejares, suprimir as intuições e desenvolver o poder intelectual na sua plenitude — adquirindo assim uma maior faculdade de expressão material; ou podes cultivar os poderes intuitivos, caso em que afastarás a tua personalidade das influências mais mundanas: o que significa que te tornarás mais consciente dos Grandes Mistérios, mas menos capaz de os exprimir em termos dos Pequenos.»

Isto leva-nos ao problema da Linguagem. Toda a fala e escrita são expressivas de ideias através de um simbolismo de ordem puramente material. Mas onde prevalece a lucidez da expressão, aí a intuição é capaz de penetrar para lá do símbolo material e recordar a intenção espiritual. A nossa Personalidade terrena é, em si mesma, um símbolo. Ela expressa toda a nossa herança física. É um símbolo complexo da Ideia-Raiz que se destina a desenvolver, e das memórias ancestrais que coloriram a sua essência. Do mesmo modo, estes escritos são coloridos por toda a experiência passada juntamente com as memórias ancestrais. Retomamos agora a narrativa do Décimo Oitavo Escrito.

«Tudo o que o Homem exprime pela palavra ou pela escrita é um reflexo do grande símbolo, Matéria. É uma manifestação do próprio Homem enquanto ser condicionado espacial e temporalmente, ajustado ao seu ambiente. A expressão puramente intelectual, portanto, é apenas de natureza material e não contém o elemento espiritual quando se ocupa das suas funções ordinárias e habituais.

Mas quando, consciente ou inconscientemente, a faculdade intuitiva está envolvida, de modo que a expressão intelectual é acompanhada por perceções provenientes desta fonte, tornar-se-á aparente por detrás do símbolo um vislumbre de um significado interior ou espiritual; de modo que se torna possível dar expressão, em linguagem terrena, à Personalidade mais plena do Homem.

Lembra-te sempre de que sois, em vós mesmos, os símbolos materiais de uma Ideia: uma Ideia refletida, modificada e complicada pela influência de incontáveis eras de Hábito, que é Hereditariedade. Assim, a tua personalidade, tal como se manifesta na carne, é a expressão de todas as eras de desenvolvimento, desde a ameba até ti próprio, através das ações e reações seculares da Matéria. E, contudo, nessa Ideia que cada um de vós tipifica, há sempre o Original Imutável, e esse Original brilha através do corpo material hereditário, embora esse corpo o oculte pela sua densidade. Nesse Original, tens a parte permanente e inalterável do Duplo Controlo.

A linguagem só expressa parcialmente a Emoção. Nós, situados na soleira da linha que divide o nosso mundo do vosso, podemos influenciar-vos, em primeiro lugar, através da vossa natureza emocional e, novamente, através dessa natureza, podemos afetar a vossa expressão material. O impulso emocional deve ser revestido com um manto de Razão. Mas a Razão do Emocional dificilmente pode ser expressa em linguagem: e aqui está parte da nossa dificuldade.

Existem muitas câmaras na Casa da Alma. E em cada uma delas, a Personalidade Humana, transportando consigo a sua coloração de experiência, manifesta-se na arena do Tempo. Mas ao longo destas muitas câmaras move-se Um grande Impulso no qual todas as Emoções se centram e que sempre persiste e incessantemente controla. Este Um é o Tom Dominante de todas as vibrações da alma. É o Amor Divino: — a Busca pela Mente Una em todo o Corpo complexo da Natureza em que o Amor e a Beleza da Mente Criativa se manifestam em símbolo.

Poderá uma parte do corpo harmonizar-se com as restantes? Poderá uma parte influenciar as outras ou comunicar com elas? Pode: mas apenas através de um meio ou canal, e somente por esse; — o órgão central especializado do corpo através do qual cada outra parte pode, por sua vez, tomar o controlo. Mais uma vez, um símbolo: e nós, que numa atmosfera mais rarefeita e pura comunicamos convosco, devemos procurar esse Canal único que une as nossas naturezas superiores em acordo simpático.

Estamos constrangidos por essas Memórias da Carne que, com o seu complexo de vibrações, há tanto tempo teceram a sua rede sobre a vossa parte mais simples mas omnisciente. Nós, que desejamos estimular Essa Parte de vós que é também parte de nós e parte do vosso Grande Original, frustramos

os nossos próprios fins na busca de símbolos pelos quais vos possamos transmitir o nosso significado em termos apreensíveis por vós no plano material. E, no que nos concerne na Memória da Matéria, falhamos grandemente, assim como vós, do vosso lado, falhais em refletir, pela expressão intelectual, a Memória do Espírito e o esforço do Espírito.»

A Dualidade da Mediunidade

Os Vigilantes abordam aqui um ponto que sempre foi obscuro nos registos de comunicação espiritual. A nossa atenção tem-se limitado às imperfeições do médium humano ou vivo e às dificuldades mecânicas ou físicas da transmissão. Pouquíssimos dos nossos oráculos possuem o poder de atuar como canal claro e não colorido para o fluxo do conhecimento do espírito. Influências provenientes da memória terrena latente ou da natureza emocional inconsciente do sujeito são constantemente vistas a predominar.

Tão profundamente se imprimiu este amálgama mental na mente do crítico sério que, em demasiados casos, levou a um ceticismo total quanto à presença de qualquer elemento realmente independente de inspiração; e as faculdades de conhecimento supranormal, de previsão, etc., têm sido atribuídas pelo estudioso a uma fonte pessoal do sensitivo ou médium.

Sabendo pouco ou nada — podemos mesmo dizer “nada” — sobre os poderes, qualidades e condições daqueles que, de uma esfera subliminar, entram em relação com as nossas mentes e nos transmitem conhecimento do seu lado da natureza, falhámos em considerar a probabilidade de que eles, como nós, nem sempre sejam dotados ou possuam quaisquer poderes de transmissão clara; podendo, com toda a probabilidade, ser tão pouco competentes quanto nós para traduzir ideias plenamente presentes neles em termos e símbolos materiais.

Contudo, esta dificuldade recíproca tem sido sempre evidente no longo curso das comunicações que o autor teve o privilégio de obter primeiro dos Irmãos da Companhia de Avalon — os monges e abades cujas memórias terrenas e simpatias emocionais estavam suficientemente despertas para permitir o estabelecimento de um canal de comunicação razoavelmente claro, e, depois destes, dos grupos mais antigos e remotos cujo interesse na terra, embora ainda vívido, não era marcado por qualquer memória de circunstância ou detalhe temporal da experiência.

Assim, Filipe o Diácono conta como foi difícil para ele reavivar esses laços de memória com a terra e como achou necessário empregar até seis outros “escribas” para traduzir as suas ideias e imagens mentais em forma concreta; primeiro como imagens e depois como palavras representativas do seu pensamento.

Podemos comparar isto com a formulação no original e inalterado relato de Cleophas, que mostra a dependência tanto da mente subliminar do vivo como do cérebro e da mão do escriba humano:

“Quero que saibas, esta hora foi aguardada pelos irmãos de Glaston. Eles, porventura, encontraram o tubo desimpedido e o homem atraiu a melodia para si e soou-a pelo tubo de tal modo que a Escritura Sagrada, versículo a versículo, foi escrita e não há nada que seja falso… Quero dizer-te que esta noite eles procuram tirar a mensagem do sonho que está sobre o homem…”

E, novamente, numa ocasião posterior:

“Salve, Irmão, trouxe-te notícias de estranho teor, a uma que é tua serva, e encarreguei-a de te dar estes escritos… Irmão, tu és como uma aranha. Atrais-nos à tua teia com os feitiços que lanças nas tuas horas de sonho. No Inverno procurámos falar contigo acerca do profeta da Judeia.

Não quiseste escutar, pois procuravas a palavra de Filipe… por isso procurámos a tua serva e lançámos uma rede de palavras sobre ela e apanhámo-la: mas não pudemos dar a ninguém senão a ti o relato de Israel. De bom grado te daríamos esta crónica se emprestares o teu ouvido e aprenderes sobre Sião… Quero que escrevas este meu relato num pergaminho. E procura torná-lo claro, onde as palavras me faltaram, o meu significado; depois conta-o na praça pública.”

Num outro Escrito, uns dias depois:

“Procurei falar contigo… acerca do relato que te trouxe da árvore da Memória. Quero que saibas que o fio do que te trouxe esteve por um breve espaço entre o corpo-de-luz da tua serva e esta árvore, de modo que a minha crónica da ressurreição do nosso Senhor se refletiu neste corpo… mas agora afastei a imagem refletida… para que nenhum daqueles que falam a leia… Esta imagem ficou assim pendurada, Irmão, pois não estavas próximo para me dares poder para a afastar… Quero dizer-te isto para que saibas que para mim é difícil escrever sem o teu poder. Trabalhei arduamente para escrever metade dessa crónica antes da tua vinda.”

Os fios da ação mental simpática têm de ser unidos antes que aqueles no estado de consciência libertada possam estabelecer qualquer comunicação eficaz. Onde o acorde dominante do amor espiritual vibra, estabelece-se imediatamente a condição para a transmissão da ideia e a sua cristalização numa linguagem lúcida. Nas comunicações de Glastonbury, essa simpatia estava presente em plenitude recíproca: e Johannes, o simples monge cujas qualidades infantis divertiam os irmãos e lhe granjeavam muita indulgência por parte do Abade e do Prior, é capaz de nos contar como isso tornou possível transpor o fosso entre os dois mundos e regressar para recordar as suas

memórias terrenas. Mas para o fazer, outro, mais qualificado para a expressão linguística, fala por ele, assim:

“E aquele que, no seu saber, é ele próprio o menor de toda a Companhia, mas talvez o maior no seu amor por todas as coisas belas — Johannes — ele que, de todos, foi o único a perceber o amor e a beleza do seu Senhor em cada árvore e flor, e ainda sentiu, vagamente, o simbolismo Divino-Humano das pedras que os seus irmãos construíram com tanto carinho, — ele, Johannes, é escolhido como porta-voz, porque o seu grande amor o prende à terra a tudo o que é de Deus neste mundo; e porque, sobre esta ponte de Amor, pode ele rastejar até vós, que também amais aquilo que ele amou; até vós que criastes nesta obra uma interação de Johannes e outros irmãos: sentindo como ele sentiu; procurando como ele procurou a Visão Beatífica: falhos como Johannes, mas unidos por esse forte laço de simpatia mútua. E assim, onde Johannes falha na recordação, é auxiliado por aqueles que construíram por amor Daquilo que não compreendiam; e assim falamos.”

Amor Vincit — O Amor conquista: — O Amor, com as suas asas gémeas, eleva-se sob a abóbada azul do céu, onde eu, até mesmo eu, Johannes, posso cantar. Nunca cantei em coro, mas, tal como a cotovia que eu amava ouvir a cantar nos pântanos, posso recolher as asas do espírito e, descendo, erguer-me e viver de novo na terra, nas flores e nas árvores, e nos reflexos das nuvens suaves no azul do lago, que são todos o Rosto, o Pensamento e o Sorriso de Deus. E quando sou atraído para baixo, posso habitar de novo na minha querida Abadia que, nas suas pedras, no seu desenho e nas suas memórias, é uma oração que sobe eternamente até ao trono do Deus Altíssimo.

Que digo eu? Outros falam por mim numa língua estranha. Falo e, no entanto, não sei o que digo. Mas penso! E bem sei o que penso e recordo. Contudo, parece-me que por vezes outro fala por mim, e numa língua que é nova, mas que traz algo de estranho e desconhecido.

HARMONIA DA RAZÃO E DA INTUIÇÃO

#109 (p.93)

O leitor poderá facilmente deduzir destes excertos a necessidade de intermediários que tenham o poder de transmitir a Ideia através de estágios descendentes de materialidade, até que finalmente possa encontrar expressão em forma intelectual e em termos da linguagem humana. Podemos agora retomar ao décimo oitavo escrito dos Vigilantes, pois ainda têm algo a dizer sobre a necessidade de harmonizar os modos gémeos de consciência para a troca de pensamento entre as duas esferas.

Eles sabiam-no — esses trabalhadores de tempos antigos — os que dividiram os governantes dos homens em duas ordens: os Filósofos e os Profetas. Sabiam-no por instinto, por intuição e por experiência. Pois o profeta profetizava segundo a sua intuição; e o filósofo filosofava segundo a sua razão: e cada um, separado do outro, produzia uma imagem dissonante da verdade, colorida pela sua inclinação pessoal. E, no esforço de combinar estes resultados mutuamente conflitantes, alcançavam apenas uma Verdade distorcida.

Os Filósofos, cegos pelos lampejos do Intelecto derivado do seu estudo do Material, estavam limitados pelos produtos da sua própria mentalidade. Produziam argumentos que agradavam ao intelecto como uma sinfonia agrada ao ouvido pela sua representação ordenada do Tom. Mas a Música representa os tons divinos que são do Eterno; enquanto o Intelecto pode mais propriamente ser dito representar os sobretons e subtóns que não fazem parte do esquema harmónico. E estes nunca podem satisfazer: pois o Intelecto está sintonizado, não com as grandes harmonias do Divino, mas com todas as dissonâncias em que a Matéria está envolvida. Daí que a lógica dos filósofos fosse apenas uma harmonia de adaptação a um ambiente falso.

O Profeta, por outro lado, alcançava o seu poder de perceção com a ajuda do jejum e outros meios artificiais, que colocavam o seu organismo corporal num estado em desacordo com os ritmos da esfera terrestre. Nesse estado, ouvia vagamente, como num desmaio, ecos dos Tons Verdadeiros que são os únicos de valor permanente no plano da Criação de Deus: e esses, infelizmente, não conseguia registar.

O que acontecia então? O Profeta, separado do seu ambiente — no qual unicamente poderia ter reproduzido esses acordes divinos — esforçava-se em vão por os expressar, por os mentalizar estando num estado de semi-consciência. E, lutando por manter a intuição fugidia que lhe escapava do controlo, certos símbolos — analogias cósmicas — apresentavam-se à sua mente como intérpretes do seu sonho.

O Princípio Matemático na Mente

Quer no plano superior ou espiritual da pura Ideia, Intuição e Imaginação, quer no plano inferior do Pensamento Intelectual, descobre-se um princípio de Simetria que inevitavelmente transporta consigo simbolismo interpretativo de natureza geométrica ou matemática. Mesmo a operação das energias químicas e elétricas na chamada matéria inanimada revela essa mesma qualidade.

O próprio floco de neve forma-se segundo uma ideia que, embora infinitamente variada na sua expressão individual, permanece constante no tipo — e esse tipo é matematicamente perfeito. No mundo orgânico, o mesmo princípio

prevalece, embora as formas se tornem cada vez mais complexas. No homem, o mais elevado organismo físico, o sentido de beleza depende de uma perceção subconsciente da verdade e precisão matemáticas. Toda a arte, toda a música, são desenvolvimentos dessa apreciação instintiva. E a filosofia humana expressa isso, notavelmente na arquitetura, e no simbolismo religioso e maçónico. Assim, a visão mística do vidente tenderá naturalmente para uma forma semelhante de interpretação. Sobre isto, dizem os Vigilantes:

A construção ordenada do Cosmos — os princípios de Simetria subjacentes às principais questões da Criação — atingiriam o seu sentido adormecido como se transmitissem uma ténue semelhança das verdades que percebia em visão.

Nos Números, e no simbolismo maior e menor baseado naquelas formas ideais que permanecem inalteradas por qualquer distorção material — tais como, por exemplo, as formas dos cristais, nas quais a mente pode traçar o ideal mesmo no mais imperfeito dos seus desenvolvimentos naturais no conglomerado — nessas ele encontraria uma via de expressão.

Aqui está, então, uma sugestão: A Memória de uma verdade, aceite e compreendida pela consciência da alma, encerrará em si um significado oculto no uso simbólico dessas formas simétricas que foram, e são, as expressões da mesma Ideia Divina imanente nas coisas físicas — especialmente naquele reino da Natureza que chamámos inanimado, embora na verdade não o seja.

Usamos apenas a palavra "inanimado" para expressar o fato de que a Vida dominante e ativa não se manifesta nesse reino da Criação ao olhar do homem. Mas há Vida e há atividade de energia criativa espiritual mesmo naquilo a que chamamos matéria "inanimada": há Vida aí a manifestar-se em obediência à mesma influência divina pela qual toda a vida é expressa.

As afinidades e simpatias da vida física vêem-se refletidas na natureza inorgânica como Lei Química: e as leis da química respondem aos mesmos grandes princípios originais. A compreensão intelectual do homem aceita as afinidades e simpatias da vida como base das suas ideias sobre as coisas espirituais. Tornam-se, para ele, os símbolos apropriados das relações superiores.

Da mesma forma, o mesmo se aplica às leis e reações químicas de que falámos. São, de novo, típicas dessas reações emocionais superiores que governam as relações espirituais do homem. E nessas leis harmónicas que regem a sua Arquitetura podemos ver o correspondente simbólico das Ideias criativas que, emanando da Mente de Deus, trouxeram à manifestação todos os reinos da Natureza e da Vida.

Se estudarmos as obras e tradições das grandes escolas de Construtores de Templos, tanto nos tempos clássicos como ao longo dos períodos inicial e medieval do Cristianismo, não podemos deixar de ver o quão profunda e

intensamente o simbolismo das Corporações Maçónicas está entrelaçado com os ideais dos construtores de catedrais. O mesmo se passa com toda a literatura sagrada; e os nossos Antigo e Novo Testamentos estão repletos desta elevada ordem de simbologia, largamente expressa em Números.

Para a mente de Platão, a perfeição da Divindade como soberano supremo do universo era simbolizada pelo Círculo ou Esfera. Para o autor petrino da décima sétima Homilia Clementina (seções vi-x), é o Cubo com as suas seis coordenadas infinitas que constitui o símbolo escolhido das Energias criativas de Deus. Mas por mais perfeito que seja o símbolo, ele reduz-se, no plano físico, a uma forma finita necessariamente inadequada para expressar essas energias universais das quais é apenas o foco visível.

E aqui os nossos mestres lembram-nos dessa verdade profunda que um profeta moderno (Sir Oliver Lodge) procura relembrar às mentes materialistas: a saber, que a extinção do foco físico de uma dada unidade de energia é coisa de pouca importância quando comparada com o poder infinitamente penetrante da energia radiante que já emitiu para o espaço, e que continua a ser parte integrante de si mesma e assim permanece, para sempre, apesar da sua difusão por esferas cada vez mais amplas do espaço exterior.

Pois lembra-te: na Infinitude, essa difusão torna-se de novo Condensação* e toda a força espalhada até aos limites mais distantes do Vazio retorna finalmente à sua fonte primordial, para aí reconstituir o seu núcleo. E num meio perfeitamente elástico e contínuo, não há perda, nem desperdício, nem absorção. Assim, o cessar da vida corporal, como o apagar da chama de uma vela, não significa o fim do poder e influência espiritual dessa vida, mais do que a extinção da chama significaria o fim da influência radiante que ela emanou para a infinidade. Com este prelúdio, podemos continuar o nosso registo do escrito dos Vigilantes:

(*Ver a parábola de Krakatoa, p. 80 supra.)

PERMEABILIDADE INFINITA DO ESPÍRITO

#113 (p.97)

A Radiância Solar como Símbolo-Mestre

Aqui também, no reino físico, encontrarás analogias dessa grande similitude, o Alfa e o Ómega — o Princípio e o Fim — como interpretação desse Amor tudo-abarcante que é Deus. E neste símbolo podes ler a verdade de que, no domínio do Espírito, onde reside a soberania da Emoção do Amor, não existem nem Tempo, nem Espaço, nem quaisquer das limitações da Matéria; mas apenas o poder, a influência, a Ideia e o Domínio do Amor tudo-abarcante.

Quão longe, dizeis vós, estais na Terra desse grande símbolo, o Sol? Longe, de fato, segundo as vossas medidas de distância. No entanto, na Sua radiância reside o Seu poder de controlo: e vós sois penetrados e permeados por essa Essência e, assim, envolvidos nesse Controlo. E ela penetra sem obstáculo até aos confins mais escuros do espaço: constante em massa, Matéria num único núcleo visível; mas no seu poder radiante, universalmente difundida.

Assim, o Sol é um verdadeiro símbolo do Amor e do Poder do Criador, que permeia todas as almas e as une num só laço invisível.

E isto, então, para concluir, vos dizemos: — e Nós não somos Vós, mas somos parte do vosso plano: — outras partes que não sois Vós mas que, ainda assim, são parte de Vós e da grande Companhia de Tudo o que Foi, É e Será: unidas no laço invisível da grande Alma do Amor, e na compreensão total que é o aspeto gémeo do Amor. E esta é a nossa mensagem para vós que estais no plano mais denso da Terra:

O Triunfo da Vida sobre a Morte
Manifesta-se já agora:
A vitória da Vida assinala um estágio
Num desígnio de perfeita Alegria,
Iluminação e Beleza.
Mas é apenas um estágio;
E o que anuncia é isto:
O Céu é feito mesmo aqui
Pela ligação das almas humanas
Em acordo simpático;
Por uma harmonia que podeis alcançar
Mesmo no corpo de carne,
Firme no meio da agitação
De todas as notas dissonantes
Que permeiam o mundo físico.

Mantende-a, e o Céu será vosso
Na Terra material.
Uma vez que o Homem tome consciência,
No seu sentido intelectual,
De que não há rutura na cadeia
Que atravessa os portões da morte;
Então todo o mundo dos homens:
Os mortais que ainda permanecem,
E os que já passaram além;
Agindo em resposta firme
Baterão nos portões que estão
A barrar o caminho entre os mundos.

E assim encontrarão o seu Céu
Numa plena comunhão partilhada
Na luz da verdade revelada
Da vida imortal da alma;
Quando os que passaram além
Forem encontrados no fim da cadeia,
Ainda intacta, ainda unida;
Para sempre unidos no amor.

A simpatia é a cadeia:
A corda que liga a Terra ao Céu:
A corda dos Sete Filamentos; —
Nenhum desgastado ou destruído.
E isto, então, dizemos com verdade:
Que a vitória sobre a morte
Nasceu: e a maior dor
E tristeza dos que permanecem
Na Terra, já passou.

A MENSAGEM DOS VIGILANTES

E assim como nós, os Vigilantes,
Recebemos com alegria a abençoada passagem
Da Terra para as esferas superiores;
Assim vós, que vos segurais à Corda
Dos Sete Tons Prismáticos;
As cores que são os tipos
Das Sete Emoções do Espírito;
Tecendo um só cordão
De um branco puro e deslumbrante; —
A Corda do Amor perfeito; —
Passareis sem um suspiro
Nem dos que partem,
Nem dos que ficam:
Não como de quarto em quarto,
Nas sombras de uma casa escurecida;
Mas por uma porta aberta
Para o dia resplandecente além.

Assim passareis então
Permanecendo ainda visíveis
Aos amigos que ficam na Terra;
E, no entanto, cada vez mais atraídos
Para a Sala do Trono Supremo
Onde reside a Beleza imutável

E o cântico triunfante do Espírito
Perdura para sempre e eternamente.

Assim Nós Que Estamos em Vós
#115 (p.99)
E de Vós, Adeus.

CAPÍTULO IX
DA VIDA DO OUTRO LADO

(O Décimo Nono Escrito)

Nesta comunicação tão interessante, os Vigilantes reafirmam — e esforçam-se por explicar — a persistência e o desenvolvimento da personalidade humana para além da morte. Falam de certos laços que ainda restam com a consciência terrestre; especialmente no que diz respeito à noção de Tempo. Embora essencialmente não exista Tempo no mundo espiritual, algo de semelhante a um elemento temporal é introduzido através dos laços que ainda subsistem com a mente dos vivos.

“Procurámos”, dizem, “dar-vos a conhecer as interações da Matéria no processo de entrelaçamento do Espírito; as operações da teia espiritual simples e depois da complexa. Mostrámos-vos a dificuldade que, em grande medida, nos impede de expressar aquilo que, com a nossa visão mais ampla, somos capazes de ver. Mas, como sabeis, nós que habitamos outro plano somos, como vós, até certo ponto vítimas das circunstâncias: pois embora vivamos e persistamos na esfera intuicional, ainda somos vagamente conscientes e recetivos às múltiplas influências do mundo material que abandonámos.

No Espiritual, estamos no Eterno, onde o Tempo não existe: mas, pelo fato de os nossos esforços terem criado um contraponto mais subtil e etéreo da terra onde habitais, estamos, nesse sentido, envolvidos em limitações semelhantes às vossas; mas com esta diferença: enquanto vós viveis em condições temporais que afetam e envolvem todos os valores materiais, nós, do nosso lado, vivemos não apenas na esfera desses Impulsos originais que são eternos tanto no vosso plano como no nosso, mas também habitamos um mundo de Pensamento e Imaginação que se manifesta numa ordem mais refinada de Matéria, cuja condição evoluiu mais diretamente a partir do Eterno. O Pensamento Eterno criou a Matéria, e das modificações desse Pensamento original evolui aquilo que é imortal.

Vivemos num Continuum de Substância: — a continuidade inerente à sua manifestação espiritual. Mas este meio contínuo está, no entanto, em associação ininterrupta com a Matéria tal como a conheceis. Assim, representamos uma força espiritual original à qual se sobrepõe uma

Experiência imortal da Matéria. Daí que ainda tenhamos consciência dos vossos desenvolvimentos intelectuais e com eles simpatizemos: e podemos segui-los da mesma forma e com o mesmo grau de consciência com que vós podeis seguir e responder ao intuicional e espiritual. Assim, embora estejamos mais próximos da Mente de Deus e em comunhão mais íntima com essa Mente como Causa original de toda a manifestação, ainda assim retiramos a nossa Personalidade da Memória Viva das nossas Experiências na terra, na sua expressão inalterada."

A Personalidade como Resultado da Experiência

A parte intuitiva de nós, mesmo quando envolvida no mundo físico, é ainda a Imagem direta do Pensamento de Deus, e participa da natureza divina. Em todos os aspetos, reflete o seu Original. Mas a nossa Personalidade é o resultado de toda a experiência da Matéria, passada e presente, tal como impressa no germe que primeiro nela se envolveu. Assim, a verdadeira Personalidade está em relação imortal com a Pessoa do Imanente e do Eterno: e, por essa associação com o seu original — essa fusão com a centelha essencial do Divino — ela persiste aqui como Personalidade de forma ainda mais vívida do que na Terra. E é tanto mais vívida quanto se encontra liberta de limitações atuais.

Elementos na Personalidade Mundana

No plano material, diríeis que a Personalidade se expressa por meio da fala e dos gestos e expressões corporais. Mas a influência da hereditariedade física está sempre presente nesses sinais: e, como essa mesma hereditariedade é, por sua vez, a impressão de causas ultra-físicas, o pensamento do indivíduo pode bem ser por ela colorido. (Daí que a presença desses elementos tenda a velar a verdadeira 'persona' individual.)

Contudo, o Intelecto não é, em si, um resultado da hereditariedade. Desenvolve-se em contato com o ambiente terrestre e através do convívio com outros. Pois o Conhecimento é transmitido por palavras e olhares. Existem, no entanto, outros elementos que se unem para formar a personalidade. A Natureza Instintiva fundamental — a "alma-mãe", com toda a sua coloração de experiência ancestral — desempenha um papel importante na formação da Personalidade: mas a questão é complexa e a sua explicação depende de fatos relativos às leis da Matéria e seus Contrapartes espirituais, que são extremamente difíceis de descrever.

Por fim, em cada entidade humana há um elemento coerente e imutável: a Alma-Grupal. Esta alma, em si mesma imutável, é o meio de simpatia entre Deus e o Homem. É colorida e desenvolvida na sua manifestação por um manto duplo no qual se reveste. A sua Vontade é, essencialmente, o Desejo de

Deus de se expressar na Sua própria criação, onde Ele próprio se desenvolve rumo a uma autorrealização perfeita.

A Realização Divina na Alma-Grupal

Esta referência à impressão espiritual deixada pela alma-grupal explicará o simples fato da influência de Deus sobre — e no — Seu universo, especialmente como se manifesta no Homem. Compreendereis facilmente que deve existir aqui um laço consciente de união entre Deus e a Sua Criação, já que esta é uma manifestação de Si próprio no mundo da Matéria.

Vede agora como a perfeita Hipóstase de Deus depende dessas condições. Ele, a partir de partes do Seu corpo divino, criou o Auto-Gerado. Volumes escritos na linguagem mais simples não conseguiriam explicar às vossas mentes complexas a simplicidade desta grande Vontade e da sua Intenção.

Pode, contudo, servir para vos dar uma impressão intuitiva do valor e influência desse Reino espiritual que está tão intimamente associado convosco, e no qual procuramos envolver-vos através das vossas simpatias herdadas e adquiridas. As vossas intuições são boas: os vossos pensamentos, combinando o intuitivo e o intelectual, são os nossos pensamentos. E esses são os meios pelos quais nos expressamos, desde que vós, da vossa parte, nos permitais influenciar-vos principalmente através da involução — e não da evolução — das vossas faculdades intuitivas.

Tendes simpatia com aquilo que — no seu início — está no Passado. Mas isto, nos seus resultados, é ainda uma força presente na Terra. Nós que, em simpatia com a Intenção Divina, fomos responsáveis por esse primeiro impulso, continuamos interessados no cumprimento do seu propósito.

Assim, nas nossas memórias, individuais e coletivas, estamos conscientes do vosso pensamento simpático. E, respondendo a esse pensamento, podemos ler as vossas mentes e, assim, iluminar-vos.

Da Personalidade Coletiva e da Alma

das Associações e Grupos

(O Vigésimo Escrito)

A força do esforço espiritual aumenta imensamente pela união de indivíduos ligados por simpatia de objetivo ou sentimento. É por isso que instituições como escolas ou igrejas tendem a desenvolver o que se conhece como “espírito de corpo”. A tradição reforça constantemente este ideal coletivo. E, por sua vez, o ideal é impresso em cada membro do grupo, enriquecendo e acentuando assim a sua personalidade. O carácter individual não perde

definição por tal associação, se seguir a verdadeira lei da sua evolução espiritual e mental. A força da influência pessoal e da autoridade na palavra e na ação é grandemente aumentada por esta afiliação. Aqueles que permanecem isolados terão por vezes força para prevalecer, mas o reforço de um grupo simpático oferece cem vezes o poder que um agente solitário pode exercer.

Com ele está a Alma do Grupo. Esta deve ser concebida como uma Entidade real, e não como uma mera soma aritmética das forças individuais que a constituem. É novamente um “emergente”; uma nova entidade com características muitas vezes não presentes nos seus fatores componentes. E, como tal, deve ser levada em conta.

O Escrito

Procurávamos mostrar-vos as principais questões do esquema da Criação sem perturbar os vossos intelectos com mistérios que, embora óbvios para a Intuição, são ainda obscuros para a Razão humana; que, como dissemos, só pode atuar através do meio das palavras — as quais são alheias ao Espírito.

Se afirmássemos que o próprio Deus está a desenvolver os Seus próprios ideais e a Sua própria infinita Completude espiritual na esfera da Matéria, não compreenderíeis tal afirmação. Contudo, Ele não diz: “Livrai-Me do corpo desta morte”, mas sim: “Elevai este Corpo de Morte à lei do Meu próprio Espírito e imortalizai-o.”

Toda a Natureza; toda a Criação com as suas miríades de influências, leis e complexidades é uma emanação direta e símbolo da Divindade. As complexidades resultam das interações de leis divinas em si mesmas simples: mas as dissonâncias por elas induzidas devem, até que a Matéria seja purificada ao ser trazida à harmonia perfeita, manifestar-se como o Mal.

No entanto, seguindo a lei da Interação, como vos foi explicada, recordar-vos-eis que as agências espirituais, assim como as materiais, são mais potentes — para o bem ou para o mal — quando combinadas. Por esta razão, o agrupamento de forças afins ou de influências mutuamente simpáticas na ordem espiritual é encorajado — e de fato ordenado — em ambas as esferas.

Deus, no Seu amor infinito, na Sua simpatia e compreensão, está, em verdade, consciente do apelo sustentado, da dor e da devoção de uma única Célula do Seu Corpo Encarnado. Ainda mais intensamente está consciente do apelo sustentado de dois ou três reunidos: e não apenas de dois ou três — embora aí já haja poder multiplicado — mas de miríades unidas.

Assim, na Raça Humana — que contém unicamente um princípio ativo do Espírito divino (pois só nela, em todos os planos, o Homem é criado como

verdadeiro filho de Deus) — a reunião intuitiva de indivíduos em grupos e igrejas é um instinto verdadeiro e divino.

Lamentavelmente, o problema da organização material é um contrapeso constante. Contudo, é também visível ao olhar da razão iluminada uma verdadeira Igreja ou Grupo de ordem espiritual que persiste imaculado pelas influências do mundo físico. Esta Igreja Espiritual constitui um Macrocosmo do núcleo divino no Homem, que, como indivíduo, é o Microcosmo. Igualmente, qualquer grupo movido por emoção intuitiva e guiado por razão espiritual deve constituir um poder de Deus sobre a Terra.

O poder meramente racional e intelectual pertence, como dissemos, ao organismo físico: mas não cometeis o erro, como tantos, de supor que a Mente, a Razão e o poder de Julgamento ou Discriminação são produtos do mundo da Matéria: pois não o são.

A Qualidade do Instinto

Existe, de fato, um produto da ordem física que se combina com todos estes elementos como resultado da experiência terrena: mas é apenas o contraponto mundano de um original espiritual, e um eco dessa Expressão permanente da Mente de Deus. No Homem, isto manifesta-se como um quarto poder (distinto dos elementos hereditários, do intelecto individual e da alma-grupal); um poder nem sempre reconhecido na sua relação com os três elementos que constroem o Microcosmo de Deus no Homem.

Este quarto poder não é, em si mesmo, um elemento do Divino. É uma influência muito poderosa no mundo físico; surgindo primeiramente como Afinidade Química nos reinos inferiores da Matéria, que se encontram numa fase inicial de influência espiritual. Com o progresso do desenvolvimento material no reino animal, cresce até à sua plena manifestação como a Qualidade do Instinto.

Este poder é responsável pelo agrupamento de Tipos, e pela formação de Nações. É capaz de um elevado grau de evolução. Nos primeiros tempos do desenvolvimento humano, era mais potente do que é atualmente. Quando combinado em força, podia em certa medida simular aquela verdadeira Intuição que está em tão estreita sintonia com Deus.

Mas este poder desvanece-se*, cedendo terreno à verdadeira Intuição.
(*Cf. O espírito da Terra ou Mãe-Terra "Deméter", mencionado num escrito anterior.)

A CONQUISTA DA MATÉRIA PELO SI

#125 (p.109)

A Intuição, quando aliada ao Intelecto, conduz à consciência plena da presença de Deus. As Nações desaparecem: toda a Raça Humana, destinada a ser a plena Manifestação de Deus na Matéria, progride para uma unidade maior. Cada Célula no corpo da Humanidade trabalha na sua própria perfeição, contribuindo assim também para a perfeição de todo o Corpo de Deus na Matéria — o Verbo Feito Carne; o Cristo aperfeiçoado e glorificado sobre a Terra — a Segunda Vinda. Mas isso ainda não se concretizou.

A Responsabilidade Espiritual do Homem — Individual e Coletiva

Apontámos estas coisas em parte com o objetivo de vos fazer compreender o Poder Coletivo da Retidão: — o dever de cada um, como uma Célula no Corpo da Humanidade, de contribuir, pela sua própria perfeição, para a maior Perfeição do Todo.

Com isto surge a responsabilidade de cada Célula, não apenas para com as suas células-irmãs, mas também para com todo o Ser Divino Encarnado; para com essa Essência de Deus Pai cuja saúde e felicidade completas, no domínio da Matéria, dependem do funcionamento perfeito de cada célula no Seu corpo e da plenitude de Amor e Simpatia em cada célula em relação ao grande corpo, a Natureza.

Ora, é claro que, enquanto a simpatia perfeita e a unidade de Ideal eram a intuição daqueles espíritos cuja natureza expressava a Vontade do Pai, tal Vontade terá de ser inevitavelmente cumprida, e há de alcançar, no fim, a perfeição neste mundo.

Isto realizará finalmente através da consumação da conquista da Matéria, produzindo assim um Céu material ou Reino da Natureza subjugado à Vontade do Espírito e obediente a ela. E este Céu na Terra, devido à ausência total de movimentos rebeldes ou de oposições destrutivas aos Impulsos do Espírito, nunca poderá desgastar-se nem ser desintegrado.

As mesmas leis aplicam-se com força ainda maior àquele plano invisível que está Convosco, Em vós, e À vossa volta: àquela esfera do espírito em que habitamos; — uma esfera invisível apenas devido à intensificação das suas energias, libertas dos efeitos obstrutivos e das tendências desintegradoras da Matéria ainda não subjugada. Aqui, pois, como indivíduos e também como grupos: como nações e como centros de desenvolvimento intelectual, os poderes purificados da Terra persistem graças à sua reintegração pelo Espírito após a sua passagem pelas camadas mais densas da Matéria.

Portanto, para nós e para vós, transparentes e diáfanos uns aos outros, por razão das nossas diferentes razões de vibração, surge, em proporção largamente aumentada, o poder do reforço pela combinação e pelo agrupamento de forças, na medida em que estas se destinam a influenciar a esfera em que habitais.

E assim acontece que, mesmo quando não conseguimos, individualmente, despertar as vibrações do vosso instrumento de modo a torná-lo recetivo à nossa influência, conseguimos, no entanto, com sucesso, combinar-nos como grupos para vos transmitir a totalidade do poder da Memória e da influência presente neste reforço.

E àqueles entre vós que estiverem preparados, e de boa vontade se colocarem em sintonia com a Intenção espiritual daquilo que desejamos transmitir, podemos comunicar isso. Lembrai-vos de que este poder de comunicação é recíproco, e pode ter origem tanto em nós como em vós. Sendo assim, gostaríamos de vos indicar, por meio de uma outra ilustração, como esta lei opera, explicando a presença de certas influências que já conheceis.

A Função do "Imperator" como Guia Descrita

A nossa ilustração é uma analogia entre os dois estados do ser. O espiritual e o material são regidos pela mesma lei. Na Terra, utilizais — ou melhor, esta Lei utiliza — Personalidades individuais que, devido à sua peculiar recetividade às forças espirituais e à sua capacidade de as expressar no ambiente terreno, são designadas como instrumentos selecionados do Espírito para serem os governantes naturais dos homens.

Da mesma forma, nós, na esfera espiritual, quando lidamos com ideais, fatos, leis e outros interesses que outrora foram nacionais no vosso mundo, costumamos empregar esses Governantes como porta-vozes e signatários da informação que vos transmitimos.

IMORTALIDADE DO CARÁCTER INDIVIDUAL
Personalidade Intensificada no Mundo Etérico

Tais personalidades são, de fato, o canal através do qual qualquer das esferas pode melhor influenciar a outra; — podem melhor estimular ou coordenar impulsos latentes ou conflituantes, fornecendo o elo harmónico necessário.

O seu carácter, a sua personalidade, persiste aqui, refinada e dominada pelos seus elementos mais espirituais. E, no entanto, não inteiramente assim: pois os traços marcantes da individualidade — embora, do vosso ponto de vista, possam parecer enfraquecidos ou atenuados — são mais acentuados na nossa esfera. Os hábitos e convenções; as predisposições e idiossincrasias desses

governantes, tal como os conhecestes, continuam os mesmos quando se manifestam novamente no vosso plano no ato da comunicação.

Podemos apenas indicar-vos um ou dois aspetos de um tema que é um labirinto de complexidades. Pois as confusões da Matéria e as reações da Matéria são insignificantes quando comparadas com as do Intelecto material, que é o meio com que temos de lidar.

Quem nos dera poder conversar convosco através do canal, não de termos intelectuais, mas de uma Intuição reforçada, capaz de se expressar no vosso plano por meio de uma linguagem simples e universal. Infelizmente, existem apenas símbolos dessa linguagem — todos demasiado ténues e inadequados para manifestar o veículo das energias Divinas: a Ideia percetível nas suas relações finitas. Para esse fim, podemos afirmar que Deus está sujeito à Sua própria lei. Assim, como sinais e símbolos que apontam para a verdade, dizemos o seguinte: existem apenas Três ordens de simbolismo que são verdadeiros ecos do Eterno. Estas três são: (1) A Cor. (2) A Música. (3) O Número (tanto na matemática superior como inferior).

Sobre a Linguagem Utilizada nestas Comunicações

(O Vigésimo Primeiro Escrito)

Já tentámos explicar que a Personalidade, tal como é apreendida por vós no vosso plano, persiste como sempre na esfera onde habitamos. Isto é assim mesmo quando a memória das coisas terrenas já se desvaneceu.

Dizemos também que a linguagem que era o meio habitual de expressão no tempo em que as nossas personalidades estavam envolvidas na teia do intelecto ainda persiste (na sua forma antiga), e está vinculada por todas as leis da Mente e da Matéria a expressar-se dessa maneira, se e quando procurar novamente expressão no mundo da Matéria, de que está normalmente liberta.

Na esfera espiritual, existe linguagem: mas é a linguagem universal das Intuições, e esta pode, na maioria dos casos, ser compreendida pelo Instinto. Por esta razão, até o instinto do animal responde geralmente à intuição do Homem. Não vedes, portanto, que as intuições de todas as eras — embora habitualmente expressas na linguagem comum a todas elas, ou seja, a linguagem da Intuição — tenderão naturalmente a regressar à expressão material em voga na altura da sua manifestação terrena, e a ela retornarão de forma mais ou menos hesitante, como uma reminiscência meio esquecida?

Desta forma, obtendes uma visão mais ou menos clara de certos elementos temporais que, embora normalmente ausentes da nossa esfera como componentes dessa mesma esfera, persistem ainda e tornam-se operativos no poder da Profecia quando são aplicados aos assuntos do plano físico há muito abandonado.

Aqui e ali, uma memória invulgarmente perfeita sincronizará com — e estimulará — um eco fraco e uma expressão de si mesma no vosso plano; um eco imperfeito, mas ainda reconhecível por aqueles que conhecem o original. Disto podeis facilmente encontrar vestígios na vossa própria experiência, e, a partir de um, deduzir o significado do outro. Nós, que vos falamos, empregamos reforços de todas essas memórias.

Este excerto foi dado em resposta a uma pergunta sobre o Inglês Antigo e o Latim, muito misturados e imperfeitos, que aparecem nos escritos registados em *The Gate of Remembrance*. Recordamos, a este propósito, o grito plangente de Johannes, citado anteriormente:
"Mas parece-me que por vezes outro fala por mim, e numa língua que é nova, mas tem algo de estranho e desconhecido."

CAPÍTULO X
#129 (p.113)
DO PODER DOS NOMES E DAS PALAVRAS
(O Décimo Segundo Escrito)

Parece apropriado aqui entrelaçar na nossa série dois escritos que abordam o tema do elemento intuitivo na linguagem, uma vez que este ponto foi claramente evocado na discussão sobre os três tipos de símbolos que verdadeiramente ecoam os impulsos originais do Espírito.

O escritor havia, já algum tempo antes da receção destas comunicações, estudado uma certa tradição oculta nas línguas grega e hebraica. Trata-se de uma tradição que liga os princípios do Número e da Forma numa associação literária. Cada letra do alfabeto possui um valor aritmético, pelo que cada palavra terá inevitavelmente um total aritmético definido.

Não resta qualquer dúvida quanto à prevalência deste sistema em todos os livros considerados "inspirados", quer como poesia, filosofia ou escritos sagrados de natureza religiosa. São Ireneu, por exemplo, pode ser citado como testemunha da presença deste sistema na simbologia cristã dos Nomes Divinos, e da sua ocultação de um mistério aritmético "conhecido por aqueles que são chamados".

Tudo quanto se deve dizer, neste momento, é que existe uma analogia de significado constantemente observável entre palavras nestas línguas que têm o mesmo Número; e que os números são, na maioria das vezes, os que são convencionalmente utilizados para representar proporções e medidas geométricas.

Escrito XII

#130 (p.114)

Os nomes têm os seus próprios valores, sempre patentes ao Espírito; mas apenas parcialmente visíveis, mesmo para os mais elevados e espiritualmente despertos entre os homens. Cada indivíduo, apesar do seu livre-arbítrio no corpo, não passa de um instrumento passivo da Vontade do Espírito: e assim como ele é, e sempre foi, escolhido por toda a Eternidade para a prossecução de um Fim, também o Nome que carrega é expressivo de um instinto ou impulso espiritual.

Compreendereis facilmente que tal Nome deve, por essa razão, possuir uma implicação definida e subtil que terá um significado para aqueles que estão mais espiritualmente despertos. Pois, embora, intelectualmente falando, todos os nomes sejam expressões físicas, na realidade denotam uma qualidade espiritual oculta no invólucro material.

Quer o nome em questão se refira à unidade individual e ao fim espiritual para o qual ela foi concebida, quer, por outro lado, se refira a algum grupo de unidades — ao espírito de uma raça, por exemplo — ou ainda a algum grande centro de impulso espiritual, deverá infalivelmente significar, no mundo do espírito, o verdadeiro sentido interior daquilo que, muitas vezes, está totalmente oculto na sua forma material.

Em suma, para sermos claros e precisos: a origem de todos os nomes reside nos seus atributos espirituais e não nos materiais. E deve ser expressa por meio dos primeiros, e não dos segundos.

Em outras palavras, o Nome de cada um possui um significado material exterior que oculta um carácter espiritual interior. Isto resulta da associação universal de uma Intenção espiritual oculta em todas as atividades humanas e mundanas: uma intenção que seria totalmente negada pelo intelecto, mas que, no entanto, é ali expressa por orientação instintiva ou subliminar, de forma completamente involuntária. Segundo esta visão, nenhum nome é realmente um capricho da vontade dos pais: trata-se, na verdade, de um princípio espiritual que dita o seu carácter.

A linguagem é o resultado do ambiente: ou seja, a linguagem no seu significado e intenção habituais. Causas tribais, climáticas e outras contribuem para a variação linguística nas várias regiões do globo: e, fazendo uso inteligente dessas variantes, podeis traçar a história, o desenvolvimento e as migrações de diversas raças através deste meio de iluminação.

Em si mesma, toda a Linguagem do Ambiente possui uma base comum difícil de compreender, apenas observável ou reconhecível após profundo estudo e investigação. Mas existe um atalho; um método simples para a resolução do problema. Contudo, face às vossas limitações, não nos é possível explicá-lo.

Que baste saber que, aos olhos do Espírito, e num outro plano, toda a linguagem do ambiente — ou seja, linguagem descritiva de coisas e associações objetivas — é facilmente compreendida.

Assim podeis compreender que, em estados extraordinários de exaltação espiritual, o caminho possa tornar-se claro num relâmpago de intuição para a compreensão destes enigmas. Mas isso ocorre pelo Poder Intuitivo, e nunca pelo Intelecto.

Palavras de Importância Espiritual

A Linguagem do Ambiente é definida pelos Vigilantes como a expressão natural, em som, da impressão feita sobre o sentido intelectual do homem pelas coisas materiais complexas que apelam aos seus sentidos do exterior. Mas eles dizem que existem outros elementos na linguagem que não são intelectuais, mas sim de origem intuitiva.

Existem outras palavras encontradas em todas as línguas que de modo algum pertencem ao vocabulário do ambiente. São expressões de Forças ou de Fatos Imaginativos invisíveis no mundo da Matéria. São descritivas de poderes e condições das quais a Matéria (a mente material) é totalmente inconsciente.

Estas palavras são Palavras Potentes. Mas são subjetivas às condições e forças que expressam, no sentido de que não são causativas. E embora o efeito das suas vibrações no meio do Som seja sugestivo das forças que exprimem, sendo, em muitos casos, infinitamente impressionante para a inteligência dos espiritualmente despertos que conseguem vislumbrar o seu significado interior, no entanto, como dissemos, não são causativas e não têm influência real, senão como meios de comunicação entre a Matéria e o Espírito.

Tais palavras constituem uma linguagem ou sistema concebido com intenção para esse fim. Sendo resultantes da interação entre a inteligência espiritual e material, é por seu intermédio que a comunicação pode sempre ser estabelecida entre os mundos espiritual e material. Tal linguagem é eficaz, na medida em que obedece completamente às leis espirituais de natureza vibratória que regem e controlam todas as coisas terrenas e transitórias. É a única linguagem que une as formas e vibrações de ambas as condições e, por essa razão, foi evoluída na sua perfeição.

Palavras de Poder

Mas ainda não vos dissemos que existem outras Palavras que nunca são ouvidas no mundo do Som. São Palavras espirituais: vibrações que não podem ser reproduzidas: e, se fosse de fato possível reproduzi-las, o seu impacto seria

catastrófico e fatal: pois, em suma, são Causativas. Tais palavras não são destinadas ao uso nem ao conhecimento dos intelectos mortais e materiais.

Contudo, podeis ver a representação das suas grandes Forças, dos seus Impulsos ou Ideais nas Proporções Naturais de Vibração expressas naqueles Acordes musicais que tocam o sentido interior e transmitem à alma do homem um significado misterioso. Chamam aos movimentos superiores do Espírito que estão contidos sob a crosta material.

Sobre o Elemento Intuitivo na Linguagem

(O Décimo Terceiro Escrito)

Os Vigilantes atribuem uma origem instintiva ou intuitiva à maior parte do vocabulário comum do Homem. As palavras, dizem, quanto às suas raízes e carácter fonético essencial, são tentativas de expressar em som a ideia sugerida pelo objeto.

Fazem, no entanto, uma exceção para um sistema de palavras encontrado em certas línguas construídas de forma simétrica, como o grego e o hebraico, nas quais, respetivamente, os nossos dois Testamentos — Antigo e Novo — estão escritos. Nestes idiomas (tal como no sânscrito e no árabe), há um elemento literário construtivo a considerar que pouco tem a ver com respostas intuitivas, sendo de natureza académica e aritmética.

O décimo terceiro escrito segue-se assim:

Já apontámos que o significado interior dos Nomes está muitas vezes oculto e que as palavras nem sempre descrevem aquilo que pretendem descrever. Este fato é mais evidente nos Nomes Próprios, que visam expressar características herdadas da alma em vez de traços físicos.

Mas na descrição de objetos inanimados, o nome simplesmente designa o carácter material da substância em relação ao seu ambiente.

Quando subimos na escala, as características da alma tornam-se mais evidentes. Na vegetação, por exemplo, o espírito-grupo é bastante evidente na maioria dos tipos, tal como se expressa no título original dado a qualquer planta pelas raças e através da linguagem com que está principalmente associada. Esta, então, não é uma linguagem científica; e isso podeis compreender intuitivamente.

Mas é necessário que também o compreendais intelectualmente, apreendendo-o com a Razão e não apenas como uma impressão abstrata, como até agora. Ao longo dos tempos, estas intuições cegas têm dominado e, com base nelas, a língua pronunciou-se.

Se, no entanto, pudésseis alcançar uma compreensão fundamentada da verdadeira lei que subjaz a estas expressões crípticas, ganharíeis pelo menos mais um vislumbre da Forma e Substância da Verdade espiritual.

Nenhuma palavra ou conjunto de palavras pode, por si só, expressar em plenitude aquilo que a palavra já proferida apenas tipifica vagamente. Só pelo casamento do Intelecto material com o poder da Intuição — um fim ainda não alcançado pelo Espírito — podereis conceber a natureza da Visão Final que está ainda por vir.

Aqui, nós, os Vigilantes — Inteligências que, pela morte, abandonaram a Matéria, conservando apenas o Espírito — conhecemos uma Lógica do Intelecto concebida para vos ajudar: e, talvez, o caminho assim vos seja revelado, ainda que de forma velada.

Os fenómenos da Natureza — tudo o que é belo, nobre, grandioso — são impressos pela Memória no Espírito que guarda a associação de Tudo.

Isto manifesta-se com variação percetiva, e é expresso de forma variável em palavras que são, em parte, descritivas dos efeitos induzidos pelo carácter puramente material das coisas: mas também, e sobretudo, daquilo que denota o apelo espiritual — e esse é superior e independente da Matéria.

Nota sobre uma Estrutura Simétrica na Linguagem

A base inspirada de uma construção simétrica na linguagem, associada a um sistema correlato de Medida e Número expresso na Arquitetura dos Construtores de Templos, destinava-se, sem dúvida, por relação simbólica, a despertar memórias de uma perfeição espiritual perdida, envolvendo em forma simbólica aquelas relações permanentes que, na intuição do vidente, se manifestavam como Forma e Proporção Matemáticas. Este princípio pode ser convenientemente estudado na língua grega. É semelhante à expressão poética, mas não idêntico.

A ideia subjacente a este duplo modo de expressão — literário e arquitetónico — era, certamente, a associação constante e inevitável do Contraponto espiritual com a conceção material, elevando assim a imaginação humana a um nível mais elevado.

Na evidente imagética arquitetónica dos livros bíblicos temos um auxiliar de simplicidade visível que convida o leitor ao estudo mais profundo oculto na estrutura do texto.

Sobre o Uso de Grandes Nomes em Comunicações Espirituais

As afirmações feitas em tantas comunicações que pretendem ter origem no mundo espiritual — de que provêm de grandes e célebres figuras — têm sido causa de dúvida legítima e natural. Quando tais assinaturas aparecem associadas a escritos de natureza inferior, por vezes banais, frequentemente confusos e tediosos, e muitas vezes pouco mais do que uma sequência de lugares-comuns, a razão revolta-se. A dúvida torna-se ceticismo declarado, e todo o assunto fica exposto ao ridículo.

Mesmo quando o conteúdo da mensagem é, em si, digno ou satisfatório, os traços de personalidade do suposto comunicador podem ser demasiado ténues para inspirar convicção, ou até completamente ausentes. O uso de tais nomes pode facilmente ser atribuído a uma vaidade subconsciente latente na mente humana comum, que encontra nesse meio uma via de expressão.

Mas, em alguns casos registados, há fundamentos para supor que a pessoa ilustre — santo, profeta, rei ou mestre em arte ou saber — cujo nome é utilizado, possa de fato ser o verdadeiro comunicador. O conteúdo das suas palavras pode atestar essa probabilidade, não obstante estarem revestidas de uma linguagem e estilo que, de modo algum, lhes são característicos, antes sugerindo a mentalidade do médium. A razão disto é hoje melhor compreendida pela teoria da “transmissão” das comunicações.

Resta, contudo, a questão: por que razão tais pessoas elevadas haveriam de condescender em utilizar canais tão humildes? A este respeito, os Vigilantes oferecem uma explicação razoável: o grande ser não desce por vontade própria para controlar a mão de um “Sr. João Silva” ou murmurar pelos lábios de “D. Maria Gomes”. Ele é, pela sua capacidade única, o controlador designado de uma grande companhia de espíritos que procuram todos os canais possíveis de influência entre os homens e mulheres, independentemente de posição social ou cultura intelectual, encontrando frequentemente os canais mais promissores entre os simples e obscuros filhos da Terra.

Tal como um homem vivo e poderoso fará com que as suas palavras sejam amplamente divulgadas, delegando a outros a tarefa de expandir a sua influência, assim também o augusto autor de uma mensagem do plano do pensamento liberto faz uso de outras inteligências de natureza intermédia para falar em seu nome aos vivos. Apenas não pode garantir que a sua mensagem não seja, inconscientemente, distorcida no caminho descendente.

Há, pois, sempre a possibilidade de erro sério na suposição sentimental de que a comunicação de uma ideia ou discurso atribuída a uma figura célebre implique a presença real da sua personalidade. Isso pode estar muito longe da verdade — embora, também, seja sempre possível.

Mesmo assim, já dispomos de meios mecânicos para multiplicar, e perpetuar, a fala de um único indivíduo. Seria, pois, insensato negar que, na esfera da inteligência liberta, possam existir abundantes meios de registo e transmissão cuja natureza nos é — e deve continuar a ser — desconhecida enquanto estivermos encerrados nas limitações carnais.

CAPÍTULO XI
DO ECLIPSE DA INTUIÇÃO
(O Vigésimo Segundo Escrito)

Temos muitos pontos a descrever, mas a maioria exige consideração cuidadosa devido à dificuldade de traduzir a Ideia intuitiva para a linguagem de uma Lógica imperfeita. Dizemos “imperfeita” porque a vossa lógica depende do simbolismo material, que obscurece as simplicidades.

É a procura por símbolos — desde tempos muito anteriores aos egípcios — que tem sido responsável pela maioria das sobrevivências na natureza e regras do culto. A verdade, tal como inicialmente revelada, era simples, pois era recebida, em grande parte, por meio das intuições dos homens. Assim, as suas inteligências simples eram facilmente conduzidas. Estavam mais aptos a conceber e a expressar ideias espirituais.

Mas quando a inteligência material assimilou a mente do homem, aproximando-a da vida animal, armazenou dentro de si forças de outra ordem que, sendo submetidas ao Intelecto — e por ele mal aplicadas — causaram rapidamente um acesso de orgulho na mente daqueles que foram escolhidos para exercer controlo sobre os seus semelhantes.

Dessa forma, o princípio inteligente foi degradado e os grandes poderes da Intuição foram desviados para o serviço de fins materiais. Este foi o processo geralmente descrito como a “Queda do Homem”.

Agora, a memória dessa Queda tem sido transmitida através de filósofos, poetas e profetas durante milhares de anos — sempre como o registo de uma infelicidade reconhecida. Assim, foi perpetuado, na mente intuitiva do homem, um sentido de perda, acompanhado por uma busca instintiva pela Luz desaparecida: uma consciência triste de afastamento de um estado original de pureza da alma e, com isso, um esforço por recuperar esse estado perdido.

Ao longo dos séculos, uma sensibilidade espiritual lentamente desperta, evoluindo de símbolo em símbolo, subindo sempre na escala da conceção simbólica, até alcançar por fim a realização da ideia de que o Homem é, ele próprio, o símbolo mais perfeito da verdade oculta que venerava de forma tão obscura.

O Uso Humano de uma Simbologia Solar

Durante muitas eras, o Sol, o Astro do Dia, foi para o homem o tipo escolhido da sua Divindade: pois essa esfera de luz e esplendor espelhava, de forma cada vez mais nítida, na sua mente, a Glória inefável do Criador.

Mas a realização da Imagem Divina no Homem, e do destino do Homem de manifestar a glória do Pai, é a ideia que trará o retorno final do princípio espiritual no Homem — coletivamente, o Cristo — para cuja regência e domínio completos o sacrifício era essencial.

E esse sacrifício implica a subjugação do princípio material.

Com essa realização, dá-se uma mudança instantânea na mente do Homem. O Espírito de Deus torna-se novamente dominante: e, embora essa dominância seja infinitamente pequena na sua capacidade de manter supremacia sobre a Matéria e libertar o Espírito da sua prisão, a vitória já está conquistada. (Haverá quedas, retrocessos, sim: mas não há espaço para o desespero, pois o desfecho final está assegurado.)

A partir desse instante, começa uma ascensão fundamental na balança, tão fortemente inclinada para o lado material. A Raça Humana inicia o caminho ascendente: e, na sua subida, envolve consigo toda a Criação. Pois a cadeia da natureza é contínua, e a natureza do Homem contém os mesmos elementos que também condicionam os reinos inferiores.

Toda a Natureza, dizemos, está envolvida nesse movimento ascendente e, tendo este começado, não cessará nem se completará até que o Homem — ou melhor, o Espírito de Deus no Homem, que é o seu carácter — seja elevado àquela esfera perfeita onde o Espírito é totalmente dominante.

O Homem então arrastará atrás de si, como uma nuvem de glória, Tudo o que vive e se move no mundo da Natureza: e a Natureza será como o corpo perfeito e plástico de um espírito perfeito e plástico — o Cristo Encarnado, que, pela sua crucificação, conquistou o domínio sobre tudo, com a realização de que o Seu Amor e Glória perfeitos se revelaram nessa crucificação da Sua própria Essência na Matéria, para a perfeição última desta e para a eterna gratidão da Matéria em resposta a esse Sacrifício.

Sobre a Matéria e as Suas Energias

(O Vigésimo Terceiro Escrito)

Deparamo-nos com a dificuldade de que aquilo que a Intuição não pode transmitir em linguagem, não pode ser visualizado pelos vossos sentidos.

As vossas capacidades de apreensão dependem realmente de símbolos mundanos e de analogias. O nosso próprio conhecimento é, afinal, apenas uma consciência intuitiva clarificada, colorida pela nossa lembrança da Terra.

Perguntareis: o que é a Matéria? Podemos indicar isso — e talvez os vossos poderes intuitivos o expliquem por vós. A Matéria, no seu estado original, não é complexa. Existe apenas um Elemento na Matéria primordial — e apenas um. Todas as suas variantes resultam da combinação do que temos de chamar Interação Vibratória.

Mas, novamente: o que é Vibração? É o Momento dado à Substância Una — aquilo a que chamais Éter.

E o Éter é o meio através do qual o Espírito do Criador atua e se manifesta.

Esta Força do Espírito — a Vontade e Mente do Divino — ativa, neste meio, gera as forças a que chamais elétricas: e quando essas forças são postas em movimento, há, na linha da sua atividade, Uma forma de Eletricidade.

Quando estão em suspensão, existe eletricidade em pólos opostos: mas não existem duas formas de eletricidade — apenas Uma Existe, e a outra Não Existe.

Quanto à matéria: há apenas um tipo de matéria, como já foi dito: mas, novamente, a Matéria Não É — senão como manifestação variada da Mente de Deus atuando sobre o Éter, a Substância primordial.

Retirai o movimento — isto é, a Vontade e Intenção do Criador — e a Matéria deixa de existir. Pois ela existe como manifestação dessa Vontade e Intenção Ativas, num meio que, embora denso e ubíquo, não é, no entanto, Matéria.

A Matéria pode então ser definida como a Manifestação de uma Força invisível e intangível que é o Espírito de Deus. Tal como o seu meio, o Éter, esse espírito é omnipresente e energiza igualmente por todos os domínios do Espaço. E em todo o cosmos, condições semelhantes produzem resultados semelhantes, sujeitos apenas a modificações por três fatores de diferença, que geram variações infinitas.

Os Três Fatores Modificadores

Estes três são: primeiro, aquilo a que devemos chamar Massa — ou seja, diversidade de Volume ou Densidade; e segundo e terceiro, os Graus de Interação daquelas duas manifestações da Divindade que vos são sensíveis como Luz e Calor. E onde as três condições — Luz, Calor e Volume — são semelhantes, o resultado será idêntico. Existem limites para os graus de Calor e Massa dentro dos quais a vida terrestre pode existir ou desenvolver-se: e, ultrapassados esses limites críticos, toda a vida, tal como a conheceis, cessa.

Dizemos que a permutação do Éter que constitui a Matéria é composta por Um só Elemento. Este deve ser considerado como um Impulso contínuo e infalível da Vontade Divina, avançando (salvo variações da lei) numa única Direção, e produzindo uma só Polarização, que aparece como a Substância primordial ou elemento único.

Factores Enarmónicos na Energia Criativa

Mas a Vontade Divina é, em si mesma, complexa (o Uno sendo Sete vezes Uno), e as suas Variações — as Potências Harmónicas do impulso criador — combinam-se e interagem, produzindo outras modificações da Substância original. São essas o que conheceis como os elementos químicos. A forma como estes se originam é-nos impossível descrever. A sua génese só pode ser apreendida pelo poder da intuição.

Os Seus Recíprocos na Alma Humana

Agora, todas essas combinações são reproduzidas no vosso próprio Ego como Apreensões desses mesmos Elementos e das suas qualidades. Assim se estabelece uma simpatia fundamental entre o homem consciente e a Natureza inconsciente. Esta verdade pode ser explicada ainda da seguinte forma:

A consciência humana contém movimentos harmónicos — ou, digamos, energias vibratórias — que são simpáticas ou estão em uníssono com cada uma das complexidades da chamada Matéria.

Assim, o Homem pode estimular, ou ser estimulado por, toda e qualquer forma e modificação da Matéria, em maior ou menor grau, conforme a sua equação pessoal em relação à qualidade dinâmica ou às propriedades físicas de qualquer tipo de Matéria.

Deste modo, o Homem está em estreita relação, por um lado, com o seu Criador, e por outro, com cada elemento e substância, com cada coisa criada, animada ou inanimada: — um Microcosmo de toda a Criação e um espelho do Universo; contendo na sua alma e no seu ser físico Nós ou Centros de Energia

— Mente, Força, Ideia, Vontade — chamai-lhes o que quiserdes, — em absoluta harmonia de resposta com Cada Elemento e Cada Movimento no Cosmos.

E não só é capaz dessa resposta, como está de fato em constante resposta, ainda que talvez inconscientemente, com todos e cada um desses elementos — com cada tipo de substância ou energia em todo o vasto espaço.

Este esboço vagamente delineado poderá sugerir-vos a amplitude ilimitada das possibilidades intuitivas de associação, com base na direção da Vontade através do canal da mente subliminar. O Homem, contudo, ainda desconhece esta verdade: e assim permanecerá até que o seu intelecto tenha desenvolvido tal delicadeza de ajustamento e perceção que lhe permita senti-la.

E quando esse desenvolvimento ocorrer, a sua vontade dará o seu próprio impulso a essa apreensão, intensificando-a até que se torne uma Consciência Acrescida e uma condição reconhecida da vida humana.

Consciência Subliminar de Outros Registos de Energia Vibratória

Na vossa sensibilidade plenamente desenvolvida ao Calor, sois profundamente impressionados pela influência Solar. E, graças ao refinamento dos vossos instrumentos de registo, captastes as vibrações mais subtis e atenuadas da Luz, de tal modo que vos tornastes capazes de detetar, por exemplo, a presença de um elemento como o Estrôncio, num corpo celeste distante.

Mas há outras vibrações, mais obscuras, nesses astros distantes, às quais também respondeis — ainda que de forma completamente inconsciente.

A ciência admite apenas as influências e energias que consegue registar e medir. Pode falar com segurança da ação das radiações solares na génese e manutenção de toda a vida neste globo, e por inferência, noutros do nosso sistema.

Com um pouco menos de certeza e precisão, falará das radiações lunares e das influências lunares.

Mas, quando se trata da questão das influências especializadas que afetam a Terra e os seus habitantes a partir dos outros planetas do nosso sistema e dos corpos estelares em regiões mais distantes do espaço, a Ciência permanece em silêncio.

Contudo, a intuição dos antigos sempre sustentou persistentemente a realidade dessas influências especializadas — que eles associavam simbolicamente a divindades planetárias, espíritos e Inteligências. Talvez, à luz do que os Vigilantes nos dizem, essas intuições não estivessem afinal tão erradas. Quem

poderá negar que a arte e ciência do astrólogo, antigo e moderno, possa ainda vir a receber explicação racional nos moldes aqui indicados?

Influências Planetárias e Estelares

Chegará o tempo em que, no vosso desenvolvimento superior, vos tornareis conscientes de todas as vibrações complexas de cada astro, de cada recanto do Espaço. E, quando esse dia nascer, o Tempo e o Espaço deixarão de existir para vós. E vós próprios, ainda unidades livres e independentes, atingireis finalmente plena simpatia e contato com a manifestação do Espírito da Verdade, que é Deus.

E, unidos assim a Ele, e sendo ainda vós mesmos, sereis De Deus e envolvidos na Sua Beatitude Absoluta. Haverá outros desenvolvimentos, outras experiências, pelas quais essa grande consumação se concretizará.

Basta, por agora, que vos tenhamos dado um vislumbre, não apenas da harmonia da Criação de Deus e da sua Unidade, mas também das linhas pelas quais podeis, por meio das vossas intuições, obter alguma noção do Mistério da Criação Menor — isto é, do Nascimento humano — e compreender a influência da Hereditariedade, não apenas no lado espiritual, mas também na estimulação daqueles vórtices embrionários dos quais depende o carácter da descendência.

O Mistério da Conceção e do Nascimento

No Processo da Conceção, e no crescimento do Embrião, como em toda a Natureza, pode ser traçada a ação da Única Vontade — a Divina.

Essa Vontade penetra na entidade; mas é colorida pelas condições físicas que derivam tanto da hereditariedade como do ambiente. Estas unem-se para modificar o desenvolvimento no embrião.

Mas Todas as Vibrações Divinas concentram-se nesse Embrião e reproduzem um novo Microcosmo.

Verás ainda como o Homem, sendo o único na natureza capaz de Responder a toda a Natureza, foi elevado pelo poder do Espírito a um modo de reação simpática com o Divino. Pois foi conduzido por esse Espírito a educar-se em simpatia consciente, para que pudesse tornar-se um Microcosmo da Mente de Deus; despertando lentamente, através dos séculos, para uma perfeita Filiação e Co-Soberania sobre todos os nós e centros da Criação que constituem o Reino do Espírito.

Portanto, nas vossas intuições, apreendei o fato de que outros planetas têm também as suas manifestações elevadas de ser consciente, e que com estes podeis, por meio do amor e simpatia universais, alcançar comunhão intuitiva.

E, entrando nessa comunhão, recebereis, mesmo na carne, esse Conhecimento da vida e poder deles — que, embora agora não o sintais, está de fato omnipresente.

E também adquirireis a capacidade de apreciar intelectualmente as Formas que habitam esses outros mundos, e as condições que os moldaram e que modificam o aspeto exterior dessas formas e da vida que sustentam.

O Livre-Arbítrio Divino na Criação Variada

A Intenção Primordial é sempre a mesma: é a Vontade Divina de Manifestação. Mas o elemento do Livre-Arbítrio está presente e tem o seu equivalente num sentido cósmico, sendo inerente às variações de densidade, massa e aos outros estados variáveis evidentes nos diferentes núcleos da Matéria.

Assim, a Intenção Original é modificada de uma maneira que o vosso próprio livre-arbítrio e razão saberão apreciar, com o auxílio da vossa própria especialização de Matéria.

Mostramos-vos, por intuição, a existência dos Tipos, deixando então a vós mesmos a tarefa de utilizar a inteligência material para descobrir e desenvolver os resultados, no plano físico, dessas condições variadas que regem ambientes diferentes dos vossos.

CAPÍTULO XII – DA COMUNHÃO ENTRE OS DOIS MUNDOS E AS CONDIÇÕES DA SUA MANUTENÇÃO

(O Vigésimo Quarto Texto)

Os Problemas do Espaço, do Tempo e do Movimento no Espaço são completamente insolúveis do ponto de vista da Mente Intelectual; nem podemos expressar em termos da vossa linguagem o aspeto que eles nos apresentam. O Éter é o nosso meio: e as nossas intuições, atuando em coordenação com as vossas, dependem das vibrações desse meio cujos movimentos, em virtude das qualidades do seu veículo, nunca falham nem perdem força.

O Elo das Intuições

Neste nosso plano, somos um convosco e indivisíveis de vós, bem como do nosso grande Original. E enquanto a Intuição persistir, essa Irmandade continuará.

A Rara “Segunda Morte”

Existe uma possibilidade longínqua no mundo da Matéria — ou seja, na esfera da vida física. Trata-se da absorção total do princípio espiritual pela matéria em que se encontra envolvido, levando à retirada final desse princípio para o reino do Espírito Puro. Isto constitui, para a alma, o que se denomina “Segunda Morte”, quando a intuição da alma, sobrecarregada pela influência terrena, falha em elevar os seus veículos inferiores e assim perde o domínio sobre eles, libertando-se de uma vez por todas da influência da Terra. Ao fracassar na tentativa de se manifestar como uma Entidade consciente no plano espiritual, mergulha no Grande Silêncio, que é a Transmutação da sua parte material. O processo é demasiado subtil para ser explicado neste momento, e será melhor evitarmos digressões sobre um assunto secundário sem utilidade imediata para a vossa instrução.

A Necessidade da Direção do Livre-Arbítrio Humano

Preferimos chamar a vossa atenção para questões que possam ajudar a moldar as inclinações dos homens para uma maior sintonia com a Intenção Divina para o Homem; e a orientar o seu livre-arbítrio por canais mais conformes com o Grande Plano. Pois, como Filhos de Deus, os homens podem agir em simpatia com o Propósito de Deus, ou podem, se assim o desejarem, opor-se-lhe em rebelião — um caminho que, inevitavelmente, será desastroso não apenas para o seu próprio desenvolvimento, mas também prejudicial e obstáculo à concretização daquele grande Propósito de Deus que, na Sua infinita Sabedoria, confiou o Tesouro da Sua própria Essência ao cuidado dos homens, como seus mordomos.

A Terrível Responsabilidade Espiritual do Homem

Justos ou injustos, todos serão responsabilizados: e todos os espíritos desencarnados que, em tempos passados, trabalharam na Terra são igualmente responsáveis, cada um na sua mordomia, pela força espiritual inextinguível que absorveram e degradaram. **TODOS SÃO RESPONSÁVEIS**: pois a cadeia da Vida tem sido contínua ao longo dos séculos; e agora devemos falar dos efeitos materiais dessa cadeia de influência, tal como afeta ambos os planos do ser.

Nota sobre a Assimilação das Forças Espirituais pelo Homem

O recetor de um influxo de força espiritual encontra-se sempre, durante algum tempo, numa posição de perigo peculiar. A experiência comum do homem inspirado por um acesso de entusiasmo espiritual é que este é invariavelmente seguido por “tentação”; por outras palavras, por uma reação que tende a canalizar a energia para a linha de menor resistência, que é sempre a da satisfação física. E essa satisfação participa, com demasiada frequência, da negação de algum princípio pelo qual o espírito se esforçou.

Ideais espirituais, tal como são concebidos, são muitas vezes demasiado elevados para serem mantidos de forma consistente. A queda é fácil e a direção da queda nem sequer requer esforço para ser descoberta, pois encontra-se instintivamente presente. A alma pode ter vibrado por algum tempo com absoluta sinceridade ao novo estímulo do espírito: mas o fervor esfria e então, de súbito, a tentação toma o homem, e a carne vibra, por sua vez, com todo o vigor do desejo material.

O mistério disto perturbou a consciência dos espiritualmente inclinados ao longo de toda a história humana, mas o verdadeiro significado da provação tem sido pouco compreendido. Quão simples, no entanto, se torna à luz do conhecimento de que o Espírito é Força, e que essa Força deve ser dirigida corretamente ou, de imediato, se envolve na Matéria e se torna subserviente às suas leis. A Energia Espiritual, totalmente boa quando bem orientada, pode ser degradada e materializada até se tornar instrumento e poder do Mal.

Essa força que poderia ter operado potentemente para fins espirituais pode tornar-se serva da Vontade reacionária e rebelde da Matéria; ou pode ser “engolida e degradada” a um estado de impotência ou completa dormência.

Assim, um impulso espiritual no homem deve ser imediatamente traduzido em Ação ou a sua própria força e vitalidade tornam-se uma ameaça à estabilidade do seu estado espiritual. Para aqueles que se deleitam em emoções elevadas e nunca procuram colocá-las em prática de forma imediata, a descida é convidativa e inevitável.

O Trabalho de Edificação da Alma

O nosso trabalho aqui é de edificação da alma, e para esse fim cada experiência, quer dolorosa quer prazerosa, tem o seu valor especial. Falamos de “personalidade dissociada” naqueles cujos elementos da alma não estão bem integrados nem coordenados. Mas o inverso disso é a “personalidade associada”, e aqui tocamos o mistério dos múltiplos elementos da alma que constituem a entidade psíquica — que não é o verdadeiro ego — mas o Eu

Adquirido ou Segundo Eu — uma quantidade variável, capaz de ser ou fundida na estrutura do nosso ser individual, ou dispersa e dissipada até ao ponto de perda total.

Do Espírito, da Alma e da Imortalidade

O **ESPÍRITO** é imortal, sendo a Causa Primeira eterna, latente no Não-Manifestado. A Personalidade humana é a mais elevada expressão do Espírito que nos é conhecida. O seu núcleo espiritual é imortal: mas a sua expressão característica, a Alma, é apenas relativamente parceira da Imortalidade do Espírito.

É produto da experiência e da coordenação dos seus elementos materiais sob o domínio soberano do Espírito. Enquanto esse governo espiritual persistir, a Alma evoluirá para esferas superiores de consciência imortal: mas se esse domínio falhar, a mortalidade da Alma é decretada.

Esta é a Segunda Morte referida pelos Vigilantes, quando a Casa que o espírito tão laboriosamente construiu para si se desintegra e o espírito libertado escapa da sua habitação em ruínas para iniciar de novo a peregrinação.

O **Segredo da Imortalidade** encontra-se, portanto, no conhecimento da lei que rege a edificação da Alma. O Caminho para a Salvação — para a conquista da Personalidade Imortal — é a prática dessa Lei, que é a lei do Amor e da Retidão.

Do Viver para Fins Materiais

Viver para fins materiais pode não resultar na extinção da chama do espírito imortal: mas levará, e leva, em grande número de seres humanos, a uma perda relativa ou parcial dos elementos mais valiosos da alma.

Há, pois, graus de salvação, assim como de condenação. A doutrina do Purgatório é a do caminho penoso de recuperação dos elementos perdidos da alma. O Inferno significa o estado de Perda. A Visão é retirada, pois já não há olhos para vê-la.

Nos homens e mulheres de hoje, a inclinação materialista denuncia esta perda em variados graus. E não encontrarão o tesouro perdido pelo caminho do Intelecto material.

Assim, as evidências materiais do Espírito — os fenómenos metapsíquicos — não conseguem trazer qualquer sentido vital de convicção a tais mentes.

DISSOLUÇÃO DOS ELEMENTOS PSÍQUICOS PERDIDOS
Nota sobre o "Grande Silêncio"

Nos textos posteriores será encontrada muita matéria que esclarece a afirmação feita pelos Vigilantes. Quando o espírito se encontra completamente e de forma impotente enredado na Matéria, os seus movimentos livres cessam e é transmutado para um estado material, no qual apenas pode, por algum tempo, acrescentar àqueles sobretons e subtons discordantes que, não possuindo qualquer influência sustentadora permanente, devem inevitavelmente extinguir-se na resolução final de todas as dissonâncias. Assim, as estruturas psíquicas construídas como "alma" não podem manter-se e devem dissolver-se. Este ensinamento corresponde ao antigo ensino ariano relativo às "cascas" — os resíduos espectrais e insubstanciais de entidades anteriores cujo elemento espiritual há muito abandonou a sua habitação.

O sinal de decadência espiritual é a perda da consciência espiritual. Um estado de estase sucede às atividades da vontade e da inteligência, e a alma adormece. Na Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, capítulo xi, versículos 29-30, descreve-se esta perda de poder e de vigilância do espírito como consequência para aqueles que participaram indignamente dos elementos sacramentais:
"Por isso há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem."

O efeito das drogas e narcóticos e a consequência espiritual do seu abuso é tratado no Texto XXXIX* e poderá ser útil referi-lo neste ponto. Continuamos, pois, o Texto XXIV:

Períodos de Renovação Cósmica

A Matéria não é eterna nem imutável na sua constituição: as suas formas de manifestação são temporais e mutáveis. Sendo assim, ocorre de tempos a tempos um período de Renovação — uma limpeza — que proporciona aos membros da cadeia espiritual uma nova oportunidade de desenvolvimento nesses tempos de mutação.

Isto é benéfico tanto para o espiritual como para o material, uma vez que provoca uma melhoria das condições no plano da vida física.

Estas renovações podem ser efetivadas pelos membros da cadeia através do poder de todo o bem que, até ao momento, tenham conseguido realizar durante o tempo da sua estadia na Terra, e através da influência que esse bem possa ter-lhes conferido.

Assim, ver-se-á que, embora a direção geral do progresso espiritual seja ascendente e orientada para o Centro de onde toda a vida espiritual emana,

existe uma tendência cíclica nas forças evolutivas que poderá ser descrita como procedendo em espiral.

Lamentavelmente, o curso do progresso humano não é mais rápido na sua ascensão espiral. O avanço de cada revolução da curva deve-se inteiramente ao vórtice ascendente das poucas boas obras que os regentes ou mordomos realizaram.

O Espírito, como força, avançaria numa curva ascendente contínua: mas a Matéria segue uma espiral cujo ritmo de ascensão é proporcional ao grau de realização do Homem na apropriação do espiritual — ou seja, na medida em que o Espírito é capaz de se manifestar através dele.

Não só o Homem, mas **Toda a Criação**, está ligada a esse avanço. Nós, que vos falamos, estamos por esta razão profundamente empenhados em corrigir os nossos erros e ocupados na obra bendita e beatífica de contrariar os resultados de intenções erradas e oportunidades negligenciadas. Desejamos, portanto, dedicar-nos àqueles assuntos humanos de que somos guardiões, e nos quais nos é permitido participar através do meio dessa faculdade intuitiva que é o nosso canal próprio de associação convosco.

Da Lei Periódica e da Relação Temporal entre os Dois Planos em Interação

(O Vigésimo Quinto Texto)

Existe uma frequência de vibração própria da Matéria física. Há outra, inconcebivelmente mais rápida, própria do Éter. Esta, no entanto, possui uma determinada proporção ou relação com as vibrações dos átomos e partículas materiais, e por conseguinte com a Resistência da Matéria.

É em virtude desta relação entre os dois meios que sois capazes de apreender e reter uma noção de Tempo: pois a vossa natureza participa de ambas estas ordens. O Tempo, então, é a Relação entre a Resistência da Matéria e o Impulso do Espírito: e o Espírito, como dissemos, atua em e através do veículo do Éter.

Se a nossa inteligência mundana fosse o nosso único instrumento para registar a sucessão dos acontecimentos, não teríamos qualquer consciência do Tempo, por não termos padrão de comparação, nenhum dado fixo de observação ou capacidade de manter e coordenar a memória de momentos sucessivos. Tudo isto provém da nossa parte superior consciente, que opera através do seu veículo etérico.

Se vós, como nós, habitásseis no Éter puro, estaríeis normalmente inconscientes de quaisquer relações temporais. Mas em contato com o plano terrestre e com as suas vibrações mais densas e lentas, começaríeis de

imediato a ser sujeitos a elas, na proporção em que assumísseis as afinidades da Terra e as condições próprias da matéria física.

Crises Periódicas nas Ondulações do Éter

Num estado estático, ou quando sem perturbação rítmica, o Éter é uma esfera intemporal. Mas embora universal e contínuo, está, como já dissemos, sujeito a ondulações de natureza periódica — a crises de intensidade ou condensação, alternando com intervalos de atenuação ou negatividade. E sendo um meio perfeitamente elástico, essas ondulações são persistentes e eternas.

Assim, o nosso plano do Éter não é uniforme em tensão, mas é infinitamente diversificado no que respeita ao seu estado vibratório.

A Involução das Forças Etéricas na Matéria

Este veículo ondulatório, meio da intuição espiritual, está constantemente a impingir e a pressionar o meio mais denso da Terra, precipitando-se nos vórtices absorventes da Matéria a ritmos sempre variáveis.

*Na véspera de ir para impressão chega o relatório da conclusão da grande experiência de Michelson sobre a velocidade da luz, provando ser esta variável, e reabilitando a necessidade científica de um “éter” do espaço sujeito a variações de tensão.

As variações nessas tensões e velocidades de onda não são percetíveis enquanto tais pelos sentidos humanos. Consequentemente, podem existir — e de fato existem — sucessivas acelerações e desacelerações imperceptíveis, mas que afetam subtilmente o Homem no que diz respeito à sua perceção do Tempo.

Os Seus Movimentos Periódicos Não São Registados Fisicamente

Existem ciclos maiores e menores de aceleração e de abrandamento. Este fato é mencionado na referência ao Ano de Precessão e ao Ciclo Zodiacal.* Em determinados pontos deste círculo, o progresso é vastamente mais rápido do que noutros. Esta mudança não é registada pelo sentido humano do Tempo. Apenas se regista a sequência física.

A Lei da Recorrência Periódica na Espiral Evolutiva

O Caminho Evolutivo do Homem é, como já foi dito, uma Espiral ascendente lenta. A curva é modificada pelo esforço e pela capacidade de realização espiritual — isto é, pela tradução dos ideais espirituais em atos.

As voltas da Espiral representam crises recorrentes no campo do Éter. São de período constante.

O Tempo, portanto, é uma condição mutável entre essas crises e a verdadeira medida do progresso humano não se deve contar em anos ou séculos, ou mesmo milénios, mas na Intensidade relativa do influxo espiritual e no seu poder de elevar a Espiral que recorre.

Lei Harmónica nas Eras e Acontecimentos Históricos

Existem Intervalos grandes e pequenos em relação harmónica com as crises principais. As vibrações ampliadas são de intensidade proporcionalmente maior. Persistem também em maior grau. As Eras — os éones — são apenas os Grandes Interespaços das Concordâncias ou Dissonâncias recorrentes.

Assim, a História repete-se fielmente quanto ao Tipo de qualquer era crítica; mas com uma diferença — pequena ou grande — consoante o grau em que a espiral tenha sido elevada nas fases sucessivas da sua recorrência; ou, por outras palavras, de acordo com a medida da resposta do Homem à influência do Espírito nessa elevação da Espiral da Coincidência.

Mais uma vez repetimos que nós, e as Influências divinas que operam através de nós, operam também através da natureza intuicional do Homem e não através do seu intelecto, já que o intelecto é, por si só, material.

O Poder Espiritual da Intuição

Dado então um povo de homens intuitivos, podemos guiá-lo, assim como podemos guiar o Profeta, o Poeta, o sonhador e aquele que usa o seu Intelecto em união consciente com a sua Alma intuicional.

O Nosso Dever na Tarefa da Educação – Um Aviso*

Prestai atenção, dizemos nós, e é com toda a seriedade que devemos insistir nisto. Prestai atenção para que, na sede de conhecimento e de domínio das coisas materiais, não eduqueis a vossa geração emergente apenas no plano material.

Com efeito, uma nação assim educada poderá ser como um aríete no mundo da Matéria — e tendes já vasta evidência diante de vós.** Mas tais nações, como ao longo de todas as eras até àquele berço da humanidade que jaz sob as ondas do Atlântico, tais nações — contendo em si mesmas as sementes da sua própria destruição — devem sofrer a morte do corpo e do espírito.

Educar na Vontade da Matéria, famelgando o Espírito – a Intuição – é romper a corda que eleva a Humanidade a esferas superiores e que liga o Homem material ao Espírito. Este perigo é premente. Temos observado a galvanização do Espírito adormecido sob a influência da Natureza crucificada na condução da guerra: mas isto é passageiro e temporal, e, a menos que existam entre vós aqueles que cultivem o espiritual tanto no lar como na escola, bem como na universidade da vida quotidiana, o destino da Humanidade será novamente adiado indefinidamente no seu cumprimento, e a Raça será lançada de novo no limbo da barbárie – que é a Matéria desprovida de Alma.

A Grécia desenvolveu uma alma – uma alma pagã que, contudo, era Alma, embora apenas a alma do seu espírito-racial manifestada em Beleza. Mas isto não foi suficiente. Era um único fio no divino Sete: apenas um, embora belo na sua manifestação terrena. Pois os Sete Fios devem ser igualmente desenvolvidos, sob pena de catástrofe vos sobrevir. Assim, uma vez mais, neste momento, apelamos a vós como nação para cultivardes o espiritual; não vá acontecer que, inevitavelmente, caiais da graça, mesmo brilhando como um meteoro no mundo do Tempo; e depois, extinguindo-vos como um meteoro, passeis à escuridão do limbo das glórias passadas.

Este apelo magnificamente redigido fiz publicar em 1919, na colectânea de “textos de guerra” que editei sob o título *The Hill of Vision*: pois senti que devia ser dado a conhecer, e que nenhum obstáculo devia interpor-se. Creio que tocou os corações de muitos leitores. Mas o decurso de catorze anos não diminuiu a sua importância, nem essa importância poderá ser menor com o passar dos anos.

A nossa educação nacional, como as nossas formas de religião, é em grande medida aquilo que, como povo, escolhemos que ela seja. Depende, portanto, do povo americano agitar-se, tomar um interesse vital na formação da juventude do seu país e exigir que essa formação seja, no mais alto sentido, ética e espiritual – e que deixe de se aplicar exclusivamente a objetivos erradamente chamados de “práticos”, que visam unicamente o aumento do êxito material, seja individual, seja nacional.

Não há nada de minimamente prático em qualquer sistema que encoraje a competição material, cujos resultados inevitavelmente representam um elemento predominante de desperdício por cada êxito que proporciona. Mas a forma espiritual de competição é aquela que faz surgir o melhor de todos, conserva todos os valores sólidos e promove a cooperação através da

substituição do interesse comum pelo do indivíduo ou grupo. E se isso for assegurado, o futuro da nossa civilização estará seguro.

CAPÍTULO XIII
SOBRE A ERA DA SERVIDÃO ESPIRITUAL AOS PODERES TEMPORAIS

(O Vigésimo Sexto Texto)

Modos habituais de pensamento simpático constituem, segundo dizem os Vigilantes, o canal mais pronto de influência e comunicação entre os dois mundos. Os símbolos pelos quais estes se expressam derivam dos objetos materiais. Os Vigilantes dizem:

"Lutamos, com sortes variadas, por vos impressionar com o Raciocínio da Intuição através do meio do Raciocínio Intelectual; e empregamos para esse fim aquelas formas intelectuais* às quais, pelo seu uso habitual, estais mais prontamente recetivos e que melhor expressariam os impulsos diretivos que regem o nosso plano."

A Consciência de um Eu Maior

Ao longo da história humana, esteve presente no Homem uma consciência intuitiva de que o Indivíduo vivo é apenas a expressão de algo Invisível maior; e que, como consequência, o aspeto mais pleno da sua Personalidade só pode ser sentido numa associação mais estreita com esses estados interiores de consciência que estão misteriosamente unidos ou ligados ao seu próprio: pois, enquanto no corpo, ele é atraído para uma associação cada vez mais íntima com os seus irmãos na carne, por necessidade social e pela crescente sensação de solidão espiritual enquanto aqui na Terra, ele apenas está vagamente consciente desse vasto e ainda mais íntimo Mundo do Espírito de que faz parte – essa grande Congregação de entidades espirituais que estão, na verdade, à sua volta, dentro dele, e em união simpática com cada célula e centro do seu ser inconsciente.

*Querendo significar, sem dúvida, os modos de expressão habituais que encontram no registo cerebral do seu médium.

Em tempos antigos, esta consciência do mundo espiritual estava centrada nas pessoas de poucos – naqueles homens isolados e ascetas que habitavam afastados da Natureza ou na área dos templos. Foi essa comunhão próxima com o mundo espiritual e a sabedoria que por ela alcançaram que os elevou acima dos seus semelhantes e lhes garantiu a obediência e confiança implícita dos grupos, tribos ou nações sobre os quais exerciam, por esse meio, um domínio incontestado.

Mas, com o passar do tempo, o seu poder de governo, inicialmente tão puramente espiritual, foi-se gradualmente traduzindo numa forma de soberania temporal. As suas inspirações, interpretadas num sentido intelectual mais do que espiritual, adquiriram um significado material. Seduzidos, então, pelo poder do Intelecto, esses governantes cederam à sua dominação. Assim, ao poder intelectual juntou-se a Força Material. O intelecto aprendeu a utilizar métodos tirânicos para alcançar as suas ambições. Sobreveio, de fato, um período de apostasia do Intelecto, durante o qual os poderes intuitivos foram preservados e cultivados unicamente para controlo temporal.

O Advento do Espírito Filosófico

Mas sobreveio um despertar da intenção espiritual. Isto deu-se principalmente através da influência das aspirações mais puras dos verdadeiros filósofos; influência reforçada por energias espirituais libertadas – como nos vossos dias – pelo impacto de grandes e avassaladoras guerras. Desta forma, foi dada uma oportunidade ao Espírito; e o Espírito esforçou-se sem cessar por concretizar o Reino; mas, ai de nós!, em vão.

Pois, desde o início, as vaidades intelectuais do homem e os seus interesses e ambições egoístas resultaram na reserva dos dons inspirados da vidência e da intuição para uso e proveito de tiranos, ou para o engrandecimento dos vaidosos e ambiciosos. Como consequência, o núcleo espiritual perdeu a sua coesão e foi fragmentado em inúmeras heresias intelectuais e perversões do ensinamento espiritual.

REAÇÃO DO TEMPORAL SOBRE O ESPIRITUAL

A Cativeiro ao Poder Temporal

O elemento Espiritual, assim enfraquecido por dissensões internas, caiu cativo daquele Poder Temporal que, primeiro governado pelo Intelecto, foi também capaz de aprisionar as já apóstatas faculdades de intuição e de usar os seus poderes para os seus próprios fins. Muitas vezes isto foi feito com aparência de boa intenção, e até com uma semi-convicção de justo motivo.

Assim foi fundada no mundo uma Corpo-político que se expressa com autoridade vigorosa de tipo temporal, mas reclamando uma sanção espiritual: expressando a sua soberania, por vezes, em atos de violência, e no entanto ostentando simultaneamente uma aparência daquele poder primitivo da intuição espiritual — cativo, apóstata e revestido de um simbolismo magnífico, ainda que material.

Esquecido do Impulso original do Espírito — aquela pura Intuição da Verdade — este corpo-político de que falamos completou uma conquista espiritual falsa

e uma outra material igualmente falsa. Pois perverteu a ideia de Unidade Espiritual e o impulso para essa Unidade, num desejo e num esforço por Unificação e Poder Temporais. Assim tem conduzido o mundo em cadeias douradas através dos séculos, contaminando mesmo o mundo do Espírito no plano dos Desencarnados — resultado que anulou todos os nossos esforços desde o tempo de Constantino até ao presente.

Isto constitui uma acusação terrível e pior do que tudo o que pudéssemos ter imaginado: que a ligação da Igreja ao poder temporal tenha, desde o século IV d.C., paralisado toda a força da Igreja Invisível para conceder livremente a inspiração do Espírito a todas as almas vivas.

O Retorno do Verdadeiro Espírito Filosófico

Mas agora, uma vez mais, o puro Ministro do Espírito — a Mente Intuicional — começa novamente a gozar de exercício livre e desembaraçado: pois os grilhões do ritual, do símbolo material e da falsa autoridade estão a ser afrouxados e a parte espiritual da consciência humana, de novo liberta para trabalhar o seu destino individual, está a voltar-se daqueles agentes que, durante tanto tempo, se interpunham entre a alma do homem e o seu Princípio Original.

Frutos da Nova Liberdade Espiritual

E agora que se tornou consciente de si próprio espiritualmente, resta ao Homem apenas entregar-se, em abnegação do interesse pessoal, aos impulsos desinteressados do seu espírito, de modo que uma nova Era da Vida possa ter início.

Renovado por goles de uma fonte mais pura, e assim equipado com maior poder intelectual e com o usufruto de meios de comunicação mais amplos e livres com os seus semelhantes, esta Nova Era persistirá numa harmonia inquebrantável até ao Dia da Manifestação da Substância Imaterial, que inaugurará a era do Milénio e o estabelecimento do Reino do Meio. E, quando esse dia nascer, a Matéria, elevada com estabilidade crescente a um modo superior, fundir-se-á em união e harmonia perfeitas com a sua Essência espiritual. E isso constituirá o Reino do Meio do Senhor.

O Espírito do Homem Busca a Realidade

O Homem reconhece agora, com convicção crescente, que não passa de uma sombra no universo do Real: — que o seu espírito, que é a única coisa que

sente ser real em si, está em comunhão e simpatia próximas e crescentes com o Real.

E essa plataforma de consciência no Homem — uma plataforma real e segura na sua certeza de imortalidade no domínio do seu próprio Ser — tornar-se-á o fundamento seguro para a edificação desse esplêndido Edifício que há de erguer-se em beleza e na manifestação das glórias espirituais.

Para esse grande Fim, duas coisas são essenciais. Primeiro, a convicção intelectual da Soberania do Espiritual sobre o Sensual; e, segundo (o que automaticamente decorre disso), essa Alteridade que pode ser definida como a Rendição da Consciência individual a uma Simpatia crescente com o Todo. É a aceitação, como sendo próprias, de todas as coisas que comovem a alma dos outros; o sofrimento do coração como sinal de uma resposta viva e plena a todas essas emoções, pensamentos e influências mentais sobre os quais unicamente o Ego material se pode voltar para alcançar a perfeição.

CAPÍTULO XIV
DO DESENVOLVIMENTO DA INTERCOMUNHÃO ENTRE OS DOIS PLANOS

(O Vigésimo Sétimo Texto)

Assim como a Fé pode mover Montanhas, também a Fé tem poder para assimilar os dois planos da Matéria e do Espírito e pode fundi-los num só, realizando assim o Desejo das Nações.

Vós, pessoalmente envolvidos em interesses que de modo algum estão em consonância com aquilo que procuramos gravar em vós como consciência permanente através do vosso Alter Ego, deveis adquirir a convicção de que poderes distintos dos vossos estão ativos no plano em que habitais. Nunca percais de vista o fato de que os dois planos são capazes de interagir através da vossa natureza composta. Os dois planos podem fundir-se, e, mediante a vossa disposição para permitir essa interação e colaborar nela, podeis contribuir para a sua consumação.

Sendo a Mente do Espírito a Intuição, e sendo a vossa consciência composta de Intelecto e Intuição, estes devem unir-se para garantir uma perfeita harmonia de comunicação espiritual. Uma referência adicional ao poder do homem em espírito mostrar-vos-á como a Fé, a Convicção e o Serviço Voluntário do indivíduo em prol da Humanidade no seu todo não podem deixar de acelerar Aquilo por que velamos e oramos.

A Chave da Resposta Simpática

O Segredo da Resposta Simpática, tipificada no Ritmo, é a essência, a chave da sabedoria, e a fonte do poder. Mesmo no plano mais denso da matéria

física, esta lei é evidente. É exemplificada na constituição da forma humana. As vibrações simpáticas interpenetram-se e interagem, e frequentemente fazem-no mesmo com a total massa do globo terrestre interposta. Se assim é na Matéria densa e refratária, quanto mais fácil será — embora mais delicada no seu ajuste — a comunhão simpática entre os encarnados e os desencarnados.

O Ato de Renúncia por Parte dos Desencarnados

O Espírito pode despertar as vossas intuições mais finas por meio de uma entrega voluntária da sua personalidade espiritual e pela entrada numa associação mais ampla que retém todas as memórias da sua experiência terrena acumulada.

Assim também nós, da nossa parte, renunciando à personalidade, unimo-nos como uma só grande Comunhão: e, revestidos de toda a experiência e memória acumulada das nossas vidas terrenas — separadas e individuais — esforçamo-nos por influenciar e despertar as vibrações afins na vossa própria experiência e por converter essas em forma e representação material.

Por toda a parte, sempre e invisivelmente, temos procurado — e procuramos continuamente — influenciar os vivos. Aqueles que estão imersos no Ego e nas suas limitações materiais estão na maioria das vezes inconscientes do nosso esforço, sendo, por isso, apenas minimamente suscetíveis de serem influenciados. Mas quando vemos uma nação — uma multidão de unidades individuais — a unir-se voluntariamente para se preparar para receber o nosso esforço, então o poder dessa reação simpática entre nós e vós tornar-se-á manifesto e a sua persistência e continuidade serão praticamente ilimitadas.

O Poder da Oração Coletiva

Considerai, sob esta luz, o poder da Oração. Podeis deixar de compreender a força coletiva de toda uma nação a suplicar a uma só voz em oração por resposta do seu Criador e Omnipotente Rei e Pai?
Mas mesmo no caso das simpatias infinitamente mais fracas e atenuadas entre indivíduo e indivíduo, tendes a prova da prontidão da resposta e da intercomunhão entre os dois planos sempre que é fornecida uma ligação natural.

O Elemento Psicofísico em Casos de Intercomunhão Individual

Neste caso, porém, a aproximação espiritual pode mais facilmente expressar-se através de canais mais terrenos e familiares, devido à força dos elementos ainda sobreviventes da personalidade psíquica.

Tem sido observado por aqueles que estudam conscientemente os Mistérios na Terra que a comunhão com os mortos está quase sempre confinada à comunhão com os recentemente falecidos, e que a sua influência esmorece com o tempo. A razão disto não será suficientemente óbvia?

Quando vos separais de amigos na Terra, para viver em regiões ou em esferas de trabalho muito afastadas deles e entre novos interesses, não se manifesta a mesma lei? E, no entanto, diríeis que o amor, enquanto amor, enfraquece? É apenas a separação das associações materiais; a cessação daquele hábito comum de vida que levava consigo uma simpatia material própria, o que enfraquece e parece obliterar o vínculo. Mas onde há Amor, há Memória, e o verdadeiro amor nunca se quebra, mesmo que a distância e a divergência de objetivos anulem o vínculo ou o toque temporal.

Eterna Memória no Espírito

Os espíritos que amam, amam profundamente, e mantêm aqueles que deixaram na Terra em eterna memória, movendo-os frequentemente em sonhos e em momentos de quietude a uma recordação das antigas associações — os elos simpáticos de tempos idos. Não é, portanto, mera figura de estilo dizer que ainda vivem nos corações dos encarnados: e cada pensamento que deles conservais é, por resposta simpática, conhecido e sentido por eles.

Mas eles, não apenas se retiraram para uma parte distante do mundo físico, mas para uma esfera de atividades espirituais que pode ter, talvez, pouco em comum com as da Terra, e onde têm o seu próprio trabalho e deveres, não podem regressar sem grande sacrifício e, ao reassumirem as antigas condições temporais, retomar o velho e familiar modo de contato; nem o fariam por uma razão fútil ou a não ser que fossem incumbidos pelo ministério, o qual é a escolha e privilégio de alguns.

Para usar um paralelo mundano: tal como na Terra existem missões internacionais e outras organizações que, de tempos a tempos, enviam os seus delegados nomeados para terras longínquas, com o objetivo de transmitir e disseminar o conhecimento dos propósitos que lhes cabe cumprir — assim também, na esfera do Espírito, existem organizações e fraternidades cuja missão e interesse especial é influenciar o crescimento e a evolução da compreensão e motivação espiritual entre os homens, e procurar e aperfeiçoar aqueles que possam tornar-se canais para fomentar a obra do Espírito.

As Companhias Maiores e Menores no Mundo Invisível

São os membros destas fraternidades que controlam esse contato espiritual que está em conformidade com a Grande Lei e, por isso, é benéfico para o homem. Assim, observa-se que, segundo testemunho universal, os Espíritos Ministrantes, já não presos às condições terrenas, mas assumindo-as voluntariamente quando e como permitido, falarão a uma só voz e como membros de uma vasta Companhia ou Comunhão Invisível.

E, coletivamente, esta Companhia, composta por círculos e companhias menores, em número incalculável, constitui a Igreja Invisível.

As passagens finais deste texto não foram, como o restante, dadas automaticamente, mas por clarividência mental. Por uma razão não compreendida, o lápis caiu da mão do escritor a meio de uma frase, e por algum tempo pareceu incerto que este belo texto fosse completado. Mais tarde, porém, e como que em resposta a um insistente apelo mental, as palavras foram dadas tal como aqui estão escritas, com uma precisão e clareza que não deixaram dúvidas quanto à forma e substância da comunicação. Anos mais tarde, e por outra mão, Filipe o Diácono transmite o mesmo ensinamento que encontramos aqui, em

O REINGRESSO NAS MEMÓRIAS TERRENAS

dizendo-nos como seguiu a admoestação do Espírito ao retomar a difícil e dolorosa tarefa de recordar e entrar novamente no corpo há muito descartado das suas memórias terrenas. Esta tarefa foi-lhe incumbida por seres superiores a si, para trazer à Terra a narrativa do Evangelho — notas que ele tomara quando estava na Samaria, mas que foram queimadas em Atenas e, por isso, nunca entregues à Igreja no seu tempo.

Sobre o Conhecimento dos Vigilantes acerca da Terra e dos Acontecimentos no Mundo Físico

(O Vigésimo Oitavo Texto)

Esta comunicação foi dada parcialmente em resposta a uma pergunta sobre a estrela "Nova Aquilae", que recentemente surgira nos céus, e sobre a verdadeira natureza de tais presságios cósmicos. Os Vigilantes recordam-nos que o seu próprio conhecimento terreno era limitado e que precisavam buscar apoio em outros mais experientes.

É um erro atribuir omnisciência àqueles que partiram da Terra no que diz respeito aos acontecimentos do Tempo. Eles podem instruir-nos principalmente a partir da experiência adquirida na Terra. Mas podem ler a história da Terra através dos registos da experiência de outros e, utilizando-se do seu conhecimento e pensamento por meio do poder da ação mental simpática.

"Já vos dissemos que estamos, em grande parte, condicionados pelas circunstâncias em que vivemos e nos expressámos durante a nossa experiência terrena. No nosso estado liberto, estamos menos obstruídos pelas influências mundanas e já não somos impedidos pelas paixões da Terra.

Como consequência, temos uma visão mais ampla do Universo e somos mais conscientes daquelas influências mais subtis e distantes que atravessam o Espaço do que poderíamos ter sido na Terra, pois estamos agora libertos das condições mais densas da vida física."

Limitações do Conhecimento dos Vigilantes

"Por isso, temos consciência intuitiva de coisas que vós não captaríeis. Contudo, também nós temos as nossas limitações.

Por um lado, estamos limitados na expressão desses fatos intuitivos ao tentarmos traduzi-los em termos terrenos que vós possais assimilar. Por outro, temos limitações de poder inerentes ao nosso estado, e estas afetam a aplicação do conhecimento intuitivo que adquirimos. Uma dificuldade adicional que constantemente se nos apresenta ao tentar comunicar conhecimento é a tendência dos seres humanos de aceitarem qualquer informação proveniente de esferas diferentes da sua como sendo conhecimento e inteligência supranormal, em vez de normal.

Mas não é esse o caso: e nós, que apreendemos os fenómenos naturais apenas como uma intensificação das vossas próprias impressões, somos reservados em assumir o que não possuímos com certeza. No entanto, no que diz respeito às condições da vida terrestre, à sua história e progresso, e, de fato, a todos os assuntos em que o elemento Tempo está envolvido, podemos falar com voz firme."

A Compreensão das Eras Históricas

"A história deste planeta é como um livro aberto para nós, e é um livro cujas páginas podemos ler não apenas à luz das suas frequentes repetições (ou recorrências), somadas ao avanço na Ascensão da Espiral a que já nos referimos; mas também, como bem sabemos, com a assistência acrescida das intuições simpáticas de irmãos que habitaram e experienciaram essas condições.

Portanto, no que diz respeito aos registos da história da Terra, falamos com voz segura.

Já vos dissemos que a Simpatia perfeita com o universo induzirá eventualmente na alma do Homem uma consciência de todas as influências vibratórias, sejam materiais ou não, que emanam dos campos do Espaço.

As forças e influências libertadas por todos os corpos celestes têm uma intensidade que varia de acordo com a sua Massa e a sua Distância em relação a vós."

O Fenómeno das Novas Estrelas

Assim, num turbilhão nos campos do Espaço, pela concentração num único núcleo das partículas anteriormente distribuídas por uma vasta área, e transportando consigo condições que, embora sempre presentes, estavam até então difundidas, o Núcleo atuará como um foco das suas forças, promovendo a intensificação das suas qualidades e, portanto, uma influência mais definida de tipo mais subtil. Fisicamente também, pela geração de calor e energia, estimulam um grau mais elevado de atividade em todo o universo — embora, mais uma vez, com uma intensidade proporcional à sua dimensão.

Quanto aos efeitos finais das novas condições assim geradas, pouco vos podemos esclarecer. O aparecimento de tais luminares resulta de muitas e variadas causas: mas ao considerar estas, não nos referimos à afirmação frequentemente repetida de que ocorreram colisões entre corpos sólidos.

A maquinaria do Cosmos é demasiado delicadamente ajustada para tais manifestações de violência.

Antes, consideramos o fenómeno da Nova Estrela como uma manifestação de um acréscimo de energia proveniente da Fonte espiritual ou criativa de Poder, e como uma demonstração de atividades que ocorrem primariamente noutros planos.

Também não consideramos a exibição de luz como algo permanente.

CAPÍTULO XV

SOBRE AS ENERGIAS INVOLUTIVAS DO ESPÍRITO

(Vigésimo Nono Texto)

Esta escrita surgiu como uma surpresa, uma vez que se inicia com uma discussão sobre um tema completamente inesperado: a natureza da Gravitação. Tal como interpreto o ensinamento, ele sugere que o Éter é um plenum, ou um reservatório sobrecarregado de energias derivadas do Espírito, enquanto que a Matéria é, pelo contrário, um vácuo perpetuamente absorvente das energias etéricas. Cada átomo de matéria seria um centro de condensação, e as forças libertadas sob a forma de radiação seriam recíprocas

às que são continuamente fornecidas a partir do interior — daquela Dimensão invisível de onde as energias livres do Éter incidem sobre o plano físico e mantêm todas as partículas materiais como focos dos dois movimentos exatamente equilibrados: força involutiva e força evolutiva.

No decorrer da comunicação, os Vigilantes referem-se à Matéria como "caindo constantemente no seu próprio vórtice". À medida que colapsa, liberta energia sob a forma de calor, luz ou outra radiação; mas, se não for continuamente abastecida, esse processo cessaria e a Matéria deixaria rapidamente de existir. Assim, é-nos dito que os vórtices ocos da Matéria absorvem energia que é ali impelida sob a Lei Involutiva a partir de todos os pontos do Espaço. A absorção de energia cria, dentro da estrutura atómica, um "vácuo", ou melhor, um campo de menor resistência ao influxo das forças etéricas, o qual estende a sua influência a toda a área circundante de cada partícula de Matéria.

A NATUREZA DA GRAVITAÇÃO

As forças correm pela linha mais direta em direção a essas partículas, e na linha direta entre duas partículas haverá menor resistência, devido à influência absorvente presente em cada extremidade da linha. Assim, a força involutiva do Éter tenderá, em toda a parte, a agregar e consolidar as partículas de Matéria, impelindo-as para um centro comum, porque a força atua com mais intensidade sobre o lado exposto de qualquer massa do que sobre aquele que está protegido por outra unidade absorvente.

“O que é a Gravitação?”

É a diferença entre a Força do Espírito no vácuo — ou melhor, no Éter — e aquilo que permanece não absorvido na sua ação sobre a Matéria. Por conseguinte, no que respeita à Matéria, a força varia consoante a Massa. Já vos dissemos que a eletricidade obedece à mesma lei. Não existem dois tipos de eletricidade, mas apenas Aquela que É e Aquela que Não É. Há apenas uma força do Espírito, igual e oposta em todas as direções no Espaço; mas modificada e influenciada pela oposição da Matéria na qual irradia. Assim, a Gravidade não é a atração de um corpo de Matéria por outro menor, nem é algo inerente à Matéria em si. Nem sequer é uma lei associada à Matéria, exceto pelo fato de que a Matéria é um vórtice.

A Gravidade é o impacto de uma força externa à Matéria e externa aos eletrões dos quais a Matéria é composta. Esta força incide mais fortemente sobre o lado exposto de cada eletrão que compõe a Matéria. A taxa de absorção varia consoante o volume ou massa, e a interposição de uma pequena massa não afetará significativamente esta tendência. Esta Força, que é uma polarização

do Éter, está além do controlo da Matéria: pois é ela que, de fato, controla a Matéria.

Há muito vos dissemos que as vibrações primárias do espírito são extremamente simples, e que as complicações surgem devido às reações da Matéria: e esta é uma delas. A força é, em todo o lado, invariável e uniforme na sua ação, exceto onde é modificada e entra em contato com a Matéria e os seus núcleos. Tem influência sobre as partículas materiais e pode penetrá-las ou projetar-se nelas, e envolver-se fisicamente na superfície dos eletrões da Matéria.

Mas, ao fazê-lo, está verdadeiramente a penetrar e a permear os corpos maiores dos quais os eletrões formam o átomo base.

Como dissemos, não existe Matéria como Matéria, mas apenas a concentração de forças espirituais que produz aquilo a que chamais Matéria. Assim, à medida que a força espiritual é absorvida e concentrada no desenvolvimento da Matéria, compreendereis facilmente que a intuição dos filósofos era correta quando descreviam a Matéria como um vácuo de interstício na curvatura do Éter.

Ao estudar este princípio, pode adquirir-se muito conhecimento pela contemplação inteligente e intuitiva da Matéria a partir do interior e pelo hábito de compreender os seus fenómenos de dentro para fora, ou seja, com atenção à Involução em vez da Evolução.

A Gravidade não é uma força física, mas espiritual; visto que resulta, em essência, da diferença entre a força espiritual livre e aquela que está envolvida na Matéria (ou naquela forma de força modificada que conheceis como Matéria), a qual está a esgotar essa energia espiritual.

Dizemos "esgotar", mas não o é de fato, porque essas energias são apenas temporariamente absorvidas pela Matéria. Contudo, os vórtices das partículas materiais atraem-nas incessantemente. Assim, no que respeita à Matéria inanimada, a força da Gravidade não pode ser controlada nem contrariada.

MANIFESTAÇÃO DE UMA LEI SUPERIOR

Mas, no caso da unidade criativa e consciente conhecida como o Homem, os vórtices da Matéria que ele controla estão sujeitos a outras condições. Pois, no Homem, há um equilíbrio de forças espirituais, e esse equilíbrio manifesta-se no corpo. Normalmente, é pela densidade comparativa do corpo humano em relação a qualquer outra matéria que se afirma o predomínio do material.

Seguindo a regra geral da natureza inanimada, o corpo do Homem obedece, por peso, às mesmas leis que regem qualquer outro corpo nos reinos da Natureza. No entanto, no Homem existe, para além do Corpo de Espírito

conhecido como *nexus spiritus*, uma personalidade consciente e individual detentora de um poder adicional de espírito, o qual é capaz, com o tempo, de superar a lei da Matéria e de a contrabalançar.

Podemos afirmar o seguinte: existem dois tipos de lei no espírito: o primeiro, puramente espiritual, que se move em Sete Impulsos, divinos e eternos; o segundo é o resultado e produto da interação dessas sete forças com a Matéria — uma interação material que acarreta condições que se desenvolvem segundo linhas de uma lei física que é inevitável nos seus efeitos, e que promove progresso e desenvolvimento com os motivos e intenções a ela subjacentes.

COMO O ESPÍRITO HUMANO PODE VENCER A GRAVIDADE

Mas nestes Motivos, manifestos na lei, podemos detetar uma afinidade de natureza com o seu longínquo Original divino, nas sete expressões da Vontade e Intenção Originais: pois estas refletem-se na constituição das forças secundárias. Por exemplo, a Vontade é uma combinação das Sete, e o Intelecto é a aplicação material das suas interações. Ora, através do Intelecto nunca vencereis a força da gravidade: pois esta é apenas uma expressão secundária da Lei Primária, e resulta de um vácuo parcial de força espiritual (sendo física e, portanto, absorvente de energia espiritual) — um vácuo parcial criado pela Matéria, que está constantemente a absorver essa força. A Matéria está, de fato, sempre a tentar colapsar no seu próprio vórtice.

Todavia, através da remoção do controlo da força espiritual sobre a Matéria, ou antes, pela suspensão desse esforço espiritual na Matéria — o qual, como já vos dissemos, opera em toda a Criação de oriente para ocidente — é possível ao espírito vencer os atributos físicos que são o resultado das suas atividades, e mover-se de tal forma que arraste consigo o corpo físico que atualmente o prende. Esse resultado não será alcançado pelo Intelecto, mas pelo poder da Intuição ou da Emoção. E apenas quando o Corpo de Matéria tiver desenvolvido uma reserva de Emoção espiritual suficiente para superar as tendências involutivas da Massa, esse resultado será possível ao Homem.

Vida, Espírito, Movimento — tudo isso se expressou no Homem. Mas o desenvolvimento do Livre Arbítrio no indivíduo, o Poder de Escolha Livre entre o espiritual e o material, permitiu que essas Unidades que são os Filhos de Deus, os Regentes no mundo da Matéria, conquistassem tal controlo sobre o seu próprio vórtice de Matéria que o possam remover deste plano e impeli-lo contra a lei da Gravidade (que para vós é algo tão natural e inevitável), sendo transportados para outra esfera que, para vós, seria a Quarta Dimensão.

O ato, no que respeita à conquista da gravidade, parece apenas ser expressável em termos físicos. Daí que faleis de “Ascensão”. Mas “ascender”

desta forma não é desaparecer no espaço exterior, mas sim ser envolvido dentro dele.

O espírito vence os atributos físicos que são os resultados das suas próprias atividades, e move-se a si mesmo de modo a atrair consigo o corpo físico que atualmente o mantém preso. Esse resultado não será alcançado pelo Intelecto, mas sim pelo poder da Intuição ou da Emoção. E só quando o Corpo de Matéria tiver desenvolvido uma reserva de Emoção espiritual suficiente para vencer as tendências involutivas da Massa, é que tal se tornará possível ao Homem.

Vida, Espírito, Movimento — tudo isto se manifestou no Homem. Mas o desenvolvimento do Livre Arbítrio no indivíduo, o Poder de Escolha entre o espiritual e o material, permitiu àquelas Unidades que são os Filhos de Deus, os Regentes no mundo da Matéria, obter tal controlo sobre o seu próprio vórtice de Matéria que este pode ser removido e impelido contra a lei da Gravidade (que para vós é algo tão natural e inevitável), sendo transportado para outra esfera — que, para vós, seria a Quarta Dimensão.

O ato, no que toca à conquista da gravidade, parecerá, portanto, apenas traduzível em termos físicos. Por isso falareis de “Ascensão”. Mas “ascender”, neste sentido, não é desaparecer para fora do espaço, mas ser absorvido para dentro dele.

CAPÍTULO XVI

O APELO DAS SETE EMOÇÕES ESPIRITUAIS

(Trigésimo Texto)

Neste breve texto, os nossos mestres procuram transmitir-nos a oportunidade única proporcionada pela libertação das forças espirituais, resultante da dissolução das condições materiais provocada pelo caos e mortandade da Grande Guerra, para um esforço renovado em direção à conquista das verdades espirituais através do uso da faculdade intuitiva de discernimento em plena associação com o uso lógico da mente. Reiteram o fato de que esta combinação de faculdades, se corretamente equilibrada, está apta a elevar a expressão material do espírito humano a um plano mais elevado de consciência, que denominaram o Reino Intermédio.

“De forma difusa e muitas vezes inconsciente,” dizem, “a natureza instintiva do Homem e de toda a Natureza animada também, responderá ao estímulo daquelas sete cordas da Intuição que são manifestação do Espírito de Deus. Assim, sem o saberdes, até os próprios pássaros, no seu canto, exprimem infalivelmente a ordem dos sete místicos. Através da consciência deste número, que expressa também uma origem tríplice, evoluíram as línguas

atuais. Quando falais, dizeis a palavra sem o poder intuitivo de rastrear o fenómeno até à sua origem.

Reduzindo a influência a números proporcionais, alguns são absorvidos e perdidos na Matéria, e ocorrem combinações mais baixas até que, na absorção, todas as vibrações não são senão espírito envolvido e perdido na matéria.

A força do Espírito pode ser retirada e os seus esforços cessar: mas será empregue para outros fins. E na proporção da densidade da Matéria que outrora habitou, assim persistirá essa Matéria.

A intensidade do movimento já concedido persiste; e os átomos, agora mais estreitamente atraídos (sob a intensidade do vácuo espiritual criado), persistem também.
Assim, estão envolvidas duas forças: a das interações da Matéria e a da força vital ou espiritual que as agita."

OS SETE COMO TIPOLOGIA DE COR E SOM

(Trigésimo Primeiro Texto)

"O Canto de que falámos era o Canto da Natureza, evidente sobretudo no canto dos pássaros. Existem sete vibrações superiores que são as sete emoções. Reduzidas, aparecem nos seus correspondentes típicos como Luz; — donde provém a influência da Luz e da Cor sobre a natureza emocional."

Os Sete Tons da Escala Musical como Representação das Emoções

"Seguindo esta analogia num plano inferior de vibração, os mesmos Sete revelam-se como os Tons Musicais. A densidade do Éter está para a do ar como as vibrações da Luz estão para as do Som; e o Som é novamente alterado nas suas vibrações conforme a variação das densidades do ar ou da matéria.

O que quisemos transmitir foi o fato de que toda a Natureza se exprime em sete sons primários: e aqueles que estudarem o canto dos pássaros descobrirão que o seu canto está composto por sete sons e por sete frases ou sentenças. Em agrupamentos de sete está contido todo o seu canto."

A Melodia Primitiva Baseada no Canto dos Pássaros

"Isto constitui a melodia primitiva tal como os antigos a conheciam; e sobre isso, o saber e a filosofia posteriores edificaram, desenvolvendo todas as combinações que vos são mais familiares.

Afirmamos que a Música, que se aproxima da linguagem original e omnipresente da Natureza — sendo ela desprovida de palavras e expressiva apenas das emoções nas suas variações — consiste em Dois Tipos."

A MÚSICA COMO SÍMBOLO DE EMOÇÃO E IDEIA

Os Dois Tipos de Música

(i) Intuitiva)

"O primeiro tipo de Música é aquele que trata das Intuições como expressões apenas das Emoções Primárias. Por mais simples que isto possa parecer à primeira vista, é, todavia, tão complexo como o mundo da Cor. Pois, neste tipo de Música, as gradações misturam-se tal como as Sete Cores se misturam e combinam, numa complexidade apenas equiparável à diversidade das emoções humanas e das suas contradições.

Esta Música Intuitiva — tão representativa do elemento espiritual — é importante, pois apela igualmente a todos os tipos e condições de homens; sejam eles rudes ou cultos. É a expressão genuína do Espírito da Raça, o Espírito-Mãe de toda a raça humana.

Mas é colorida e modificada pela particular tonalidade emocional de cada nação da Terra. E assim como nas pinturas de todas as nações se encontram as características próprias de cada povo, também, pelo estudo da Música Nacional, se pode intuir o carácter emocional de uma nação."

(ii) Intelectual)

"Mas há um segundo tipo de Música que não exprime qualquer eco dessa perfeição simples do Divino. Este tipo é representativo das relações físicas, e das interações que são subordinadas à Intuição e ainda assim dentro do seu âmbito. É um tipo algo mecanicamente perfeito: e tem o seu apelo à natureza emocional no seu lado instintivo — isto é, no lado material da Criação. Mas isto não é a Alma. E este tipo de música não exprime de modo algum os elementos superiores ou verdadeiramente intuitivos."

A União dos Dois Tipos é Necessária para a Expressão Musical Perfeita

Podemos reconhecer facilmente aqui uma analogia pretendida entre a expressão musical e a encarnação da alma humana no seu tabernáculo físico. A parte espiritual do homem, para encontrar plena autoexpressão, deve criar para si um veículo que responda a todas as nuances de valor emocional ou ideia intuitiva. A ausência de um veículo apropriado de expressão objetiva origina um resultado que, por mais belo que seja, carece de Significado. Como exemplo dessa falta de equilíbrio entre os dois elementos, podemos considerar, por um momento, todos os tipos de arte pictórica que associamos à origem ou influência "psíquica". Muitas são, ou afirmam ser, simbólicas. São frequentemente difíceis de interpretar em termos que transmitam convicção ao entendimento, deixando uma sensação de indefinição de propósito e uma

insatisfação tanto mental como espiritual. Em suma, falham no seu propósito, por mais espiritual que seja a sua intenção.

Certamente podemos traçar um paralelo no campo da expressão literária; — nas inúmeras produções de pessoas espiritualmente inclinadas, tanto em prosa como em verso, que enchem as nossas bibliotecas e estantes: produtos emocionais que são como almas sem corpos, contendo sentimentos da mais elevada ordem, mas raramente descendo ao plano prático ou cristalizando-se em qualquer corpo definido de ensinamento que possa ser aplicado aos detalhes quotidianos da vida na Terra. Na combinação corretamente equilibrada dos Dois Tipos de Música pode, portanto, discernir-se um princípio a aplicar utilmente a todas as formas de arte e expressão humana.

Mas os dois tipos de Música podem ser combinados e, quando em perfeita combinação, apresentarão a Alma da Música em todas as suas nuances de Emoção, mas encarnadas numa forma perfeitamente expressiva dessa Emoção: constituindo em conjunto um Reino Intermédio da Música, que manifestará aquela Ordem perfeita que é a formulação da Intenção espiritual original.

Deveis compreender que toda a lei natural é, por ação reflexa, impressa no mundo espiritual com o decorrer do tempo. E, de fato, o desenvolvimento da Beleza e a variação de Carácter no mundo do espírito dependem, em grande medida, de uma expressão completa e prévia no mundo material.

Como, então, poderemos apresentar à vossa compreensão as potencialidades do Conhecimento Total, como aquelas que os Sete Fios representam? O Homem compreendeu há muito, por intuição, que, tal como a combinação das sete cores constitui a Luz, assim a união emocional correspondente deve representar o Amor, enquanto perfeição ou plenitude dos valores emocionais.

Por outras palavras, o Amor, no seu carácter pleno e completo, deve conter em si outros princípios emocionais como a Vontade, a Sabedoria, a Apreciação, a Compaixão (ou Simpatia), a Ordem (ou Justiça) e o Sacrifício. Poderíamos variar esta lista ou acrescentar-lhe elementos como Veneração (Temor Reverente) e Devoção (Culto), mas a questão da identificação exata dos Sete deixamos para um volume futuro.

Até este ponto conseguimos explicar, e é necessária uma explicação adicional para vossa orientação. Cada nação tem o seu próprio Guardião e Controlador espiritual — o seu espírito de Raça — e, no caso de qualquer grupo individual, esses sete princípios estão presentes, ainda que nunca em combinação perfeita.

Cabe ao livre-arbítrio do Homem entrelaçar os fios na devida ordem e proporção e, assim, atrair, não só a humanidade, mas também toda a Criação,

através dessa lei do Amor, pela qual a perfeição da Criação será consumada no fim.

A Inteligência Suprema no Controlo

Com isto, podeis agora compreender claramente a presença de uma Inteligência perfeita e divina, que controla cada membro do Seu Corpo, tanto espiritual como material; — não por preceito, nem por meios mortais de expressão, mas por intuições baseadas nas Emoções espirituais. Tal como no corpo humano, também aqui o desenvolvimento reside nos membros. Assim como os poderes de expressão humana se manifestam na língua e nas mãos, assim a Grande Mente — Deus Omnipotente e Omnipresente — depende, para a Sua expressão, do meio da Sua Criação: os membros do Seu Corpo.

CAPÍTULO XVII

A ENCARNAÇÃO DO MÓNADA ESPIRITUAL

(Trigésimo Segundo Texto)

O mónada espiritual, ao aproximar-se da porta da vida encarnada, é atraído por ação simpática para um vórtice emocional formado pela interação criativa do impulso sexual. O corpo a ser providenciado é apenas gradualmente materializado. Na sua origem, é, tal como o teleplasma, um complexo de forças com um poder inerente de condensação segundo a Imagem prescrita pela peculiar *entelequia* ou Arquetipo ideal. O Ego traz consigo não só uma variedade de elementos da alma-grupo como, em grau crescente, um Carácter pré-natal já formado e de natureza individual. Assim, em certos casos, a reencarnação é um termo apropriado.

"Há uma Emoção espiritual concebida como uma Forma material; e a expressão física de uma é o reflexo da outra. Na Vontade material evoluída com o propósito de entrelaçar os vórtices do Sexo no plano material reside a potencialidade dessas Sete Emoções espirituais; — mas apenas a sua potencialidade. O restante, o manto da Inteligência Adquirida, é deixado para ser desenvolvido pelo Embrião em crescimento. Pois, na verdade, nenhum conhecimento é transmitido, apenas a capacidade de o adquirir — e, o que é melhor, o desejo de o adquirir.

Basta que esse Embrião coletivo da Humanidade — a Raça do Homem — se una num único Propósito comum que anime espiritual e mentalmente a alma do indivíduo: basta que o Propósito do Indivíduo, iluminado pelo crescimento da inteligência espiritual, se torne aquele da grande congregação da Humanidade, e o livre-arbítrio do Homem, coordenado em obediência à Vontade divina, apressará o dia em que, estando todas as coisas aperfeiçoadas e prontas, nascerá o Novo Mundo.

A VESTE NUPCIAL DA PSIQUE

Já agora, nessa Dimensão que é o aposento secreto e retiro da Alma da Natureza — coletiva e individual — a Morada dos Vigilantes, eles esperam, eles trabalham, ligados pela Lembrança da sua estadia no plano da Matéria e pela atração das coisas recordadas: ainda parte da sua experiência material; sempre interessados, sempre laborando pelo cumprimento daquele Evento Divino — aquele Nascimento pelo qual esperam — sempre conscientes, na Visão mais ampla da sua intuição, da Glória que há de vir.

Dizei, necessitaríeis de Linguagem na terra, se estivésseis em harmonia e união uns com os outros no plano das Emoções?

Apenas para o desenvolvimento dos vossos destinos materiais precisais de palavras para expressar pensamento e ação: pois a Harmonia perfeita e a Beatitude perfeita residem nas intuições; e nas variantes das Sete Emoções reside um desígnio glorioso e belo para o futuro do mundo da Matéria e de todos os Seres criados.

Planeai, pois, as vossas palavras: desenvolvei o Intelecto: é esse o propósito; — mas apenas para que possais entrar em combate com o vórtice da Criação e de lá tecer uma Vestimenta Multicolorida para a alma.

Mas não esqueçais que por detrás e dentro de toda a Experiência reside sempre a Alma, imortal e imutável, — a descendente do Criador Não Manifesto: a Alma, um viajante que aprende e desenvolve o seu conhecimento em todos os países que visita; enriquecendo o seu ser com as memórias de todo o saber que acumulou; — memórias que de modo algum alteram a sua Personalidade Original exceto para efeitos de diferenciação — para que possa acrescentar ao grande Tesouro mais um aspeto da Verdade e Beleza Divinas.

Mas não esqueçais o Original que está dentro, para que não sejais como vestes multicolores sem Quem as vista. Lembrai-vos! Lembrai-vos do vosso dever original para com esse mundo do Espírito de onde a vossa alma é verdadeira habitante; para que, ao regressar ao seu lar, ela possa levar consigo Vós — o Vós Adquirido — o segundo Vós — o reflexo e o eco dessa vida terrestre que passará e, vestindo-o como veste nupcial, possa apresentar-se em esplendor ao Banquete Nupcial da sua própria Memória Ideal e Imortal."

SOBRE A VONTADE CRIADORA EM MANIFESTAÇÃO

(Trigésimo Terceiro Texto)

Os muitos elementos discordantes e conflitantes na vida física devem-se ao fato de que a maioria das atividades secundárias dos Impulsos Originais das energias divinas são reacionárias e, portanto, adversas ao Primário. Assim se tem dito que os poderes materiais são maus, por se oporem ao Bem: e, com

isso, muita hipocrisia foi introduzida nos pensamentos dos homens. Pois, segundo a teoria de certos filósofos, o contrário do Bem é o Mal, então a Divindade, sendo o criador responsável de Todas as Coisas, teria de ser tida como responsável pela criação do Mal. “Não é assim,” dizem os Vigilantes:

“Já vos explicámos que o Mal Eterno, enquanto tal, é inexistente. O princípio que se manifesta para vós como Mal é apenas o Não-Bem, ou, dito de outro modo, a Reação do Poder do Bem. Aqui tendes um exemplo do problema do Livre-arbítrio, que agora podeis ver como um desdobramento da Vontade Parental, ou Vontade do Espírito, operando na Matéria.

Não há oposição ou mal intrínseco no Livre-arbítrio, que veneramos e respeitamos como atributo da Personalidade crescente da própria Divindade, tal como se manifesta na estatura espiritual crescente da Sua criação mais elevada, o Homem.

Pois o Homem, sendo dotado de vontade independente, assumiu um vestuário material, mas com um modo de “vibração” diferente do restante da Criação. E essa diferenciação é grandemente aumentada precisamente pela força do desenvolvimento do Homem.”

O Espírito no Homem está, em todo o tempo, intuitivamente consciente da sua liberdade e protestará eternamente contra as sugestões do seu parceiro e servo sujeito ao tempo, o Intelecto, que vê as suas limitações como reais, enquanto o Espírito sabe que são ilusórias. Mas o caminho do desenvolvimento humano está orientado para um destino de Independência Material, no qual essas limitações materiais estão destinadas a ser transcendidas uma a uma.

“As reações da vontade material do Homem produziram uma independência material que o colocou num caminho fortemente divergente das ordens inferiores da criação. O Homem, no exercício do seu livre-arbítrio, pode fazer o mal, enquanto tal, apenas ao colocar as atividades materiais da sua vontade em oposição consciente à influência do Divino.

Ao fazê-lo, introduz um elemento dissonante no seu ambiente: e não só isso, mas também desequilibra a sequência e o equilíbrio preordenados da Intenção Divina; pois está a introduzir no próprio Corpo de Deus uma força de reação e resistência desequilibrada. É o equivalente a um veneno injetado nos tecidos do corpo humano.

Onde Ação e Reação são iguais e equilibradas, então os dois princípios que os homens chamam Bem e Mal estão em contrapeso exato. Mas, nessa oposição equilibrada, há total ausência de discórdia. (Assim, o que parecia ser Mal deixa de ter esse carácter.)”

O equilíbrio do lado material gera uma curva uniforme e, num meio de natureza perfeitamente elástica, essa curva será reentrante; ou seja, retornará ao ponto de partida original.

Assim, a Matéria, pura e simples, sendo o resultado de um impulso divino agindo sobre um meio perfeitamente elástico, continuará a manifestar, em perfeição, o percurso ordenado por esse Impulso original que lhe deu origem; e a sua resistência equilibrada criará uma curva perfeita que, na sua totalidade, é um Círculo.

Como o Espírito Modifica o Ciclo Material

Esse Círculo apenas o Espírito pode operar e transformar: e, pela sua ação, elevará o Círculo a uma Espiral crescente. E, no processo, o próprio Espírito torna-se envolvido e transformado.

O Dom do Livre-Arbítrio ao Homem podemos defini-lo como uma medida do Pai de Todos com o propósito de diferenciação, para estabelecer uma Lei de Variação, na qual, operando na pessoa do Homem, se pode traçar o seu crescimento até à revelação final nele de um Macrocosmo e Microcosmo do Divino. E encontrareis provas nesse crescimento da ação daqueles Sete Impulsos Primários que são atributos do Criador.

Aquele que cria coisas inanimadas não faz senão perpetuar a Sombra das suas próprias ideias de beleza ou nobreza. Mas Aquele que, da Sua própria Substância, e à Sua própria Imagem, criou e deu vida a nós, desejou acima de tudo, não a Pessoa, mas o Amor ativo das Suas criaturas: tal como o próprio Homem, criatura do Seu amor, deseja o amor da sua descendência.

Por eras incontáveis, através da lenta evolução do universo, o aperfeiçoamento gradual do Plano do Criador está a ser realizado no Homem; até que, no fim, através da perfeição do Livre-Arbítrio humano em obediência — isto é, em Verdade e Amor — o próprio Homem, e por ele toda a Criação, alcance essa perfeita Unificação (*At-One-ment*) que o Pai deseja.

É algo que se observa diariamente pelo estudante atento da natureza humana: na grande maioria dos homens e mulheres, os elementos ancestrais e da alma-grupo ainda dominam, e nenhuma medida apreciável de verdadeira Personalidade individual foi ainda alcançada. Tais pessoas ainda não descobriram um objetivo consciente na vida de natureza espiritual. Vivem nas emoções do grupo e são geralmente dominadas pelo impulso sexual na sua forma mais material. Tais pessoas devem ser vistas como não tendo ainda uma vida espiritual individual a levar consigo de volta ao mundo da atividade subjetiva.

Conforme as suas simpatias, irão instintivamente ligar-se a um ou outro dos grandes grupos ou famílias de almas nas esferas desencarnadas, partilhando a vida em grupo e o seu carácter emocional. Mas o Plano visa continuamente a evolução de indivíduos verdadeiros em número crescente e, no dia da perfeição da Raça, haverá um lugar no esquema, por mais humilde que seja, para o menor dos irmãos em quem se reflita a Imagem.

CAPÍTULO XVIII

ELEMENTOS PSÍQUICOS NA HEREDITARIEDADE

(Trigésimo Terceiro Texto)

Neste texto, os Vigilantes apresentam o tema daqueles em quem os elementos ancestrais e de grupo ainda são dominantes, mas mais no sentido físico ou constitucional do que no sentido espiritual: pois os membros de um clã podem, como indivíduos, ser espiritualmente avançados e, ainda assim, partilhar das simpatias psíquicas da vida do clã e até utilizá-las como meio de desenvolvimento.

"Já vos dissemos," afirmam os Vigilantes, "que as faculdades intuitivas são as únicas transmitidas ou transmissíveis por herança de pai para filho. O Conhecimento material, por outro lado, é adquirido durante a estadia do indivíduo na vida terrena. A tendência para a aquisição de certos tipos de conhecimento é hereditária."

Simplicidade da Psique nos Clãs

Assim, vereis facilmente que uma comitiva limitada ou um ambiente restrito favorecerá uma maior simplicidade na combinação dos sete impulsos emocionais primários da alma.

No caso de um grau elevado de casamentos entre membros de um mesmo clã ou raça, obter-se-á uma melhor gradação; mas haverá uma menor acentuação de características peculiares aos indivíduos. Trata-se de uma lei matemática em operação; e essa lei expressa-se melhor como "tocar as variações".

Onde, como no caso do casamento entre pessoas já aparentadas por sangue, existe uma acentuação, ou mesmo duplicação, de características idênticas herdadas e transmitidas de pais para filhos, isso resultará, por vezes inevitavelmente, em mania ou perda de equilíbrio.

Seria demasiado longo explicar o entrelaçamento exato do sistema e a regulação dos resultados finais; mas, resumidamente, encontrareis que, em clãs de população limitada, surge um reforço marcante das emoções elementares e intuitivas, e uma consequente simpatia entre os membros vivos e falecidos do clã.

Este fato conduz frequentemente a um aumento da visão e a uma intensificação dessa faculdade dentro da esfera compreendida pela área de influência limitada do clã. Há também uma resposta mais forte às vibrações da mente coletiva do clã ou da alma-grupo do clã. Isto expressa-se como "segunda visão" ou clarividência.

Fora da área de influência do clã, haverá pouca ou nenhuma segunda visão*, embora a individualidade combinada do clã possa muito bem estar mais consciente, como grupo, de impressões obtidas de forma semelhante a partir de vibrações subtis vindas do exterior da esfera de influência do clã. Esta influência é, então, uma herança da raça; mas, com a perda de ênfase, a tendência torna-se menos evidente. A experiência do clã é demasiado material para ser apreciada pelo Espírito.

A simplicidade da organização psíquica favorece a intuição recíproca entre os membros do clã. Como ilustração, se colocásseis uma grande variedade de instrumentos musicais num local onde pudessem responder a determinado tipo de vibração, notaríeis que eles responderiam de forma simpática, de acordo com a precisão da sua afinação.

Assim, certas unidades, membros de um clã, podem desenvolver intuições semelhantes (como vibrações) que são réplicas quase exatas umas das outras. Mas noutros, as simpatias podem estar quase indiferentes a esse estímulo intuitivo. Ver-se-á, então, que, nos clãs, esse poder, embora geralmente evidente, está sujeito a variações provenientes do espírito do clã.

O espírito de Intuição é o elo de ligação entre os encarnados e os desencarnados; pois é o mesmo em ambos: — um elo entre o humano e o divino — e pode atuar de forma simpática, ou não, conforme a exatidão relativa da “afinação” ou concordância de condição derivada do espírito do clã.

A Sintonização da Natureza Instintiva como Influência de Controlo

(Trigésimo Quarto Texto)

“A seguir, este Espírito de Intuição, se em sintonia, pode controlar o laço de união existente entre si mesmo e a consciência material. Neste fato reside o valor e a eficácia da Oração, tanto em indivíduos como em raças. É por isso que os instintos bons e maus são tão eficazes no controlo da conduta dos homens.

Através do Autor do Bem, o Diretor do Mundo, vontades tirânicas são, aqui e ali, movidas a responder à influência espiritual na medida da sua permeabilidade ao Espírito.

Pois o Espírito pode inspirar neles um movimento concordante e, assim, estimular uma reação espiritual. Mas a vontade material é densa na proporção da sua resistência à vibração espiritual; e, se o Espírito retira a sua influência da Matéria, então a densidade da Matéria aumenta.”

O Criador Consciente da Resistência da Matéria

Não há dúvida de que o Criador está fortemente consciente das resistências da Matéria. E a Sua conquista progressiva das suas oposições e reações é o poder da Palavra para a subjugação de todas as coisas.

À medida que o Seu poder cresce com o domínio progressivo do Espírito sobre o mundo físico, assim também os movimentos vibratórios da Matéria se tornam modificados e intensificados numa modalidade espiritual: e, igualmente, à medida que a Matéria intensifica os seus movimentos concordantes, assim a consciência crística avança na Humanidade para um controlo mais completo. Assim o Livre-Arbítrio do Homem é trazido, pela Simpatia Divina, à cooperação com Deus.

Mas o verdadeiro problema do Livre-Arbítrio é de difícil expressão. Muitas vezes trata-se da Vontade do Criador, na medida em que Ele deseja promover a individualidade independente na Raça, mais do que a ênfase pessoal dos seus tiranos."

Deste modo, os ideais nacionais e raciais devem ser estimados e unificados numa concordância espiritual entre os indivíduos que compõem cada grupo, e não devem ser submersos em qualquer ideal cosmopolita. Mas a sua preservação enquanto ideais nacionais é compatível com o desenvolvimento de uma Política Mundial e irá enriquecê-la imensamente.

A sintonização da natureza instintiva profunda de uma nação é a educação da alma de uma raça para se tornar senhora do seu destino nacional e controladora desse Destino no quadro evolutivo do Criador.

Veremos, no texto seguinte, como a Alma de uma Raça, no que respeita aos seus elementos psíquicos mais materiais, subsiste e persiste no solo da sua terra natal, mais do que nos corpos dos seus membros vivos.

A Alma de um Povo

(Trigésimo Quinto Texto)

"A Simpatia é a Chave da Intercomunicação entre Deus e o Homem. É também a chave da Expressão de Personalidade entre Homem e Homem.

Pois a Simpatia responde, enquanto a Antipatia, sendo uma dissonância, gera caos na vida e na natureza.

Curiosamente, o poder vibratório da simpatia, aplicado a uma unidade racial, é, pelo menos no que toca aos elementos materiais e não espirituais, intensificado na massa de matéria inanimada que constitui um território ou país."

Isto significa que o Espírito de Raça, como lhe chamais, reside nessa matéria inanimada — nesse solo — mais do que nos corpos das pessoas vivas. Este fato explica a “nostalgia” ou saudade pela terra natal, que possui a alma de todas as raças há muito estabelecidas e ressoa como um tom perpétuo de tristeza no coração do exilado.

Assim, embora a criação de fronteiras nacionais seja geralmente considerada um assunto ou arranjo puramente artificial, na realidade, não o é. Tais fronteiras são antes determinadas pela obediência inconsciente dos vivos aos ditames do espírito de raça, que reside perpetuamente nas terras que as raças há muito tempo habitam.

Portanto, quando as fronteiras são violadas, o espírito de raça revolta-se: habitando no seu próprio ambiente, mas sendo chamado a agir sobre um meio vivo que lhe é estranho. Consequentemente, uma de duas coisas deve acontecer: ou as fronteiras devem ser retificadas, ou a raça invasora deve ser transformada segundo a semelhança e as características da raça que substituiu.

Este processo nem sempre será evidente: pois, no decurso das gerações, acontece não raramente que a raça que uma vez possuiu a terra retorne como conquistadora à terra dos seus antepassados. E isso ocorreu com mais frequência do que os vivos costumam perceber.

Parece, segundo o que os Vigilantes disseram no Trigésimo Quinto Texto, que entre colonos de origem estrangeira que se tornaram membros naturalizados de uma comunidade racial bem estabelecida, se pode esperar uma progressiva conformidade com o tipo nacional dominante.

Mais ainda, quando um novo país é colonizado por uma raça de outro tipo de civilização — talvez com uma cultura superior, como tantas vezes ocorreu nos tempos modernos — pode surgir uma tendência subtil para a infusão de traços psíquicos próprios da raça aborígene cujos membros foram deslocados ou desapareceram.

Esta tendência para a reprodução de uma psicologia racial submersa observa-se especialmente como resultado tardio da conquista, e da captura de mulheres de uma raça vencida para se tornarem mães de uma geração posterior. No Sexto Texto, isto é afirmado como sendo a intenção da Guerra enquanto agente único capaz de promover essa fusão de características nacionais que, em tempos mais recentes, pode ser — e é — alcançada pelo comércio.

A Intenção da Guerra e os Seus Usos

“Consolastes-vos com a convicção de que batalhastes pela justiça, pela liberdade e pelas nações mais fracas. Centenas de convicções meritórias sustentam-vos e confortam-vos, escondendo a grande necessidade subjacente

de atividades comerciais e nacionais que foram igualmente poderosas no lançar do desafio à guerra.

O predomínio do justo consciente está do vosso lado; e, somado a isso, travastes uma guerra de acordo com princípios que são, em si, espirituais mais do que brutais e materiais. Assim, os vossos espíritos foram elevados acima dos do inimigo.

Ainda assim, em ambas as nações, os elementos ou princípios que levaram à guerra foram frequentemente idênticos, embora geralmente incompatíveis segundo as perspetivas relativas dos dois grupos opostos."

A Verdadeira Causa do Fracasso da Alemanha

"A verdadeira razão pela qual a balança pendeu a vosso favor é, intrinsecamente, esta: — baseardes os vossos métodos no espiritual, em vez de no material e brutal. Vós escolhestes o espiritual, eles o brutal. É aí que diferis. Assim existe uma razão no plano universal para a vitória sobre a Matéria e os princípios da Matéria.

A sobrevivência do mais apto — a melhor base de governo — estavam do lado do inimigo. E, em circunstâncias normais, e no desenvolvimento do maior benefício do Homem, deveriam ter vencido.

Mas, como sabeis — e como vos dissemos — a Era do Espírito aproxima-se rapidamente, e as antigas condições estão a terminar. Portanto, vencereis, e assim a Velha Era chega ao fim.

A intenção da guerra — a interpenetração da força material dos vencedores pelo espírito e alma dos vencidos — já não é necessária nem desejável."

DOMÍNIO DO MÉTODO ÉTICO NA GUERRA

"Pela primeira vez na história da Humanidade, as regras foram invertidas, pois agora, pela primeira vez na evolução da Terra, o Espírito não só é triunfantemente dominante, como esta dominação tornou-se finalmente necessária para o benefício da humanidade.

Para resumir: o inimigo combateu com princípios que, em tempos antigos, inevitavelmente lhe teriam trazido a vitória, na medida em que esses princípios visavam a melhoria física e material da raça. Assim foi sempre — até hoje: e sempre, quando o mundo caiu de uma falsa civilização para as trevas da barbárie e da ruína, então, dessa condição, as flores do jardim foram espalhadas e difundiram o seu perfume por todo o lado.

Agora, pela primeira vez, essas flores já não devem cair: e embora, após a guerra, haja muita dor e sofrimento, e muito enxerto e poda sejam necessários; em vez da destruição de uma civilização para o benefício final da raça, a Civilização é considerada indigna dessa pena.

Permite-se que continue — defeituosa e imperfeita, sem dúvida; mas ainda assim capaz de ser podada e transformada rumo a maiores perfeições. Assim, em vez dos horrores da Conquista, seguir-se-ão as Dores da Reconstrução."

A Alemanha como Tipo Material

A Alemanha é tomada como símbolo do poder material na sua tentativa de dominar o espiritual. Tal como aparece noutros textos, a Rússia é vista como representando o extremo oposto. Representa o psíquico e o intuitivo, que, devido à sua fraca experiência no controlo da matéria, manifesta os excessos do idealismo ainda não educado para se exprimir de forma ordenada neste plano terrestre — e por isso corre desenfreada, dilacerando a sua própria constituição.

Separadas, representam tipicamente os Extremos, o Oriente e o Ocidente simbólicos. Devemos então esperar, num sentido mundano, um Reino Intermédio da união final do génio e cultura das duas nações. O génio do eslavo desviará gradualmente para caminhos mais espirituais a ambição incansável e inquieta do teutão, cujas energias e indústria, embora desviadas para fins materiais, são contudo capazes de uma magnífica transmutação quando aplicadas a propósitos humanos e construtivos mais amplos.

O Nascimento de uma Consciência Racial

(Trigésimo Sexto Texto)

"Deveis compreender que as limitações das fronteiras, ou melhor, os resultados do agrupamento, possuem as suas diversas condições: — o Espírito de Raça está, como regra, confinado a certas áreas que anteriormente referimos como Nós ou Esferas de Influência no campo magnético geral da Terra. Para compreender isto, deveis também apreciar a estreita ligação entre Vida e Eletricidade, que é o elo de ligação, o fluxo de e para o Espírito e a Matéria."

Os Vigilantes dizem que o magnetismo terrestre se concentra, sob a influência solar, em certos locais definidos à superfície da Terra, e esses tornam-se os núcleos da vida racial e nacional.

"Esta influência, sendo inteiramente espiritual, pode ser aproveitada em todo o lado pelas forças do Homem encarnado e pode ser concentrada por reações materiais para desenvolver uma Unidade Racial.

Mas estas condições apenas gerarão Vida, e não a Entidade. Para a criação da Entidade é exigida a involução de um princípio espiritual, e não apenas a influência do espírito de fora. No entanto, visto que este modo prototípico da Energia do Espírito se envolveu nestes nós magnéticos, a sua influência está sempre presente e torna-se manifesta mesmo sem poder dar expressão individual ou operar na formação de um carácter individual."

O Núcleo do Israel Espiritual

Uma vez, na história deste mundo, uma tribo ou clã, pelo exercício do consentimento comum — ou melhor, pela manifestação precoce do livre-arbítrio num grupo de indivíduos (entidades) agindo com concordância de propósito como consequência da ligação sanguínea — separou-se da comunidade dos homens e manteve-se à parte da raça.

Esse afastamento da vida instintiva começou numa vertente especializada da intuição religiosa. Foi reforçado pela comunicação individual com certos pensadores avançados. Esta primeira segregação foi um prelúdio ao advento final da consciência e do livre-arbítrio no indivíduo em geral. Assim, o nascimento de uma consciência religiosa na raça como um todo precedeu o desenvolvimento da consciência pessoal e do sentido de responsabilidade espiritual individual.

Nascimento da Consciência Individual a partir da Tribal

Pois, com o advento — ou a previsão — da verdadeira Individualidade nos membros de uma raça, surge a receção de uma responsabilidade pessoal até então desconhecida, exceto no caso daqueles poucos Mestres designados que a haviam alcançado e se tornaram veículos reconhecidos para tal responsabilidade.

O Caminho Aberto para a Consciência Superior

Assim foi preparado o caminho para o nascimento da consciência superior — o Christus — no homem individual. Com as Tribos do número original espalhadas pela Terra, portando a luz da sua responsabilidade espiritual, cada uma segundo as necessidades do ambiente a que estava destinada, duvidareis vós que a Visão dos Pastores nas planícies iluminadas pela lua da Judeia tenha sido de fato uma perceção verdadeira da abertura de uma nova era na história do mundo?

Não tendes razão para duvidar da autenticidade e precisão histórica da narrativa das Escrituras: pois, mesmo nas obras não inspiradas do grupo racial

hebreu, a história era relatada em obediência a um propósito espiritual de verdade perfeita — embora ajustada de forma imperfeita à cronologia e ao fato. Assim também, o Advento de uma Nova Revelação foi verdadeiramente — e, neste caso, precisamente — expresso no que toca ao tempo, fato e localidade; mesmo que, para o intelecto material, nenhum traço seguro possa ser encontrado nas crónicas da história hebraica.

Mas a parábola espiritual — o advento de uma nova consciência individual — não tendo Tempo nem Lugar, não pode coincidir com os fatos escritos e aceites da história, tal como registados pelos cronistas de eventos materiais.

Aqueles que, no seu saber intuitivo, encontraram os fatos remotos e materialmente apresentados que acompanhavam as mudanças espirituais que observaram, esforçaram-se por exprimir, na linguagem da sua raça, essas impressões que sabiam ser fatos espirituais: e estavam certos. Pois, tanto antes como depois da suposta data do “Anno Domini”, a Alma Individual embrionária recebeu a liberdade de escolha e a independência do controlo paternal da Raça.

E à medida que o Cristo, símbolo dessa liberdade, apareceu na Terra — ali, na Casa da nossa Raça, no centro do mundo conhecido, numa data tão tardia quanto a era tradicionalmente aceite — nasceu, trazendo consigo o novo princípio espiritual de uma Consciência Individual.

Não de forma esporádica, mas como Primogénito, como Primícia, Ele encarnou esse princípio. Emergindo, tal como a primeira Intuição do Homem, em forma mínima — o núcleo de um único indivíduo — passou primeiro pelo meio dos ramos principais da raça-mãe e, daí, espalhou-se para os ramos mais jovens dispersos por toda a extensão da Terra conhecida.

A Tirania Temporal do Intelecto e a Escravidão da Psique

Os Vigilantes mostraram como, nos assuntos religiosos, a ambição temporal pelo poder aprisionou o elemento psíquico espiritual ou intuitivo, subjugando-o aos seus fins e políticas. Assinalaram também um processo semelhante em funcionamento constante na guerra e na conquista, onde são sempre os povos psíquicos primitivos que são absorvidos e submersos pelas nações rudes e materialistas, que, durante algum tempo, parecem obliterar as características mais espirituais das raças vencidas, apenas para, mais tarde, se verem secretamente e subtilmente impregnadas por esses mesmos traços e faculdades que anteriormente apenas apreciavam como sinal de obediência.

Por mais dura e cruel que tenha sido essa dinâmica — cheia de sofrimento mudo e injustiça para os vencidos — no quadro mais amplo do crescimento de uma dualidade equilibrada de mente e alma nas raças dominantes da Terra,

quem poderá dizer que não terá sido necessária para a evolução de tipos superiores?

Dois exemplos notáveis desse processo podem ser brevemente recordados, pois influenciaram profundamente vastas secções da humanidade no nosso período histórico moderno.

O primeiro refere-se à raça hebraica — um povo impossível de escravizar, e por isso disperso, exilado e perseguido por toda a Cristandade, e no entanto dependente dos seus tiranos para todas as origens e tradições espirituais dos seus sistemas religiosos, bem como para grande parte do valor cultural acumulado ao longo dos séculos nas artes, na música e na filosofia idealista. Através desta Diáspora — esta dispersão universal — o milagre foi realizado de uma disseminação do pólen daquela flor de cultura ética original e de conceito monoteísta puro, que durante mil anos floresceu na reclusão do vale do Nilo.

O segundo é ainda mais notável. As suas promessas só agora começam a manifestar-se. Os seus frutos estão ainda verdes. Mas, num futuro não distante, pode significar nada menos do que a salvação da nossa civilização material moderna do abismo da corrupção intelectual.

Nos últimos quatro séculos, tribos inteiras de sangue etíope foram arrancadas da sua própria terra e deportadas como escravas para outros continentes — especialmente para o novo foco de civilização no hemisfério ocidental. Trouxeram consigo todo o elemento de simplicidade espiritual e psíquica primordial que, nas raças dominantes, tem vindo a atrofiar e a submergir progressivamente.

Como os judeus, foram desprezados — apreciados apenas por aquelas qualidades de obediência dócil e infantil que faziam parte do seu legado étnico e eram tomadas como sinais da sua inferioridade no desenvolvimento intelectual do lado material. Essa falta tornou-os impotentes para resistir ao poder dos seus conquistadores. Mas, inevitavelmente, o processo de fusão entre essas duas qualidades contrastantes e desequilibradas começou e foi acelerado pelo avanço da miscigenação — a mistura de sangues — numa extensão provavelmente não percebida por qualquer observador superficial, que apenas nota os contrastes e percebe as ainda óbvias diferenças de cor, feições e mentalidade.

O solo do continente norte-americano é, além disso, a terra natal do Homem Vermelho, em cuja natureza o desenvolvimento psíquico de grande poder foi dominante. Segundo a doutrina dos Vigilantes, esse traço ou génio tribal não terá perecido com o desaparecimento dos indivíduos da raça, mas permanecerá no próprio solo e continuará a expressar-se nos novos ocupantes da terra.

Propõe-se como uma afirmação clara que o futuro espiritual da América será, doravante, largamente influenciado pelo fermento dos elementos psíquicos inerentes às raças Negra e Indígena Americana; e que estes terão o poder de reavivar, nas mentes materiais das pessoas de ascendência “branca”, aqueles elementos subtis da intuição espiritual que nelas praticamente desapareceram. Já é notório o atrativo desses elementos em todos os estratos da vida social americana, e até a valorização das formas mais rudimentares da arte, música, simbolismo e humor etíope influencia diariamente o pensamento e a imaginação dos seus irmãos brancos.

Fusão Progressiva de Elementos Psíquicos

Sobre este substrato, crescerão em breve as flores mais finas do espírito. E o instinto de amor e de esquecimento das ofensas que o Todo-Poderoso implantou no seio do negro estará sempre pronto a responder — e a responder generosamente — ao reconhecimento por parte dos homens e mulheres da raça dominante, cujo maior desempenho e poder no domínio do intelecto está, por sua vez, a influenciar o negro de forma cada vez mais profunda.

Se os nossos irmãos etíopes tivessem alimentado um motivo de ódio nacional e vingança por antigas injustiças — o que poderiam naturalmente ter feito — não haveria futuro para a civilização americana. Mas, no Grande Desígnio das Coisas, não está escrito que assim deva ser. O único obstáculo ao cumprimento devido do destino da raça — que será uma raça na qual o espírito e a alma do negro estarão plenamente absorvidos no brilho intelectual do europeu — é a sobrevivência e perpetuação do preconceito racial e da barreira da cor. Isto terá de desaparecer — e desaparecerá com o tempo — e com ele também toda a ideia de superioridades ou inferioridades nacionais. Pois tais coisas não existem.

As raças brancas são superiores no intelecto, mas as raças escuras são superiores no poder da alma e do espírito. E os dois elementos devem fundir-se, pois esse é o seu destino. E cabe a ambos, igualmente, assegurar que assim será.

Neste contexto, pode não ser despropositado recordar o fenómeno constantemente observado do “guia” ou “espírito de controlo” indígena norte-americano que afirma a sua presença nos círculos espiritualistas — um sinal de uma infiltração psíquica quase universal na sua manifestação. É impossível rejeitar este fato atestado de forma tão contínua como simples produto do subconsciente do médium, se não for por outro motivo, então por este: em grande parte dos casos, a aparição destes “controles” parece ser completamente espontânea.

APÊNDICE I
Cópia de carta de Sir William Barrett, F.R.S.

(*Reimpresso de "The Hill of Vision", A Colina da Visão, pp. 132-133*)

2 de abril de 1918

Caro Sr. Bond,

Estive fora da cidade durante alguns dias e a sua carta interessante, com o guião automático desse dia (Sexta-feira Santa, 29 de março), acaba de chegar até mim.

Antes mesmo de ler o guião com a sua afirmação confiante de que "a maré mudaria no Domingo de Páscoa", a primeira coisa que me chamou a atenção ao abrir o *Westminster Gazette* e outros jornais foi o título em letras maiúsculas: "A maré mudou no Domingo de Páscoa." Ou seja, o terrível receio que o país inteiro sentia, devido à grande ofensiva alemã de março e à sua vaga de desastre sobre as nossas tropas, foi travado precisamente no Domingo de Páscoa.

Só podemos esperar e rezar para que a maré mude agora a nosso favor, e que o Domingo de Páscoa prove ser o ponto de viragem crucial.

Quanto ao novo procedimento que adotou de ler em voz alta para o médium automatista, de modo a interessar a sua mente no que está a ser lido e assim desviar-lhe a atenção do guião — esta é uma ideia muito feliz e um excelente método. O eu consciente fica assim envolvido em pensar e refletir sobre o que está a ser lido, e o eu subliminar fica mais livre para agir.

Com os melhores cumprimentos,
(signed) **W. F. BARRETT**

P.S. — É por isso que o meu método de vendar os olhos dos participantes nas experiências com a tábua Ouija tem sido tão útil. De fato, o participante recebe mensagens mais rápidas e coerentes quando está completamente vendado. Espero sinceramente que possam continuar com estas experiências tão interessantes, valiosas sob todos os pontos de vista.

ATESTADO DE MR. JOHN ALLEYNE

(*Capitão John Allen Bartlett*)

O Automatista

Desejo declarar, para informação dos leitores, que aceitei participar nestas sessões de escrita automática unicamente por deferência à sugestão de Sir William Barrett, tal como me foi transmitida pelo meu amigo Mr. Bond, e sem qualquer ideia pré-concebida quanto à natureza dos resultados que poderiam surgir.

Não consigo reconhecer no conteúdo dos guiões resultantes qualquer reflexo apreciável de ideias minhas, e embora seja um leitor generalista e possua boa memória, verifico com curiosidade que, muitas vezes, sou incapaz de reter uma impressão mental clara dos textos depois de me serem lidos.

É-me, por natureza, difícil escrever uma carta ou manter uma conversa na presença de qualquer influência distrativa, como música ou conversa alheia. Contudo, durante as nossas sessões, a minha atenção está inteiramente concentrada na leitura de Mr. Bond, e sinto que a minha mão se move de forma totalmente independente da minha vontade.

Nunca estudei filosofia de forma séria e não acompanhei os desenvolvimentos do pensamento teosófico moderno. Com o Espiritualismo sempre mantive escassa simpatia. A Ciência Aplicada e as Artes sempre me atraíram, e os meus passatempos incluíram várias modalidades de desporto, bem como poesia e literatura.

Sou oficial reformado, conservador em política, embora em simpatia com o atual movimento de reconstrução.

ATESTADO DE MISS MAUD WINGATE

Estive presente em algumas das sessões realizadas entre Março e Dezembro de 1918 e posso testemunhar o fato de que a leitura feita por Mr. Bond foi contínua e que a escrita de Mr. Alleyne também decorreu de forma contínua, sendo rápida e muito uniforme na sua cadência.